

DESINTOXICANDO A ALMA

DE CARA LIMPA EM UM MUNDO CONTAMINADO

CRAIG GROESCHEL

Vida

EDITORA VIDA
Rua Isidro Tinoco, 70 Tatuapé
cep 03316-010 São Paulo, sp
Tel.: 0 xx 11 2618 7000
Fax: 0 xx 11 2618 7030
www.editoravida.com.br

©2011, Craig Groeschel
Originalmente publicado nos EUA com o título *Soul Detox: Clean Living in a Contaminated World*
Copyright da edição brasileira ©2013, Editora Vida
Edição publicada com permissão de Zondervan, (Grand Rapids, Michigan, EUA)

■

Todos os direitos desta tradução em língua portuguesa reservados por Editora Vida.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Editor responsável: Marcelo Smargiasse
Editor-assistente: Gisele Romão da Cruz Santiago
Tradução: Jurandy Bravo
Revisão de tradução: Andrea Filatro
Revisão de provas: Josemar de Souza Pinto
Diagramação: Karine P. dos Santos
Capa: Arte Peniel

Scripture quotations taken from Bíblia Sagrada,Nova Versão Internacional, NVI ®
Copyright © 1993, 2000 by International Bible Society ®.
Used by permission IBS-STL U.S.
All rights reserved worldwide.
Edição publicada por Editora Vida, salvo indicação em contrário.

■

Todas as citações bíblicas e de terceiros foram adaptadas segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

1. edição: ago. 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Groeschel, Craig
Desintoxicando a Alma: de cara limpa em um mundo contaminado / Craig

Groeschel; tradução Jurandy Bravo. — São Paulo: Editora Vida, 2013.

Título original: Soul Detox: Clean Living in a Contaminated World
ISBN 978-85-383-0282-7

1. Crescimento espiritual 2. Vida cristã I. Título.

13-06034 CDD- 248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida Crsitã: Cristianismo 248.4

Amados, insisto em que,
como estrangeiros e peregrinos no mundo,
vocês se abstenham dos desejos carnais
que guerreiam contra a alma.
— 1Pedro 2.11

Sumário

Agradecimentos
Introdução: De cara limpa

Parte 1
COMPORTAMENTOS TÓXICOS

1. A contaminação do engano: Face a face com a verdade
2. Pensamentos infecciosos: Superando falsas crenças
3. Linguagem letal: Experimentando o poder das palavras construtivas
4. Desperdício perigoso: Revelando pecados ocultos

Parte 2
EMOÇÕES TÓXICAS

5. Raízes de amargura: desenterrando a fonte destrutiva de ressentimento
6. Verde de inveja: Espalhando o pó-de-mico da comparação
7. Roxo de fúria: Neutralizando o ácido da raiva
8. A contaminação do medo: Livrando-se da esganadura do pânico

Parte 3

INFLUÊNCIAS TÓXICAS

9. O envenenamento do humor: purgando-nos das falsas promessas do materialismo
10. A guerra dos germes: purificando a vida das toxinas culturais
11. Relacionamentos radioativos: amando pessoas doentias sem adoecer
12. Quando a religião desanda: jogando fora o legalismo embolorado, as igrejas mimadas e os cristãos azedos

Conclusão: Limpo e sóbrio

Agradecimentos

Agradeço a todos os meus amigos pelo apoio, encorajamento e auxílio na publicação deste livro. Sinto-me particularmente grato a:

Duddley Delffs. Você faz com as palavras o que LeBron James faz com uma bola de basquete. Sou seu fã número 1.

Tom Dean, Cindy Lambert, Brian Phipps e toda a equipe da Zondervan. Admiro o compromisso de vocês com a excelência e com a publicação de obras centradas em Cristo.

Tom Winters. Obrigado por sua sabedoria em projetos editoriais e todo o resto. Você é mais que um agente. É também um amigo de confiança.

Brannon Golden. Obrigado pelo trabalho nos primeiros estágios do projeto. Sua família é uma bênção enorme para a nossa igreja e para mim.

Ali Burleson. Você é mestre em edição final. Mais, você é uma jovem muito especial.

Lori Tapp. Obrigado por preservar a minha sanidade mental no escritório. Você é uma dádiva.

Catie, Mandy, Anna, Sam, Stephen e Joy. O amor de vocês por nosso Salvador me abençoa mais do que se pode imaginar. Tenho muito orgulho de vocês.

Amy. Você é a minha "menina" cristã. Louvo a Deus por nos unir.

Introdução

De cara limpa

Deus não busca vasos de ouro e não pede vasos de prata, mas precisa de vasos limpos.

— Dwight L. Moody

Quando criança, eu tinha a impressão de que todos os adultos fumavam, de que todas as mães faziam girar cigarros da marca Virginia Slims entre os dedos enquanto os pais conversavam com um Marlboro ou um Camel pendurado no canto da boca. Todos saboreavam seus cigarros, melhores, imaginava eu, do que a maioria dos fumantes da década de 1960. Meus pais, maravilhosos em tantos aspectos importantes e bastante enturmados, fumavam ao menos dois maços por dia.

Criado em uma casa cheia de fumaça, o odor do cigarro nunca me incomodou. Uma visita não fumante o identificaria de imediato e talvez até reclamasse, mas a minha família pouco se importava com isso. É provável que a maioria de nós tenha um aroma associado à fase de crescimento — do produto de limpeza com perfume de pinho usado pela mãe ao desodorante Old Spice do pai. Para mim, era o cheiro da fumaça de cigarro. Considero-o reconfortante, por estranho que pareça, pois era o que emprestava à minha casa o perfume de lar.

Como os pais de todos os meus amigos também fumavam, a casa deles tinha o mesmo odor — exceto a de Mike. Embora eu desconhecesse a razão disso na época, lembro-me de adorar o cheiro da casa de Mike. Cada vez que passava por sua porta de entrada, era como se tivesse sido transportado para um comercial de Bom Ar. É difícil descrever o cheiro de “limpeza”, mas eu tinha a impressão de que a mãe de Mike conhecia sua fórmula secreta. Todos os cômodos não apenas

reluziam, como exalavam um perfume extremamente alegre e fresco, de limão; era como se a mãe dele tivesse acabado de limpar a casa com lustra-móveis antes da nossa chegada. Pensando bem, sei que o cheiro de frescor não se devia apenas à presença de aromatizantes de ambiente, mas à ausência de fumaça de cigarro. Ninguém fumava na casa de Mike.

Conquanto os riscos que o cigarro representasse para a saúde fossem bastante conhecidos na época, tudo isso aconteceu alguns anos antes de a American Medical Association publicar suas descobertas sobre os perigos para os fumantes passivos, em especial as crianças. Suas conclusões levaram a uma série de anúncios públicos mostrando crianças pequenas acendendo cigarros, soltando baforadas e outras cenas chocantes de mesmo teor. Nenhum pai ou mãe estava tentando envenenar a família e lhe causar problemas de saúde. Mesmo assim, sem saber, punham em risco aqueles a quem mais amavam — incluindo eles próprios.

Onde há fumaça

Hoje acho isso engraçado, mas de uma maneira triste, irônica. Pais de todos os formatos e tamanhos advertiam os filhos com muito amor: “Olhe sempre dos dois lados antes de atravessar a rua”; “Vista o casaco para não pegar um resfriado”; “Lave as mãos para não ficar doente”; “Não entre na água depois de comer”. (Esta eu continuo sem entender.) Embora fizessem tudo o que estavam ao alcance deles para nos manter seguros e proteger-nos, sem que tivessem consciência, muitos envenenavam os filhos transformando-os em fumantes passivos.

Não me apercebi de quanto meu lar era insalubre até ficar fora dele tempo suficiente para respirar com liberdade e experimentar a diferença. Na verdade, depois de, pela primeira vez na vida, viver em um ambiente livre de fumaça no dormitório da faculdade, quando voltei para casa, fiquei chocado.

As paredes, das quais eu me lembrava serem de um branco imaculado, ostentavam um matiz mortiço e amarelado. Uma leve película cinza cobria o ar.

Mesmo quando ninguém tinha um cigarro aceso, uma névoa inconfundível enchia o cômodo e nos envolvia a todos. Assim que entrei pela porta de casa, o cheiro me recebeu como um tapa na cara. No lugar do perfume confortável e familiar da minha casa, o meu antigo local de habitação rescendia a cinzeiro sujo amanhecido.

Retornei para a escola, e o meu colega de quarto “Spiff ” torceu o nariz quando entrei no quarto. Era evidente que as minhas roupas e a minha mochila carregavam o cheiro bolorento de fumaça de cigarro. “Você está fedido!”, ele gritou antes de atirar a minha mala no corredor e me mandar tomar um banho.

O meu estômago apertou quando tomei pé da situação. Nos primeiros dezoito anos da minha existência, vivi dentro de uma nuvem de fumaça de segunda mão, alheio a como ela se infiltrava na minha pele, nos meus pulmões, na minha garganta. Não só eu cheirava como uma chaminé, mas, sem saber, inalava veneno dia após dia. Nunca culpei os meus pais; tampouco eles sabiam que o fumante passivo corre praticamente os mesmos perigos que o ativo. Mas a ignorância deles não mudava a realidade dos fatos.

Poluição espiritual

Orgulho-me de dizer que tanto o meu pai quanto a minha mãe venceram o vício em tabaco e fizeram o que muitos parecem ser incapazes de fazer — pararam de fumar. Ambos reconheceram que algo apreciado e aceito tinha o potencial de causar danos a eles e àqueles a quem mais amavam.

Estou convencido de que muitos de nós vivemos nesse mesmo tipo de armadilha perigosa no que diz respeito à saúde espiritual. Sabemos que determinada coisa não parece muito certa, que não nos aproxima mais de Deus nem nos faz seguir Cristo como gostaríamos, mas não conseguimos identificar a razão exata disso. Embora creiamos em Deus e desejemos agradá-lo, acha-mos difícil servi-lo com paixão e coerência. Queremos avançar espiritualmente, mas temos a impressão de que corremos contra o vento. Desejamos mais — sabemos que há mais —, todavia parece que não conseguimos encontrá-lo.

Por que tantos cristãos bem-intencionados dão um passo espiritual para a frente e então escorregam dois para trás? Por que ansiamos por mais de Deus na nossa vida e, no entanto, sentimo-nos cada vez mais distantes dele? O que nos retém e nos impede de crescer no relacionamento que afirmamos ser a nossa prioridade zero?

Conquanto seja necessário considerar vários fatores para compor uma resposta a essas perguntas, no fim creio que o nosso inimigo espiritual nos cega com uma cortina de fumaça de distrações venenosas. Assim como vivi sem me aperceber da fumaça na minha casa, muita gente não tem plena consciência das forças que lhes retardam o crescimento espiritual. Sem perceber o impacto em sua fé, as pessoas se envolvem em relacionamentos nocivos, consomem mídia tóxica, convivem com hábitos viciosos e se mantêm alheias aos efeitos disso tudo a longo prazo. Pensamos que o nosso modo de viver é perfeitamente bom, normal, inofensivo ou mesmo positivo. Há quem não queira olhar com sinceridade para o próprio estilo de vida, alegando: “O que não se sabe não dói”.

Sinto muito, mas isso não é verdade. Inúmeras pessoas que inalam fumaça na condição de fumantes passivos — para não mencionar os milhões de fumantes — têm sofrido efeitos físicos permanentes e dolorosos. A verdade é o seguinte: o que muita gente não sabe, além de lhe causar dor, também lhe impinge morte espiritual.

Você já deve ter ouvido falar que, se puser um sapo em uma panela e aquecer a água aos poucos, até o ponto de ebulição, o sapo se adaptará à temperatura em constante elevação e não perceberá que foi cozido até a morte. Como isso é possível? O aumento da temperatura é gradual a ponto de água morna dar a impressão de se converter em uma banheira de água quente antes de chegar ao ponto de banho-maria. A essa altura, será tarde demais. O corpo do sapo se ajusta ao ambiente sem perceber que aquilo que o envolve está esgotando a vida de seu interior.

Na nossa cultura, a temperatura da água aumenta todos os dias. Sem que nos apercebamos, pouco a pouco nos aclimatamos todos a um ambiente tóxico, repleto de influências venenosas. À medida que a temperatura da água aumenta, continuamos acreditando estar dentro de uma banheira de água quente,

divertindo-nos como nunca, sem nem sequer imaginar que na verdade estamos escaldando a nossa alma. À medida que nos enchemos de cicatrizes e perdemos a sensibilidade para o que é certo e errado, para o que é bom e mau, para o revigorante e o extenuante, também perdemos de vista o nosso primeiro amor. Afastamo-nos de Deus um grau de cada vez.

O advogado do Diabo

Conheço como esse processo funciona em primeira mão. Diversos anos antes de me tornar cristão, refleti sobre todas as partes da minha vida que Deus transformara. Em vez de dizer às pessoas o que eu achava que elas queriam ouvir — creio que a isso se dê o nome de *mentir* —, deixei Deus me transformar em uma pessoa da verdade. Em vez de espalhar para outros o mais recente boato sobre amigos comuns — acho que a isso se dá o nome de *fofocar* —, aprendi a frear a língua. Se antes eu costumava criticar as pessoas com total liberdade, sem levar em consideração seus sentimentos ou sua situação (a minha velha amiga *hipocrisia*), aprendi a discernir uma resposta amorosa. Embora muitos dos meus antigos caminhos tenham mudado depois que entreguei a minha vida a Cristo, os meus hábitos relacionados a ver filmes não mudou.

Já estávamos casados havia vários anos quando a minha esposa, Amy, expressou sua preocupação acerca dos tipos de filmes a que eu assistia. Uma noite, enquanto conversávamos, ela perguntou com toda a gentileza: “Você acha mesmo que os filmes a que temos assistido honram a Deus?”.

“Pornografia é que não são!”, disparei em resposta, ofendido com a acusação implícita. “Não há nada errado em desfrutar de um pouco de entretenimento.” Sem lhe dar tempo para carregar a munição citando os últimos filmes que eu vira, lancei um golpe preventivo. “Além do mais, um pouco de violência, linguagem obscena e cenas de sexo aqui e ali na verdade não me incomodam. Sou maduro o suficiente para lidar com isso.” Perfeito — consegui fazer que o problema fosse dela, não meu!

Eu empregara essa mesma defesa incontáveis vezes. No entanto, quando me

ouvi adotando esse esquema padrão, as palavras não soaram tão convincentes como no passado. A minha esposa desistiu de levar o assunto adiante, mas seu questionamento permaneceu comigo.

Duas noites depois, encontramos dois dos nossos melhores amigos, Scott e Shannon, para jantar e assistir a um filme. Durante toda a refeição, discutimos o nosso crescimento espiritual falando muito sobre Deus. Shannon estava aprendendo mais sobre servir ao Senhor na vida diária. Scott continuava a desfrutar das bênçãos do Senhor em seu negócio de seguros. Amy discorreu sem parar sobre o que Deus lhe ensinava através do seu tempo dedicado ao estudo da Palavra. E eu contei abertamente sobre todas as pessoas que estavam conhecendo Cristo por intermédio da nossa igreja. Depois desse jantar repleto de ações de graças, compramos ingressos para assistir ao filme *O advogado do Diabo*, um suspense imperdível que alguns amigos haviam recomendado.

Poucos minutos após o início do filme, a paz, o encorajamento e a gratidão que eu experimentara durante o jantar desapareceram. A violência na tela, a linguagem grosseira e o conteúdo sexual que nunca me incomodaram antes começaram a me irritar. Eu me encolhia por dentro cada vez que uma bomba verbal explodia nos meus ouvidos, ou cada vez que o nome de Deus era usado em vão. Em pouco tempo, duas mulheres trocavam carícias. No fim do filme, tivemos de suportar uma cena longa e explícita em que um fantasma estupra uma mulher.

Todos nos sentimos enojados.

Desculpei-me com Amy mais tarde. Suas palavras amorosas me afligiram porque eu não queria ouvi-las, mas eram verdadeiras. Como o sapo na panela, adaptei-me. Só porque determinada coisa não me incomodava, isso não queria dizer que não causas-se em mim um impacto negativo. Na verdade, o que o fato de o linguajar sujo, a violência brutal e o sexo explícito na tela não me incomodarem revelava a meu respeito? Como os meus padrões, no lugar dos padrões de Deus, tornaram-se a norma?

Ora, não acredito que devamos traçar um risco na areia da cultura e viver dentro de uma bolha higienizada. Por outro lado, não podemos mergulhar de cabeça em cada aspecto do mundo à nossa volta e permitir que a cultura

determine o nosso estilo de vida de maneira indiscriminada. A maioria dos produtores cinematográficos não está preocupada com o impacto dos filmes sobre a sua alma. A maioria das músicas *pops* no iTunes não se importa se está edificando a sua fé ou aproximando você de Deus. É nossa responsabilidade discernir o que deixamos entrar na nossa vida e o que mantemos do lado de fora.

Se você é cristão, não concordaria que deve haver uma linha divisória entre o que é certo e o que é errado? Um modo de discernir o que agrada a Deus e nos aproxima dele, e aquilo que dele nos distancia? Mas será que podemos confiar na nossa própria sensibilidade para saber o que é de fato melhor para nós?

Seria possível nos tornarmos insensíveis para o que é certo ou errado, bom ou mal, agradável ou desagradável ao nosso Deus santo? É possível considerarmos normal um entretenimento que na verdade é perigoso para a nossa alma? Você acha que o que consideramos risível, divertido ou apenas engraçado Deus talvez encare como um sofrimento atroz?

Para aqueles entre nós que seguem Jesus, tudo o que fazemos deveria refletir o nosso amor e o nosso compromisso com ele. Deus está conosco tanto quando nos encontramos em um cinema escuro, rindo das bombas verbais das personagens cômi-cas, como quando estamos na igreja cantando no coro.

Tudo conta.

Tudo a que franqueamos a entrada na nossa mente, no nosso coração e na nossa vida — tudo aquilo em que investimos o nosso tempo e o nosso dinheiro — tem um impacto sobre como crescemos, ou deixamos de crescer, em termos espirituais. Como o antigo provérbio da informática nos lembra: Quem processa lixo, recebe lixo. Somos o que comemos no sentido físico, e somos também o que consumimos espiritualmente. Se não controlarmos e ajustarmos a nossa dieta, a nossa alma corre o risco de ingerir mais e mais veneno mortal.

Águas barrentas

A Bíblia nos exorta a examinarmos a nossa dieta espiritual à procura de toxinas. Na versão *A Mensagem*, Provérbios 25.26 diz: “Um justo que cede diante do

perverso é uma fonte barrenta, um poço contaminado". Quão barrenta está a sua fonte neste momento? Está poluída por todas as toxinas culturais nela infiltradas? Ou a sua nascente espiritual recorre à Água Viva como a fonte pura, que mata a sede? Talvez você seja cristão — alguém justificado por Cristo —; no entanto, tornou-se uma fonte barrenta ou um poço contaminado, e nem mesmo tem consciência disso.

Talvez você diga: "Os meus pensamentos não têm importância. Desde que permaneçam guardados no fundo da minha cabeça, não farão mal a ninguém. Todos pensamos coisas que nunca faríamos, certo?". Os seus pensamentos negativos o tempo todo envenenam a sua alma, ainda que em silêncio, despejando mentiras na sua fonte de água espiritual. Uma pena, mas eles não ficam apenas dentro da nossa cabeça, desvinculados das nossas palavras e ações. Pensamentos doentios costumam levar a palavras doentias. Sem saber, você pode encaminhar a si mesmo, e aos outros, para longe do melhor de Deus.

Ou talvez o problema seja o pessoal com quem você costuma andar. Você sabe que ele não está 100% a favor de Deus, mas não interessa. Você não quer que os seus amigos o considerem algum tipo de fanático religioso ou coisa parecida. Assim, continua participando do que quer que eles façam, indo aonde quer que eles vão. O seu estilo de vida é oposto a tudo aquilo em que você declara crer.

Talvez você se tenha resignado diante de certas lutas na sua vida — contra a raiva, a luxúria, a insatisfação —, considerando-as simples idiossincrasias pessoais. "É apenas o meu jeito de ser", você se convence, ao mesmo tempo que seu inimigo espiritual ri do câncer que você alimenta o tempo todo na sua alma.

Em vez de experimentar a riqueza de um relacionamento dinâmico e íntimo com o Justo, você põe Deus dentro de uma caixinha para que possa assinalá-la como um "dever cumprido" na sua lista de afazeres semanais. Limitando-se a cumprir regras, a seguir uma religião e a usufruir da sensação de bem-estar em relação ao que você tem feito pela igreja e em prol dos menos afortunados, você acaba cego para o legalismo e a presunção de justiça.

É hora de ficar limpo.

Se você se cansou da sujeira dos hábitos pecaminosos descolorindo a sua vida,

se anseia por respirar o ar fresco, puro, vivificante da santidade divina, se adoraria desintoxicar a sua alma da culpa, do medo, do arrependimento e de todas as impurezas que poluem o seu relacionamento com Deus, este livro é para você. Nas páginas seguintes, examinaremos os diversos poluentes que com frequência corrompem o nosso desejo espiritual de conhecer e servir a Deus. Alguns podem ser evitados à medida que aprendemos a discerni-los e a removê-los de perto de nós. Outros podem pairar nas imediações como fumaça no ar, mas é possível administrá-los a fim de minorar o seu impacto.

Oro para que a sua leitura o impulsione a seguir em frente, o desafie e às vezes chegue até mesmo a enfurecer você. Se você tiver consciência da verdade, deve mesmo ficar irritado, pois tem respirado pensamentos poluídos, palavras que o exaurem da vida e atos repletos de pecado, sem se dar conta do preço que eles têm cobrado do seu relacionamento com Deus. No fundo, você sabe que há um modo mais verdadeiro de viver, uma forma mais profunda e pura de amar e um impacto maior a causar no mundo ao seu redor. É hora de abrir os olhos, o coração e a mente para o poder purificador da verdade divina.

A Palavra de Deus está abarrotada de histórias de homens e mulheres que precisaram limpar-se, ávidos por mais. Uma das minhas prediletas é a de Davi, descrito como "homem segundo o coração de Deus", mas, como você deve saber, longe de ser perfeito. Pouco depois de cometer adultério e assassinato, ele conheceu uma enfermidade da alma que o afetou em todos os níveis — físico, emocional e espiritual. Sabia que seus pecados relacionados à lascívia, ao fato de se achar dono de todos os direitos do mundo e ao engano estavam matando seu coração. Tinha consciência de que o único modo de ser restaurado e experimentar uma vida de alegria outra vez era purificar-se diante de Deus. Em sua oração de arrependimento, ele escreveu:

> Lava-me de toda a minha culpa
> e purifica-me do meu pecado. [...]
> Purifica-me com hissopo, e ficarei puro;
> lava-me, e mais branco do que a neve serei. [...]
> Cria em mim um coração puro, ó Deus,

e renova dentro de mim um espírito estável. [...]
Devolve-me a alegria da tua salvação
e sustenta-me
com um espírito pronto a obedecer.[Nota 1]

Você não gostaria de ficar limpo? De sentir o amor do Pai se derramando sobre você como as águas frescas e cristalinas da fonte de um rio? De deixar o esconderijo enfumaçado em que se tem refugiado e sair para a luz vivificante? De encher os pulmões de novo ar espiritual?

Não é tarde demais.

Se você quer desintoxicar a sua alma e renovar a sua fé, se quer mais do seu relacionamento com Deus, vire a página.

Nota 1 - Salmos 51.2,6,10,12. [Voltar]

Parte 1

COMPORTAMENTOS TÓXICOS

A contaminação do engano

Face a face com a verdade

A engenhosidade do autoengano é inesgotável.

— Hannah Moore

Como pastor, raras vezes confesso assistir ao *American Idol*, já que pareceria... um ato de idolatria. Mesmo assim, todo mundo sabe que acompanho uma ou duas semanas por temporada (talvez todas, na verdade, mas quem está contando?). O meu período predileto é o das primeiras apresentações, quando o grupo de jurados percorre o país para as audições. Se você não acredita na facilidade com que as pessoas enganam-se a si mesmas, basta assistir a esses testes para mudar de ideia. É difícil entender como tantos cantores tão ruins acreditam de verdade que merecem ser o próximo *superstar* do vocal!

Com frequência, rimos (ou nos encolhemos no sofá, no caso de pessoas mais compassivas do que eu) e tentamos imaginar como alguém pode estar tão fora da realidade e ser tão inconsciente da própria falta de talento. Ao mesmo tempo, contudo, receio ser capaz de compreender muito bem o problema desse pessoal. Veja só, tenho mais uma confissão para compartilhar, algo que me deixa ainda mais encabulado de revelar. Quando criança, eu não só adorava cantar, como me achava um *excelente* cantor. Gemia “You Ain’t Nothin’ but a Hound Dog” ou “(I Can’t Get No) Satisfaction” a plenos pulmões, convencido de que era só uma questão de tempo até que me descobrissem. Empunhando um microfone invisível, eu balançava os quadris como Elvis, fazia beiço como Mick Jagger e mostrava os dentes como Billy Idol. Não admira que soasse como um animal ferido!

Convicto do meu futuro estrelato, na quinta série fiz um teste para o coro da escola. Ele seria composto por 50 cantores, e havia 52 crianças concorrendo às vagas. É evidente que dois infelizes pretendentes não chegariam lá. Imaginei que a lei da probabilidade estava a meu favor. Era a minha grande oportunidade de deixar o mundo descobrir o talento secreto que um dia me tornaria famoso.

Sim, você está certo em sua suposição do que aconteceu nos testes. Fui um dos dois que voltou para casa chorando porque não conseguiu entrar no maldito coro! Portanto, cada vez que vejo um pobre jovem desavisado cantando fora do tom no *Idol*, surpreso com o "Pra mim já deu, meu" do jurado Randy Jackson, é fácil compreender seu autoengano. O que mais me desafia o entendimento é pensar como os amigos e familiares apoiam e até perpetuam sua ilusão. E ainda há as pobres mães fazendo gestos obscenos para os juízes por não reconhecerem o incrível talento vocal do seu bebê!

Quando nos vemos pelas lentes das nossas experiências, crenças e perspectivas, todos temos pontos cegos. Como a Bíblia descreve o problema, "o coração é mais enganoso que qualquer outra coisa [...]".[Nota 1] Por mais objetivos que esperemos ser, o nosso ponto de vista sempre sofre certo grau — às vezes um grau significativo — de distorção. Esse é o desafio. Quanto mais demoramos a nos observar por uma lente distorcida, maior a probabilidade de acreditar em uma verdade também distorcida. Quanto mais mentimos para nós mesmos, quanto mais nos enganamos ou nos negamos a encarar a verdade, maior a probabilidade de basear as nossas decisões e ações nesse sistema falso de crença.

A adulação não levará você a algum lugar

Se você é como a maioria das pessoas, ao ler sobre o autoengano, tem facilidade em pensar em algumas pessoas que se enquadram nessa categoria. Mas é grande a probabilidade de que, na sua cabeça, *você* não seja uma delas. O motivo é claro. Não sabemos quanto desconhecemos a nosso respeito. E, geralmente, nem *queremos* saber. Acredito que Deus colocou este livro nas suas mãos porque o

ama muito, a ponto de querer ajudar você mostrando seja o que for que está poluindo o plano dele para a sua vida, incluindo as suas deficiências e as defesas que você tem posto ao redor de cada uma delas.

Como nos vemos por uma única perspectiva, encontramos uma dificuldade incrível para obter um retrato exato de nós mesmos. Para enxergar os nossos pontos cegos, precisamos de espelhos diversos, posicionados em ângulos diferentes. Gostaria de fornecer a você alguns desses espelhos a fim de expor os comportamentos tóxicos que tendem a se apoderar sorrateiros de todos nós. Eles estão sempre presentes, dia após dia, e, embora não possamos vê-los, conseguem acumular-se dentro de nós e envenenar o poço da nossa alma.

Por que não somos capazes de avistar as toxinas geradas por nós mesmos? Davi responde a essa pergunta em Salmos 26.2,3, ao descrever um pecador enganado: "Ele se acha tão importante, *que não percebe nem rejeita o seu pecado*. As palavras da sua boca são maldosas e traiçoeiras; abandonou o bom senso e não quer fazer o bem".[Nota 2] Observe como Davi enuncia isso: que alguém "se acha tão importante". Tal pessoa mente para si mesmo e nem sabe disso. E tornou-se de tal modo habilidosa em enganar a si mesma que não é capaz de detectar nem de confessar o próprio pecado. Para ser mais direto, fabricamos o nosso próprio veneno e administramos doses regulares dele a nós mesmos.

É grande a probabilidade de que você conheça alguém assim. Talvez você tenha um amigo que fofoca o tempo todo. Ele se vangloria: "Não é fofoca; só estou contando para que você possa orar por eles". Você e todo mundo sabem que ele é um fofoqueiro. Ou talvez haja um familiar seu que é detentor de uma grosseria extremada. No entanto, ele consegue dizer: "Não tive a intenção de ofender ninguém; só quis expor os fatos". É grande a probabilidade de que você conheça alguém que lute com a bebida. Todavia, essa pessoa nega ter qualquer problema e acredita categoricamente poder parar quando bem entender. Talvez você tenha um amigo que se considera um presente de Deus para as mulheres, mas todo mundo sabe que ele é um idiota arrogante, um conquistador barato e egocêntrico. É possível que você trabalhe para uma mulher que se imagina uma grande líder no escritório, mas todo mundo sabe que na verdade ela tem mania

de controlar tudo nos detalhes, além de ser arrogante. Por que essas pessoas não enxergam nada disso por si mesmas?

Há pouco tempo, na igreja, perguntei à congregação: “Quantos de vocês lutam contra o autoengano?”. Poucas pessoas levantaram a mão. Então perguntei: “Quantos de vocês conhecem alguém que se engana muito?”. Eureca! Quase todo mundo conhecia outra pessoa culpada de autoengano.

É grande a probabilidade de que você faça a mesma coisa. Você deve conhecer alguém que se tem em mais alta conta do que deveria. Ou deve ter um parente que se crê engraçado, mas todo mundo o considera irritante. É provável que você conheça alguém com problemas, mas que os negará até o último suspiro. É difícil ser objetivo quando se trata de nós mesmos.

Dei risada ao explicar à nossa igreja que temos um problema de estatística. Ali, quase ninguém acredita cair no autoengano; apesar disso, quase todo mundo conhece alguém que o faz. Por quê? Porque temos uma capacidade ilimitada de nos enganarmos. Quando mentimos para nós mesmos (“Sou um cantor excelente”), começamos a acreditar nas nossas mentiras. Quanto mais contamos as mentiras, mais acreditamos que elas são verdades.

Em pouco tempo, abraçamos com sinceridade uma realidade distorcida, criada com destreza por uma ignorância deliberada. Negamos, suprimimos ou minimizamos o que é verdade. Por padrão, afirmamos, enfeitamos e exaltamos o que é falso. Quando por fim enxergamos a verdade, pensamos tratar-se de uma mentira.

Poderíamos dizer isso do seguinte modo: quem não sabe, desconhece que não sabe. Se você está enganado, é bem provável que não saiba que acredita em algo inverídico — do contrário, não estaria enganado. Se nunca identificarmos as mentiras e as substituirmos pela verdade, almejaremos para sempre uma vida saudável com base em dieta à base de veneno e sempre nos perguntaremos por que estamos doentes.

Catando carrapatos

Se as coisas acontecem dessa forma, como identificamos as mentiras que contamos a nós mesmos e as substituímos pela verdade? Pelo processo do autoexame impiedoso. Depois que os meus filhos passam um longo dia brincando no bosque, sempre mando que se autoexaminem à cata de carrapatos. Eles detestam o autoexame um tanto constrangedor, pois exige que verifiquem devagar e com muita atenção cada centímetro quadrado de seu corpo. Mas sabem que arrancar um carrapato no início pode impedir que eles fiquem seriamente enfermos.

De igual modo, eu encorajaria você a se submeter a um autoexame interno completo. Assim como os irritantes vampirinhos pulam em você quando você entra no ambiente deles, as toxinas espirituais se introduzem no seu pensamento no momento em que você atravessa a nossa cultura. Observe com franqueza o modo em que você vive, pensa e quem ou o que mais o influencia. Esforce-se ao máximo para ser de uma sinceridade brutal.

Examine a sua vida à procura de comportamentos tóxicos — qualquer coisa que prejudique a sua efetividade espiritual ou o distraia da sua missão eterna. Analise o seu interior em busca de emoções tóxicas — quaisquer sentimentos profundos que o afastem da verdade divina. Dê uma olhada sincera nos seus hábitos insalubres de consumo — na mídia que você acessa, nos *sites* pelos quais navega, nas pessoas com quem passa mais tempo. O primeiro passo para derrotar um inimigo é reconhecê-lo como oponente. Embora ele talvez seja invisível, Deus pode dar a você olhos para ver.

Permita-me, no entanto, que eu o advertia: Quanto mais perto você chega de descobrir o assassino tóxico na sua vida, mais intensamente o seu inimigo lutará para manter o próprio poder. Caso você se pareça comigo, mesmo sem se dar conta, você se trai e luta contra a mudança. A negação costuma ser o nosso primeiro recurso de defesa. Somos hábeis em assumir pouca responsabilidade e justificar muito.

Tenha cuidado quando se surpreender pensando ou proferindo as frases seguintes ou algo similar:

- Não tenho problemas com esse tipo de coisa.

- Na verdade, isso não tem a menor importância. É só o meu jeito de lidar com as coisas.
- Não sou tão ruim quanto a maioria das pessoas.
- Consigo parar quando bem entender.
- Eu sou assim; é só isso.

Quem vive mais na defensiva com frequência é mais culpado, sem ter consciência disso. Já se disse que, quanto mais alguém está convencido de ter razão, maior é a probabilidade de estar errado. Se você se volta contra quem o tenta ajudar, é grande a probabilidade de que esteja lutando para manter intactas as próprias mentiras. Se alguém que o ama tenta mostrar a você um padrão perigoso na sua vida, você talvez se convença de que esse alguém está 100% errado, quando a verdade é que ele está 100% certo.

Pedro, no Novo Testamento, é um exemplo perfeito. Quando Jesus explicou que alguns dos discípulos o trairiam e o nega-riam, Pedro se declarou convicto de que jamais faria uma coisa dessa. Com confiança inabalável, retrucou: "Ainda que todos te abandonem, *eu nunca te abandonarei*!".[Nota 3] Você consegue perceber o tom do autoengano nessa confiança toda?

Ao mesmo tempo que se adulava dessa maneira, Pedro desconhecia o próprio autoengano tóxico. Já no versículo seguinte, encontramos Jesus explicando que, antes de o galo cantar, Pedro o negaria três vezes. Mas Pedro fincou pé e asseverou: "Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, *nunca* te negarei [...]".[Nota 4] Claro, antes do fim do dia, não em uma, não em duas, mas — vá contando — em *três* ocasiões diferentes Pedro negou até mesmo conhecer quem era Jesus.

Se alguém tem tentado mostrar algo a seu respeito e você reluta contra isso, talvez seja hora de reconhecer que você pode ser derrotado. O seu cônjuge talvez esteja convencido de que você tem problemas com analgésicos, álcool ou outra droga qualquer, mas você se mantém firme e diz que não. Alguém talvez tenha dito que você está viciado em *video games* ou em redes sociais, mas você não acredita nisso. Pode ter acontecido de vários entes queridos o alertarem contra o

seu vício em trabalho, mas você não parou de trabalhar para lhes dar ouvidos. Caso você se surpreenda resistindo ou tentando revidar, cuidado. Os mais convictos são com frequência os mais iludidos. Cuidado para não se adular a ponto de não conseguir detectar ou odiar o próprio pecado.

Não é motivo para riso

Já que é tão assombrosamente fácil nos enganarmos, precisamos de ajuda externa para sermos mais objetivos em relação aos nossos pontos cegos. E se os nossos escudos estiverem erguidos e as nossas defesas operarem com força total, talvez não consigamos escutar o que diz quem está à nossa volta. Às vezes, se de fato queremos mudar, precisamos pedir a Deus que nos mostre o que há de verdade no que pensamos, falamos e vivemos.

Nos meus primeiros anos na nossa igreja, as pessoas reclamavam comigo dizendo que eu era desnecessariamente grosseiro quando pregava. Para elas, algumas das minhas ilustrações e do meu humor cruzavam a linha do bom gosto. Eu estava convencido de que elas eram recatadas demais e não compreendiam o meu senso de humor e estratégia.

Embora mais pessoas reclamassem, preferi manter a minha posição. Afinal de contas, se me tivessem conhecido antes que eu me tornasse cristão, ficariam impressionadas com quanto eu melhorara. Além do mais, o meu humor um tanto impróprio me permitia estabelecer ligação com gente de fora da igreja, homens e mulheres que a visitavam pela primeira vez. Eu não podia fazer nada se pessoas "legalistas" não tinham a liberdade que eu desfrutava.

Muitos dos líderes mais fiéis da nossa igreja organizaram uma reunião atrás da outra para conversar comigo sobre o meu "problema". Para ser sincero, comecei a me cansar das reclamações incessantes. Tudo porque eles não eram tão evangelísticos quanto eu, nem tinham senso de humor, era evidente. No final daquela que me pareceu ser a centésima reunião sobre as minhas piadas, um senhor de mais idade, sábio ao extremo, pediu-me para orar.

"Tendo em vista sua convicção de não estar fazendo nada errado", ele

continuou com sinceridade, “você poderia pedir a Deus que mostrasse se ele gostaria que você mudasse algo?”.

Só para que o homem não me importunasse mais, concordei em orar, mesmo relutante, sabendo que isso não afetaria a minha posição.

Pouco disposto a me contrariar, alguns dias depois fiz uma oração parecida, indiferente aos sentimentos das pessoas: “Deus, sei que essa gente toda está errada, mas, se existe alguma coisa que o Senhor queira me mostrar relacionada com a purificação do meu modo de agir, por favor, faça isso”.

Cuidado com aquilo pelo que você ora.

Já no domingo seguinte, a minha filha mais velha, Catie, com 7 anos na época, ficou no “culto da gente grande” e sentou-se ao lado da minha esposa, Amy, enquanto eu pregava. Olhei de relance para a minha filha inocente, toda sorridente e segurando toda orgulhosa sua Bíblia Momentos Preciosos de capa rosa. No exato momento em que eu estava prestes a começar com uma piada um pouco mais pitoresca, hesitei. Em um instante arrebatador, Deus me mostrou com toda a clareza. Eu fora grosseiro.

Quando eu estava a um passo de dizer algo engraçado de fato, mas não muito limpo, percebi que não gostaria de ver a minha filha de 7 anos repetindo a mesma frase que eu queria proferir na pregação. Na verdade, se a ouvisse dizer aquelas palavras, eu a corrigiria e lhe ensinaria que não é apropriado falar esse tipo de coisa.

Pego em flagrante.

Se eu não queria a minha filha repetindo a piada, por que haveria de contá-la?

Durante muito tempo, eu estivera cego para as minhas palavras tóxicas e o meu senso de humor picante. Sempre acreditara estar sendo engraçado e, com isso, poder alcançar pessoas que não frequentavam a igreja com regularidade. Mesmo na época em que eu tinha convicção de que o meu método era consistente, todo mundo sabia que eu me comportava com imaturidade na melhor das hipóteses, e pecava na pior.

Como não nos é possível mudar o que não conseguimos identificar, peça a Deus para mostrar quaisquer áreas da sua vida que sejam prejudiciais a você, ofensivas às pessoas ao redor, ou desagradáveis ao próprio Deus.

Fale comigo

Deus nos fala de várias maneiras. Por meio de sua Palavra. Das circunstâncias. Do Espírito. E das pessoas. Ao buscar Deus, ouça com atenção o que ele pode dizer a você por intermédio das pessoas à sua volta. Provérbios 15.31,32 diz: "Quem ouve a *repreensão construtiva* terá lugar permanente entre os sábios. Quem recusa a disciplina faz pouco caso de si mesmo, mas quem ouve a repreensão obtém entendimento".[Nota 5]

Adoro a expressão "repreensão construtiva". De vez em quando, Deus enviará alguém para transmitir uma mensagem forte e importante por meio de uma repreensão construtiva. Vale notar que nem todas as repreensões são construtivas e úteis. Com certeza, você já foi abalroado por alguma repreensão *destrutiva*. Sabe como é, quando algum idiota critica ou deprecia você de modo danoso, ou por algo insignificante, querendo parecer superior. Em vez de ajudar, gente assim só faz piorar as coisas.

Há momentos, porém, em que uma pessoa amorosa faz uma repreensão construtiva. Ela se importa com você o suficiente para o confrontar em amor. Assim como os membros da igreja que tentaram ajudar-me a ver como o meu humor grosseiro estava ferindo a congregação, pessoas amorosas são capazes de se expor a alguns riscos para ajudar você a enxergar a verdade. Quando o fizerem, ouça.

Durante vários anos, pessoas amadas tentaram ajudar-me com outro dos meus pontos cegos. Na condição de pastor, eu tinha orgulho de me relacionar bem com os outros — demonstrando graça, bondade e paciência. Embora estivesse convencido de que era bom em interação social, várias pessoas próximas me disseram que eu não era tão bom quanto pensava.

Amy foi uma das muitas que expressaram a minha necessidade de melhorar no trato com os outros. Ela explicou com calma que eu muitas vezes parecia distraído, com pressa ou entediado ao conversar com as pessoas no saguão, depois do culto. Retruquei que com frequência eu me sentia mesmo distraído, apressado ou entediado, mas só porque havia tanta gente com quem falar, e um monte de afazeres não me saía da cabeça — para piorar ainda mais as coisas,

algumas pessoas eram A contaminação do engano mesmo entediantes! Tagarelavam sem parar! Para mim, se eu não era bom na relação com os outros, a culpa era toda deles.

Depois de anos ouvindo as minhas defesas, Amy e duas amigas me mostraram o que faço quando converso com alguém. Em tom de brincadeira, agiram como se fossem eu conversando com os outros. Mostraram como a minha linguagem corporal comunicava desinteresse, enquanto eu olhava pela sala ou agia como se estivesse distraído. Comprovaram que com frequência me viro lentamente para qualquer lado que não o da pessoa que me dirige a palavra.

Quando me expuseram como eu agia, defendi-me, dizendo:

"Claro, talvez eu aja assim, mas é de propósito. Estou enviando um sinal sutil de que não posso ficar conversando para sempre, pois há outras pessoas que necessitam da minha atenção". Assim que as palavras saíram da minha boca, experimentei a mesma sensação de quando olhei para a minha filha sentada entre a congregação da igreja.

Pego em flagrante outra vez.

Eu amava de verdade as pessoas sob a minha liderança. Os meus atos, as minhas palavras e a minha linguagem corporal, no entanto, transmitiam uma mensagem oposta. A partir do momento em que ouvi quem estava próximo a mim, afinal pude implementar melhorias. Hoje trabalho duro para me concentrar na pessoa que tenho diante de mim, pondo o meu coração inteiro na conversa. Muita gente me diz ter notado a diferença, e a melhora foi tremenda.

Por favor, dê ouvidos ao que os seus entes queridos vêm tentando dizer a você. Se mais de uma pessoa tem advertido você a respeito da existência de problema em alguma área, é bastante alta a probabilidade de que você tenha mesmo esse problema. Se todos os seus amigos mais chegados se preocupam porque você esbanja dinheiro todos os meses, é provável que você tenha um problema de gasto excessivo. Se os seus pais, melhores amigos, colegas de faculdade e do trabalho, todos falam que você está namorando um idiota que não presta para nada, provavelmente o seu namorado está muito aquém até das suas expectativas. Se todo mundo a quem você ama e em quem confia se mostra preocupado com os seus hábitos alimentares e o seu peso, talvez você deva

deixar o garfo de lado e ouvir.

Esta é uma boa oportunidade para parar e se perguntar com toda a sinceridade: *Existe alguma coisa que Deus vem tentando mostrar para mim por meio de sua Palavra, ou de pessoas de confiança, que preciso ouvir?* Posso assegurar que, se você mantiver os ouvidos atentos e uma atitude de oração, Deus falará durante a leitura deste livro, até você chegar à última página. Se você pensa não ter falhas, lembre-se do que as Escrituras declaram em 1João 1.8: "Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós". Oro para que Deus afaste o engano do nosso coração a fim de que a verdade possa entrar.

A verdade em ação

À medida que Deus for revelando as toxinas espirituais que precisam ser purificadas, oro para que você tenha a coragem de agir de pronto e com determinação. Tiago disse bem em 1.22: "Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos".

Quando conhecemos a Palavra e não praticamos o que ela diz, colocamo-nos em estado de desobediência direta a Deus — levando uma vida tóxica que ele não pode abençoar. Quando Deus mostrar o que fazer, faça-o na mesma hora. Alguém já disse que "obediência atrasada é desobediência".

Se você vive com o seu namorado ou a sua namorada e sabe que não deveria transigir, mude-se ou case-se. Se o número dos seus seguidores no Twitter ou dos seus amigos no Facebook se tornou um ídolo para você, é hora de derrubá-lo até conseguir administrá-lo de maneira saudável. Se a preocupação o consome, chame-a pelo verdadeiro nome: pecado. Você está desconfiando das promessas e do poder de Deus. Pare de santificar o pecado da preocupação chamando-o de "cuidado" e faça o que for preciso para renovar a sua mente com a verdade divina. Se você acredita que está gorda, mas pesa apenas 48 quilos, reconheça que tem um problema. É hora de buscar ajuda.

Não se pode mudar o que não se vê. É hora de enxergar a verdade. Você pode

sentir-se tentado a argumentar: “Mas não sou uma pessoa ruim”. Permita-me que eu o contradiga com respeito e amor: “Sim, é — e eu também sou”. Somos todos egoístas, pecadores. A Bíblia ensina que o nosso coração é mais enganoso que qualquer outra coisa. Jesus — o único bom — é o remédio para o nosso veneno.

Ao identificar com clareza o que o está matando lentamente (coisa muito mais difícil do que parece), você pode levar as influências tóxicas até Jesus para ser limpo, purificado e curado. Quando identificamos as mentiras que contamos a nós mesmos com tanta facilidade, a verdade de Cristo pode libertar-nos.

Pelo poder de Deus, precisamos deixar cair as máscaras e dizer a verdade. Pense nisso. Por que temos tanta facilidade para nos enganar? A resposta é simples e capaz de transformar vidas: enganamo-nos porque temos medo da verdade. O que tememos é justamente aquilo de que mais necessitamos. Porque, ao conhecermos a verdade, ela nos libertará.[Nota 6]

Pare de mentir para si mesmo, engolindo o autoengano venenoso que o impede de experimentar o crescimento espiritual saudável. Admita a verdade. Limpe-se. Se você estiver verdadeiramente disposto, a verdade o libertará.

Notas do Capítulo

Nota 1 - Jeremias 17.9. [Voltar]
Nota 2 - Grifo nosso. [Voltar]
Nota 3 - Mateus 26.33, grifo do autor. [Voltar]
Nota 4 - V. 35, grifo nosso. [Voltar]
Nota 5 - Grifo nosso. [Voltar]
Nota 6 - V. João 8.32. [Voltar]

Pensamentos infecciosos

Superando falsas crenças

O pensamento é o escultor capaz de criar a pessoa que você deseja ser.

— Henry David Thoreau

No ensino médio, cursei francês durante vários anos. Estudava bastante e tirava boas notas, de modo que, é claro, me imaginava pronto para traduzir para a ONU ou trabalhar na embaixada norte-americana em Paris. Quando uma estudante de intercâmbio — vou chamá-la de Claire — passou a frequentar a nossa escola, tive a primeira oportunidade de testar as minhas habilidades com o "*Bonjour, comment allez-vous*" em uma conversa real, fora da sala de aula. O fato de que ela era bonita e meio cosmopolita, comparada às outras meninas da nossa escola, pode ter influenciado a minha motivação.

Embora eu sempre tivesse tirado A nas aulas de francês, os primeiros minutos da minha tentativa de conversar com Claire não me levaram muito longe. Quando ela me falava em francês, eu ouvia em francês. Mas em seguida, bem devagar, a minha mente traduzia as palavras para o inglês. Então eu processava tudo em inglês. Moldava a resposta em inglês e depois, cheio de cuidado, procurava traduzi-la para o francês — tudo dentro da minha mente. Uma vez concluídos esses passos entediantes, eu tentava falar em francês, o que me levava a repetir esse exercício inteiro outra vez. É desnecessário dizer que adivinhar as declinações corretas dos verbos franceses não é muito atraente. É difícil parecer descolado quando se está tropeçando em palavras como o inspetor Clouseau tropeça na mobília em *A Pantera Cor-de-Rosa*.

Cerca de meia hora depois, no entanto, alguma coisa mudou na nossa

conversa. Quando a minha *nouvelle amie* Claire dizia algo em francês, pela primeira vez na vida eu pensava de fato em francês. E porque ouvira e pensara na língua dela, não precisei mais me dar ao trabalho de traduzir de uma língua para outra mentalmente. Em vez disso, as palavras começaram a fluir da minha boca afora. Em pouco tempo, conversávamos como se fôssemos amigos há anos.

O que se perde na tradução

Se você já estudou uma língua estrangeira, sabe como essa mudança acontece. Uma das maiores pedras de tropeço para o crescimento espiritual surge quando ficamos presos em pensamentos negativos, inverídicos e impuros, em vez de traduzir para a Palavra de Deus. Perdemos impulso porque nos cansamos de continuar tentando e desanimamos. Seria fácil eu me sentir frustrado e ter parado de tentar estabelecer uma comunicação com a nova estudante de intercâmbio. Parecia difícil demais e não valeria o esforço.

No entanto, ao perseverar, cresci na capacidade de compreender e falar francês e também estabeleci uma ligação relacional. Estou convencido de que, quando nos entregamos à nossa própria linguagem negativa, perdemos de vista a verdade espiritual capaz de nos libertar. É triste, mas muitos de nós nos recusamos a avançar em meio à desordem e ao barulho do pensamento negativo e das crenças falsas que podem bombardear-nos.

“Não sou bom nisso. Sempre vou fracassar. Nunca chegarei a lugar nenhum.”

“A minha vida não vale nada. Ninguém se importa de verdade comigo. Se eu desaparecesse, ninguém perceberia nem daria a mínima.”

“Por mais que tente, nunca farei diferença. Parece que só apronto confusão em tudo o que faço.”

“Deus jamais poderia me amar. Depois de tudo o que fiz, por que Deus se importaria comigo? Sou imprestável.”

“A minha vida é uma droga. E só vai piorar. Ninguém nunca me dará uma oportunidade. Impossível mudar o meu jeito de ser.”

“Preciso cuidar de mim mesmo. Ninguém, muito menos Deus, age em meu

favor. Acho melhor me agarrar à oportunidade que surgir, quando surgir, sempre que possível."

Qualquer um desses pensamentos pode ser mortal e, acumulados, eles conseguem aprisionar-nos em um terrível poço de lixo tóxico. Se queremos viver dentro da alegre liberdade divina, precisamos começar pelo diagnóstico preciso do nosso problema. Como discutimos no capítulo anterior, não se supera um pecado que não se pode identificar.

A raiz da maioria dos pecados que cometemos no mundo exterior está nas falsas crenças que adotamos no mundo interior. A fim de experimentar uma vida de pureza com um coração limpo, temos de identificar e rejeitar os pensamentos tóxicos que nos mantêm longe do melhor de Deus. Não precisamos do dr. Phil[Nota 1] para explicar o que Deus nos revelou em sua Palavra há milhares de anos: seus pensamentos determinam quem você se torna. Provérbios 23.7 diz: "Porque, como ele pensa consigo mesmo, assim é [...]" (*Almeida Revista e Atualizada*).

Se você tem pensamentos negativos e tóxicos, acabará tornando-se uma pessoa negativa e enferma. Sua alma estagnará e definhará. Se você considera a verdade de Deus nos seus pensamentos, acabará tornando-se semelhante a Cristo. Sua alma fluirá como água viva e florescerá. Se você não tentar traduzir a verdade negativa em positiva, se não estiver disposto a se concentrar nos absolutos de Deus em vez de no seu próprio palavrório mental, só se afastará daquilo que mais deseja.

Perde-se ou ganha-se a maioria das batalhas na mente. Abraham Lincoln declarou: "Quero conhecer todos os pensamentos de Deus. Todo o resto é detalhe". Os nossos pensamentos ou estão concentrados no que é eterno, verdadeiro e capaz de transformar vidas, ou estão perdidos nos detalhes das nossas crenças temporárias, egoístas, falsas. Se você é cristão, tem plena consciência da luta entre a sua carne (os desejos mundanos) e o seu espírito (os desejos sagrados).

Essa batalha contínua entre a carne e o espírito costuma ser travada na nossa mente. Por exemplo, o marido não se levanta uma manhã e resolve trair a esposa aquele dia. Em vez disso, é um processo gradual de deslize, pensamento por

pensamento, que lhe permite iniciar um relacionamento adúltero. Se quisermos vencer a batalha física, teremos de controlar o campo de batalha espiritual. E as Escrituras deixam claro como controlá-lo: “Acima de tudo, guarde os seus pensamentos, pois deles dependem toda a sua vida”.[Nota 2]

Jogos mentais

Como um *firewall* a proteger o seu computador, você precisa vigiar o tempo todo contra as mentiras de Satanás que ameaçam corromper o disco rígido da sua mente. Temos de saber contra o que e pelo que estamos lutando, e como detectar o inimigo. Paulo expõe de forma clara e concisa a estratégia em seu ensino aos coríntios: “As armas que usamos na nossa luta não são do mundo; são armas poderosas de Deus, capazes de destruir fortalezas [...]”.[Nota 3]

A raiz grega da palavra aqui traduzida por “fortalezas” é *ochuroma*. Como substantivo, pode ser traduzida por “castelo”, ou como verbo, “fortificar”. A tradução literal para o uso feito por Paulo seria “prisioneiro trancafiado pelo engano”. Como cristãos, dispomos de armas mais fortes do que facas, revólveres e granadas. Temos a fé, a oração e a Palavra de Deus. Deus quer que usemos suas armas para vencer a batalha da mente. A verdade de Deus nos livra da prisão das mentiras.

É uma pena, mas muitos cristãos se mantêm reféns das mentiras tóxicas. Levamos a chave na nossa mente, mas a perdemos de vista na gaveta dos nossos pensamentos negativos. Isso explica a mensagem de Paulo quando ele prossegue em sua carta à igreja de Corinto: “Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo”.[Nota 4] Qualquer pensamento que não seja de Deus deve ser destruído, deitado por terra, aniquilado. Em vez de ser feitos prisioneiros de guerra, levemos os pensamentos inverídicos cativos e os tornemos obedientes à verdade de Deus. Podemos vencer os jogos mentais.

Como? Com o estudo da Palavra de Deus, com experiências próprias, também com experiências alheias compartilhadas, identifico quatro tipos específicos de

lixo tóxico capazes de envenenarem a nossa mente: 1) o *pessimismo*, que em geral produz pensamentos negativos crônicos; 2) a *ansiedade*, que costuma manifestar-se sob a forma de pensamentos medrosos e preocupados; 3) a *amargura*, que polui o nosso pensamento com idéias insatisfeitas e invejosas; e 4) a *censura*, que bombeia pensamentos destrutivos e críticos para dentro da nossa mente. Para ajudar você a identificar as suas áreas de escravidão dos pensamentos, examinaremos cada um desses tipos e como vencê-los.

Salada de ervas daninhas

Pare um instante para avaliar os seus pensamentos. Você luta contra pensamentos negativos crônicos acerca de si mesmo, dos outros ou da vida em geral? Talvez na conversa que mantém consigo mesmo, você tenha o hábito de dizer: “Falta-me o necessário. Por mais que eu tente, nunca avanço. Por mais que eu faça, nunca consigo. A minha vida será sempre uma porcaria”.

Ou talvez você se sinta sempre esmagado pelo excesso de afazeres. Por mais que trabalhe, há sempre mais por fazer. Você trabalha feito um escravo, com pouca ou nenhuma esperança de alívio. Embora na verdade você tenha muito no prato, os seus pensamentos negativos só aumentam o problema. “Não consigo dar conta de tudo. Tenho coisas demais para fazer. De qualquer forma, ninguém me dá valor. Tudo o que faço é dar, dar, dar. As pessoas me esgotam. Não sei quanto tempo mais vou suportar”.

Talvez os seus padrões de pensamento negativo tendam a vir à tona nas áreas mais mundanas da vida. Talvez você se pegue reclamando: “O meu cabelo está horrível — nunca fica do jeito que eu quero”; “Não tenho nada para vestir, nem condições de comprar o que eu gostaria de usar”; “Acabou a comida de novo? As crianças pensam que temos uma fábrica de dinheiro?”; “Não acredito que desperdicei o meu dinheiro neste livro idiota!” (Espero que o último pensamento não ocorra, mas nunca se sabe.)

Mesmo se existir um grão de verdade em um pensamento particular, onde você planta a semente determina como — e se — ela germinará. Se você deixar

que as ervas daninhas cresçam tempo demais em seu jardim, elas sufocarão a verdade e extinguirão a sua alegria. Você será forçado a comer salada de ervas daninhas porque elas engoliram o fruto bom que você estava querendo produzir ali.

Arranque com regularidade as ervas daninhas do jardim da sua mente. O que precisa ser aparado antes que engula o fruto do Espírito que a sua alma anseia produzir?

Alta ansiedade

Primo próximo do pensamento negativo é o pensamento medroso. Você pode conseguir citar o versículo que diz "Deus não nos deu o espírito de temor"[Nota 5] ao mesmo tempo que os seus pensamentos são assombrados por uma hoste de espíritos de medo. Como muita gente, você talvez se sinta consumido pelos temores econômicos. "O que acontecerá com a economia? Na sua opinião, corro o risco de perder ainda mais com o meu plano de aposentadoria? E se os meus impostos subirem de novo? E se a minha empresa implementar um *downsize* e me mandar embora?".

Ou você poderia sentir-se esmagado por temores relacionais. Você ama o seu cônjuge, mas ele ou ela continua a decepcioná-lo. O casamento não é o que você esperava. "Conseguiremos fazer as coisas darem certo? Ou nos contentaremos com menos e ficaremos passivos? Ele ainda me ama?" "Ela algum dia prestará atenção em mim de novo como costumava fazer?" Talvez você tenha esperança de se casar, mas não a certeza de que seja de fato capaz de confiar em alguém. "E se eu nunca me casar? Sinto a passagem de cada segundo no meu relógio biológico. De qualquer forma, como confiar de verdade em outra pessoa? A maioria que conheço só pensa em cuidar dos próprios interesses. É provável que eu esteja destinado a permanecer solteiro pelo resto da vida."

Se você tem filhos, é grande a probabilidade de que se preocupe constantemente com eles. Você sabe que não deveria preocupar-

-se, mas é difícil não se sentir ansioso quando você para e pensa no mundo

atual. “E se os meus filhos se envolverem com as pessoas erradas? Espero que não estejam bebendo, fazendo sexo ou consumindo drogas. São tantas as más influências. Não consigo dormir de noite pensando em todos os perigos que eles têm de enfrentar.”

Luto contra essa categoria particular de pensamento tóxico tanto quanto qualquer outra pessoa. Mesmo sabendo que é irracional, ainda me surpreendo embarcando em um trem-bala de preocupação e percorrendo todas as estações até chegar a Alta Ansiedade. Se Amy demora para voltar para casa, a minha mente começa a divagar. Será que ela sofreu algum acidente? Se sofreu, pode estar morta. Não saberei viver sem ela. Espere, se ela estiver morta, tenho de preparar o funeral. Sou pastor, mas não há a menor possibilidade de eu conseguir fazer o funeral da minha esposa. O que será de mim então? Como poderei ajudar as crianças a superarem esse trauma? E como será a minha vida daqui por diante? Ninguém jamais se casaria com um sujeito que tem seis filhos.

Está bem, agora você já sabe em que sentido pode orar por mim. Todos temos problemas, não é?

Insatisfação garantida

Embora a maioria das pessoas vivas hoje seja mais abençoada do que em qualquer outra época da História, ainda é muito fácil ser consumido pela inquietação. Em meio à liberalidade de bênçãos que experimentamos todos os dias, pensamentos de insatisfação pululam como espinhas em um rosto adolescente. Talvez você lute contra pensamentos de desânimo relacionados ao seu corpo ou à sua aparência. “Não gosto do meu corpo. Queria ter uma aparência diferente. Não importa o que eu faça, não consigo estar bem fisicamente.”

Ou talvez você tenha a ideia fixa de que precisa namorar alguém. Não se sente completo ou inteiro sem alguém do sexo oposto ao seu lado. “Não consigo ser feliz, a menos que esteja namorando. E os melhores partidos já foram todos tomados. Imagino que este aqui sirva por enquanto, mas não para sempre. De

qualquer forma, quem disse que alguém pode me amar de verdade?”

Se você tem idéias desse tipo antes de se casar, é grande a probabilidade de que encontre mais motivos para se sentir insatisfeito depois de firmar um compromisso. “Eu gostaria que o meu marido fosse melhor provedor... ou melhor líder espiritual... ou melhor comunicador... ou melhor amante... ou sei lá o quê.” “Gostaria que a minha esposa não resmungasse o tempo todo, dizendo que gostaria que eu fosse um melhor provedor... ou melhor líder espiritual... ou melhor comunicador... ou melhor amante... ou sei lá o quê.”

E a lista prossegue. “Eu gostaria que tivéssemos filhos... ou mais filhos... ou filhos diferentes. Eu gostaria que os nossos filhos fossem mais inteligentes, ou mais atraentes, ou atletas melhores.” Não se esqueça da insatisfação material. “Eu gostaria que tivéssemos um carro melhor... ou mais dinheiro... ou roupas mais bonitas... ou tirássemos férias melhores... ou uma casa maior com uma cozinha maior, com balcões de granito e uma garagem para três carros, onde eu poderia guardar o barco que gostaria de comprar, mas não tenho condições financeiras para isso porque tenho um emprego estúpido que detesto e que paga muito menos do que o meu trabalho vale.”

Massa crítica

Talvez, sem saber, você seja consumido pelo desejo de criticar tudo que atravessa o seu caminho. Você consegue encontrar defeito em pessoas, prédios, empresas, igrejas, no cardápio do almoço de hoje ou em qualquer outra coisa que passe diante dos seus olhos. Você conhece alguém e pensa na mesma hora: *Não acredito que ela está usando essa roupa — com certeza sabe como esse vestido é de mau gosto. E está com maquiagem demais. Ouçam como ela cita um nome atrás do outro... Por favor, tenha dó*!Ou você olha para alguém e ideias críticas afloram à sua mente: *Eu jamais faria uma coisa dessa. Quem ele pensa que é? Quanta presunção — idiota!*

No trabalho, você pode constatar que os seus pensamentos resvalam o tempo todo em direção à desaprovação. *Este lugar é um zoológico, muito abaixo de*

onde eu deveria estar trabalhando. Os colegas aqui não passam de um bando de idiotas. O lugar todo desmoronaria sem mim. Afinal de contas, por que continuo aqui?

Ou você entra em uma igreja pela primeira vez (algo que se vê fazendo muito nos últimos tempos, já que só permanece na mesma igreja até encontrar alguém que não consegue suportar).*Este prédio parece um* shopping center *— na verdade, era o que funcionava aqui antes. As pessoas não são nem um pouco amistosas. A música é alta demais, eles tocam muito* rock 'n' roll *[ou muita música tradicional, ou antiga, ou progressiva]. O pastor é um chato.O café é fraquíssimo — passou longe do extraforte e com certeza nem selo de qualidade possui. Até os pães doces aqui são velhos.*

Pare um instante. Analise os seus pensamentos. Seja brutalmente honesto. Você luta contra pensamentos negativos sobre si mesmo, outras pessoas e a vida de modo geral? Costuma ser consumido por pensamentos medrosos, acreditando que coisas ruins acontecerão, em vez de coisas boas? Sempre se vê insatisfeito, querendo que a vida fosse diferente ou melhor? Assume uma postura crítica o tempo todo, achando tudo errado em um monte de gente, lugares ou coisas? Se você respondeu sim a uma ou mais das perguntas anteriores, a sua vida está sendo infectada por pensamentos tóxicos. Você está perdendo a batalha da mente. É hora de lutar para vencer.

Depois de examinar em detalhes o problema, arregace as mangas e apodere-se desses pensamentos maus e da cadeia de diálogos internos que normalmente eles carregam. Se você acha que Deus consideraria alguma dessas coisas pecaminosas e desagradáveis, marque-a. Pensamentos negativos, medrosos, insatisfeitos, críticos não são permitidos nem tolerados. São prisioneiros seus, não você deles.

Teste do sabor do pensamento

Uma vez identificados os pensamentos tóxicos, é hora de agir e substituir mentiras por verdade. Em Filipenses, Paulo disse: "E a paz de Deus, que excede

todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus”.[Nota 6] Quando você medita em Deus, ele protege sua mente. Além disso, você se encherá daquilo que a sua mente precisa. Como Paulo explicou: “Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas”.[Nota 7] Quando você tem os pensamentos de Deus, ele guarda a sua mente. Em vez de meditar sob efeito de veneno, medite sobre a verdade. Você talvez não veja uma transformação na sua vida da noite para o dia, mas, se direcionar os pensamentos para Deus, asseguro que, com o tempo, a sua vida se tornará muito mais alegre e cheia de paz do que você consegue imaginar.

A partir do momento em que você adquire o gosto por pensamentos salutares e um modo de pensar piedoso, seu paladar mental fica mais sensível ao sabor do veneno. Lembrei-me desse benefício há pouco tempo, quando a minha esposa e eu fomos forçados a discernir a verdade sobre determinada situação envolvendo alguns bons amigos. Amy e eu temos amizade com um casal em particular há vários anos. Compartilhamos incontáveis jantares juntos, assistimos a dezenas de peças, espetáculos e eventos esportivos dos filhos uns dos outros, e trocamos presentes de Natal por mais de duas décadas.

Mais razão ainda, portanto, para ficarmos desolados quando uma mulher me contou que esses nossos amigos andavam falando mal da nossa família.

Sentimo-nos esmagados e traídos. Como era possível que amigos íntimos dissessem tais coisas? Pensamos em telefonar para eles para lhes dizer poucas e boas. Começamos a traçar novos planos para a noite de sexta-feira a fim de evitar cruzarmos com eles em um evento da igreja. Pensamos em tirar os nossos filhos das atividades compartilhadas com os filhos deles.

Enquanto os nossos pensamentos escoavam em direção à sarjeta, Amy afinal pisou no freio e disse: “Espere um pouco. Quem nos contou que os nossos amigos disseram essas coisas ruins sobre a nossa família?”. Quando repeti para ela o nome da mulher, Amy me lembrou mais que depressa que não a conhecíamos bem. E que conhecíamos extremamente bem, isso sim, os nossos amigos. Durante anos, eles se mostraram leais, fiéis e íntegros.

Foi quando Amy e eu concordamos em refrear os nossos pensamentos e mantê-los cativos. Em vez de permitirmos que se enchessem de veneno com base em um boato, *optamos* por acreditar o melhor acerca dos nossos amigos. Os pensamentos nos pertenciam. E estávamos dispostos a fazer a melhor escolha. Assim, resolvemos canalizar a nossa mente em uma direção que honrasse a Deus.

Não telefonamos para os nossos amigos para lhes dizer desaforos. Não afastamos os nossos filhos dos eventos comuns aos filhos desses amigos. E fomos à igreja, onde os encontramos. Eles foram maravilhosos conosco, como sempre.

Várias semanas depois, a mulher que me contara a notícia desalentadora desculpou-se e explicou que cometera um engano. Sentimo-nos muito gratos por não termos permitido que os nossos pensamentos nos levassem para um lugar aonde jamais deveríamos ter ido. Por termos tido a capacidade de provar os nossos pensamentos e reconhecer o sabor amargo do veneno.

Dieta do atropelado

A experiência nos permite ver um grande retrato das opções que temos quando confrontamos os nossos pensamentos. Ao ouvirmos algo que não é verdade, devemos primeiro discernir a mentira. Precisamos diminuir o ritmo e nos perguntar: *Isso é verdade*? Para responder, devemos considerar: *O que a Bíblia diz a esse respeito*?Uma vez identificado que o pensamento não vem de Deus, precisamos identificar o que vem de Deus. Optamos então por ter os pensamentos divinos em lugar de quaisquer outros. Durante algum tempo, esse processo talvez tenha de ser seguido passo a passo, mais ou menos como quando tentei conversar em francês e precisei parar e traduzir cada idéia, palavra por palavra.

Depois de algum tempo, no entanto, a nossa mente será renovada e ficará diferente, cheia da verdade. Vamos adquirir fluência e seremos capazes de exterminar as idéias falsas que tentam alimentar-se da nossa fé. Reconheceremos

por instinto os pensamentos tóxicos e os rejeitaremos antes que maculem os nossos pensamentos. Em vez disso, pensaremos coisas verdadeiras, nobres, corretas, puras, amáveis e de boa fama. Se algo for excelente ou louvável, nisso pensaremos. Sem hesitação, rejeitaremos pensamentos que não forem divinos. E naturalmente (ou sobrenaturalmente), cultivaremos o tipo de pensamento de Deus.

Você sempre encontrará o que procura. Pense na diferença entre duas aves: o urubu e o beija-flor. O urubu paira alto no céu, sondando e investigando. O que ele encontra? Bichos mortos. A ave feia de tamanho desproporcional não se dá por satisfeita, a menos que encontre um bicho atropelado na estrada, sem vida, putrefato. Compare o urubu com o pequeno beija-flor. Com asas que batem 20 vezes por segundo, o que a pequena ave encontra? Não bichos mortos nem carne rançosa e nojenta, mas néctar doce e vivificante. Dia após dia, cada um deles encontra o que estava procurando.

O mesmo vale para você. Você pode sobreviver com uma dieta de bichos atropelados ou encontrar néctar dia após dia. Só depende de você, porque sempre encontramos aquilo que procuramos. Se você quiser encontrar coisas em relação às quais possa ser negativo ou coisas com que se preocupar, não terá dificuldade alguma. Se você planeja ser sempre crítico, não terá de ir muito longe para encontrar defeitos. Se escolher ser negativo, atingirá seu objetivo com facilidade. Mas, se quiser ver o lado bom da vida, também encontrará motivos em toda parte. Se optar por procurar lugares em que Deus está trabalhando, verá sua presença amorosa para toda parte que olhar. Se decidir procurar por esperança, fé e um futuro melhor, descobrirá essas coisas positivas em inúmeras ocasiões num único dia.

Decida qual será o destino da sua mente. Em qualquer momento que a sua mente se desgarrar rumo a pensamentos perigosos, pare. Apodere-se desses pensamentos negativos. Faça o que for preciso para afastar o lixo da sua mente. Um profeta do Antigo Testamento disse a Deus: "[...] Tu me vês e provas os meus *pensamentos* a teu respeito. Arranca-os como ovelhas para o matadouro! Aparta-os para o dia da matança!".[Nota 8] Você consegue perceber a paixão pela verdade nas palavras de Jeremias? Ele pediu a Deus que lhe testasse os

pensamentos, identificasse aqueles que se comparavam a uma “ovelha negra”, os arrancasse e os matasse.

Você está disposto a pedir a Deus para fazer o mesmo com os seus pensamentos?

Transformação mental: edição divina

Talvez você esteja pensando: *Muito bem, Craig, gostei do seu pequeno discurso de incentivo, e de como Deus quer que enxerguemos o copo metade cheio, não metade vazio*. Por favor, não reduza o que estou dizendo a autoafirmações e pensamento positivo. Não estou dizendo para você moldar a sua vida com bons pensamentos. Estou dizendo para você moldá-la com os pensamentos de Deus.

Remova tudo o que não é de Deus. Alinhe os seus pensamentos à Palavra. Se a sua vida for continuamente corrompida por pensamentos insalubres, lave-os com a água da Palavra.[Nota 9] Como as corredeiras de água pura suavizam as extremidades pontiagudas das rochas convertendo-as em pedras lisas do fundo do rio, assim a verdade de Deus transforma os cacos de pensamentos quebrados em fundamento sólido sobre o qual podemos edificar a nossa fé.

Você não é vítima dos seus pensamentos. Em Cristo, você tem o poder de torná-los cativos. Por conseguinte, encontrará o que procura. Você pode acreditar no pior ou pode pensar o melhor. Pode encontrar razões para se preocupar ou razões para ter fé. Pode ser um pessimista na vida, ou ter a fé que transforma a vida.

O mundo está cheio de toxinas espirituais, mas a sua mente não será dominada. Em Romanos 12.2, Paulo nos lembra do antídoto sobrenatural para os venenos que tentam infectar a nossa mente: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela *renovação da sua mente* [...]”.[Nota 10] A palavra grega traduzida por “renovação” é *anakainosis*, que quer dizer “restaurar, renovar, tornar melhor que novo”. Imagino uma casa infestada de cupim sendo transformada por um bom extermina-dor e uma equipe de construção da HGTV.[Nota 11] Pense nisso como uma “Transformação mental:

edição divina”!

Se você deseja levar uma vida limpa em um mundo poluído, deve remover as sementes venenosas do seu interior. Exercite-se em levar todo pensamento cativo. Peça a Deus para identificar e ajudar a remover as idéias e imagens que exaurem a vida da sua mente. Encha os seus pensamentos com verdade divina e a beleza de sua bondade. Renove a sua mente e veja sua fé crescer de maneira tal que o deixará atônito.

Nota 1 - Phil McGraw, psicólogo e apresentador de programa de televisão norte-americano, tornou-se conhecido do grande público como consultor de comportamento e relações humanas da apresentadora Oprah Winfrey. [N. do T.] [Voltar]

Nota 2 - Provérbios 4.23, opção de tradução apontada no rodapé da Nova Versão Internacional. [Voltar]

Nota 3 - 2Coríntios 10.4, Nova Tradução na Linguagem de Hoje. [Voltar]

Nota 4 - 2Coríntios 10.5. [Voltar]

Nota 5 - V. 2Timóteo 1.7, Almeida Revista e Corrigida. [Voltar]

Nota 6 - Filipenses 4.7. [Voltar]

Nota 7 - V. 8. [Voltar]

Nota 8 - Tradução livre de Jeremias 12.3, Nova Versão Internacional, em inglês; grifo do autor. [N. do T.] [Voltar]

Nota 9 - V. Efésios 5.26. [Voltar]

Nota 10 - Grifo nosso. [Voltar]

Nota 11 - Programa de televisão norte-americano dedicado à transformação, melhoria e manutenção de casas e jardins. [N. do T.] [Voltar]

Linguagem letal

Experimentando o poder das palavras construtivas

Palavras que não transmitem a luz de Cristo aumentam a escuridão.

— Madre Teresa

Era o fim de uma tarde fresca de outubro quando afinal descobri a verdade. Até então, eu vivera os meus primeiros dez anos em bem-aventurada ignorância, protegido da dolorosa revelação prestes a abalar o meu mundo. Ashley Sanders, vizinha e colega da quinta série, oscilava ao meu lado no balanço em seu quintal. Enquanto ela dobrava as pernas para ganhar impulso rumo ao céu, seu cabelo dourado brilhava na brisa. Chegando ao ponto mais alto no balanço, ela enfiava as pernas graciosamente sob o assento do balanço de madeira e deixava a gravidade levá-la de volta para baixo.

Para não ser ultrapassado, eu me inclinava para trás e disparava as pernas para o alto, para atingir uma altura um pouco acima dela, preocupado em impressioná-la com a minha habilidade no balanço. Por alguns breves segundos, a vida não poderia ser melhor — o vento no rosto, a menina mais linda da classe ao meu lado, o sol batendo no cabelo dela. Até que, sem me permitir antever o que aconteceria, Ashley jogou no meu colo uma bomba que me transforma-ria a vida.

“Você é feio de perfil”, disse ela como quem não quer nada, da mesma maneira que teria dito “Está quente hoje” ou “Esta noite teremos comida congelada no jantar”.

Será que eu ouvira direito? Feio? Eu? Impossível!

A garota dos meus sonhos acrescentou um olhar do tipo “Sou muito mais bonita do que você e não o namoraria nem se você fosse o único garoto da cidade”.

O meu corpo ficou entorpecido com o choque diante daquele ataque. Atônito, permaneci firme como se disso dependesse a minha vida, não mais preocupado em balançar alto, mas com medo de cair.

“Não sou não!”, gritei em resposta. Mesmo não sabendo o que era “perfil”, a palavra “feio” associada a qualquer coisa que tivesse que ver com minha figura masculina de garoto da quinta série me deixou na defensiva na mesma hora.

“É sim”, Ashley insistiu sem rodeios e com a voz despida de qualquer emoção humana. Então ela disparou contra mim outra vez, e cada palavra era um soco de alto impacto no tom monótono e direto que é dominado apenas por uma verdadeira rainha de *playground*: “Você é feio de perfil”.

A minha mente virou um turbilhão. O que é “perfil”? Uma ferramenta de jardinagem? Um utensílio de cozinha? Um arquivista profissional? E existem arquivistas amadores?

Com medo de comprometer a minha inquebrantável defesa anterior, “Não sou não”, tratei de engolir em seco e perguntar: “Mas... er... O que é perfil mesmo?”.

“Seu burro”, ela retrucou. “É como você fica de lado”. Observando-me de lado enquanto continuava a balançar, Ashley soltou o doloroso veredito: “Você é feio de perfil porque tem um nariz *muuuuuuuito* grande”.

O tempo parou.

Nariz grande? Eu? De quem ela estava falando? O meu nariz é normal. Não há nada especial ou incomum no meu nariz, um nariz tamanho médio dos mais comuns.

Abandonei o meu posto de batalha e corri para casa o mais rápido que pude. Seria verdade mesmo? Tenho o nariz grande? Passei feito um raio pela minha irmã e disparei para dentro do banheiro, a fim de observar o meu rosto. Orando pelo melhor e preparando-me para o pior, agarrei o espelho de mão da minha mãe e empoleirei-me sobre o balcão ao lado da pia. Virei a cabeça para o lado e inclinei o espelho de mão em determinado ângulo de modo que ele refletisse no espelho grande do banheiro. Naquele instante, os meus olhos se abriram. Eu me

vira em espelhos a vida inteira apenas de frente. Desse ponto de vista, o meu nariz parecia normal. Mas de lado...

Era verdade — eu tinha muito mais nariz do que a média das pessoas.

“Ahhhhhhhhh!”, gritei, chocado com o que vi. Ashley Sanders, embora um tanto cruel, não havia mentido. Eu tinha mesmo um narigão. E narigudos são feios de perfil.

A minha vida nunca mais seria a mesma.

Paus e pedras

Você não precisa ser narigudo para conhecer o velho mantra desde a infância: “Paus e pedras podem quebrar os meus ossos, mas palavras jamais conseguirão me ferir”. O simples fato de a frase ser repetida por crianças da primeira série não significa que seja verdadeira. O incidente com Ashley Sanders permanece um caso clássico e relevante para mim. Talvez a tradução adulta desse adágio esteja mais para “Paus e pedras podem ferir o seu corpo por alguns dias, mas palavras deixam cicatrizes na sua alma por toda a vida”.

Como uma bomba de nêutron que aniquila a vida humana deixando intactas as construções, as palavras podem ser devastadoras. O corpo talvez permaneça ileso, mas o coração recebe o estilhaço mortal das frases dolorosas. Davi, com sua “pouca experiência” em ter como inimigo alguém que ocupava um cargo elevado, escreveu: “Eles afiam a língua como espada e apontam, como flechas, palavras envenenadas”.[Nota 1] Tenha você 18 ou 80 anos, é provável que consiga recordar a dor imposta pelas palavras ásperas de alguém a queimarem a sua alma. Talvez você ainda ouça a mensagem de anos atrás ecoando no seu íntimo todos os dias, descrevendo um círculo sem fim dentro da sua mente:

“Você nunca será nada na vida.”

“Gostaria de nunca ter tido você.”

“Você não se parece nada com o seu irmão.”

“Estou cheio de você.”

“Nunca amei você.”

“Você nunca vai mudar.”

Por devastadoras que sejam essas palavras, é possível compensá-las com palavras de verdade, esperança e amor. As palavras certas na hora certa têm poder para ajudar, curar e transformar vidas.

Provérbios 18.21 diz: “A língua tem poder sobre a vida e sobre a morte [...]”. O que você diz pode gerar vida para você e para os outros, ou pode ajudar a dissipá-la.

O poder das palavras vai além da imaginação. Pense a respeito. Ao criar o mundo, como Deus agiu? Ele falou. Ele disse “Haja...”, e lá estava. As palavras têm poder. Em inúmeros contos de fadas, mitos e lendas, o poder está em um feitiço ou encantamento proferido, ou em uma expressão mágica capaz de causar destruição ou restaurar a harmonia.

A potência das palavras piedosas leva à restauração, cura e transformação. Palavras impiedosas têm o poder de amarrar, prender e destruir.

Palavras criativas criam.

Palavras destrutivas destroem.

Palavras perniciosas esmagam.

Palavras de ajuda edificam.

Palavras tóxicas envenenam.

Palavras de alívio curam.

Palavras cheias de fé produzem vida.

Palavras descrentes produzem morte.

Incontáveis vezes por dia, quando se trata do que ouvir e falar, você tem escolhas a fazer. Ao ouvir as palavras dos outros, você pode optar por acatá-las como verdade ou rejeitá-las como mentiras. E, cada vez que você abre a boca para proferir uma palavra, tem a oportunidade de declarar vida ou a tentação de tomá-la. Pense nos últimos dias. Quando você dirigiu a palavra a outras pessoas, o que elas ouviram? Ou você lançou dardos afiados, com a ponta embebida em veneno pronta para lhes perfurar o coração, ou você lhes deu injeções de incentivo vivificantes e que honram a Deus.

Os dois lados da sua boca

Várias passagens nas Escrituras estabelecem um contraste. Provérbios diz: “As palavras do falador ferem como pontas de espada, mas as palavras do sábio podem curar”.[Nota 2] Quais são as palavras do falador? São os cacos de vidro arremessados no calor de uma discussão. As palavras que você sabe que se arrependerá de ter dito assim que elas saem da sua boca. As mensagens amargas, dolorosas, cancerígenas, que afligem e machucam as pessoas. Por outro lado, a língua do sábio traz encorajamento, alegria e sabedoria. Provérbios 15.4 expressa essa dualidade de outra maneira: “O falar amável é árvore de vida, mas o falar enganoso esmaga o espírito”. Palavras positivas plantam sementes de belas árvores. Palavras enganosas envenenam o próximo como ervas daninhas.

Que frases ficaram gravadas a ferro na sua memória e têm moldado a sua vida? Se você é como a maioria, deve lembrar-se de várias dessas frases tóxicas endereçadas contra a sua pessoa. Talvez tenham sido frases como inocentes: “Era isso mesmo o que você queria fazer com o seu cabelo?”; “Por que você ainda não se casou?”; “Pensei que você fosse se sair bem melhor”.

Ou talvez as palavras tivessem a intenção de perfurar como um punhal envenenado: “Você não consegue fazer nada direito?.” “Eu queria nunca ter casado com você.” “Você é mesmo uma figura.” “Você foi a maior decepção da minha vida.”

A minha esperança é que você também seja capaz de se lembrar de palavras construtivas proferidas no exato momento em que mais precisava delas. Talvez alguém tenha dito: “Eu acredito em você”, e isso era tudo o de que você precisava para seguir em frente. Talvez alguém tenha dito: “Estou tão orgulhoso de você”, e essa afirmação tocou a sua alma. Quem sabe um amigo próximo tenha compartilhado algo como: “Minha gratidão por você é maior do que você jamais conseguirá entender”, e, em troca, essas palavras significaram mais do que o seu amigo jamais poderá compreender. As palavras ditas por um cônjuge amoroso costumam transmitir a ideia de “Eu me casaria de novo com você”, lembrando-o de que você pode contar com o apoio dele.

Outro provérbio compara essas palavras com o mel e o remédio: “As palavras

agradáveis são como um favo de mel, são doces para a alma e trazem cura para os ossos”.[Nota 3] Sou grato pelas pessoas que me alimentam de palavras doces de afirmação e encorajamento.

As palavras de Amy me fazem avançar muitas vezes. Quando me sinto deprimido e inadequado para o ministério à minha frente, ela me lembra de quem sou e do que tenho em Cristo. Quando alguém critica o nosso estilo de ministério, ela me lembra de que Deus nos chamou para fazer uma obra diferente. E às vezes ela simplesmente me chama de seu *Megaman*! Posso ser um sujeito comum, mas gosto de saber que, para ela, sou um super-herói.

Deus tem usado tanto a minha mãe quanto o meu pai para me edificar com seu apoio forte. Desde que me entendo por gente, mamãe sempre disse, repetidas vezes: “Você consegue fazer qualquer coisa que decidir na sua mente. Deus concedeu a você dons tremendos, e sei que ele tem planos incríveis para a sua vida”. Cada vez que ela me dirigiu essas palavras, plantou sementes de fé no meu coração, as quais cresceram e floresceram, anos mais tarde, no ministério que conduzimos hoje.

O meu pai também investiu em mim com suas palavras peculiares. Quando eu jogava beisebol, na infância, depois de uma grande jogada ou de fazer um *home run*, papai sempre ficava radiante e dizia: “Filho, estou tão orgulhoso de você que os botões da minha camisa estão prestes a explodir”. Passei anos sem fazer ideia do que ele queria dizer, mas sabia que gostava de ouvir.

Agora que sou mais velho, o apoio dos meus pais ainda significa mais para mim do que sou capaz de expressar. Certa vez, papai me mandou um cartão parabenizando-me pelo que Deus tem feito por intermédio do meu ministério. Fiel à sua paixão por beisebol, ele escreveu apenas: “Você agora está jogando em um grande time, filho. Eu não me poderia sentir mais orgulhoso de você”. Ainda choro cada vez que leio suas palavras.

Coloque o lixo para fora

É evidente que não podemos controlar o que os outros dizem a nosso respeito,

mas podemos controlar aquilo em que acreditamos. Já que as palavras tóxicas têm poder para destruir a nossa alma, precisamos ser passionais na guarda do nosso coração contra elas. Faça o que for necessário para manter o veneno longe do seu coração. Salomão disse ao filho: "Filho meu, atenta para as *minhas palavras* [...]. Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida".[Nota 4] Com palavras vivificantes, um pai protetor advertiu o filho para guardar o coração como sua fonte de vida. Temos de impedir que outros descarreguem lixo tóxico na nossa fonte de abastecimento de água.

Deus me ajudou a fazer isso durante uma época essencial, nos meus primeiros anos de ministério. Entre os 23 e 28 anos de idade, servi como pastor associado na Primeira Igreja Metodista Unida, uma congregação pujante no centro da cidade de Oklahoma. O pastor, Nick Harris, era um homem de extraordinário talento e foi um grande mentor para mim. Embora muito eficaz, seu estilo de liderança e sua filosofia de igreja se provaram um tanto controversos naquela denominação tradicional. Alguns líderes de conferência da Metodista Unida abraçaram a filosofia do pastor Nick por considerá-la necessária e eficiente. Outros ficaram com a impressão de que ele estava ultrapassando os limites. Como um dos "meninos de Nick", é provável que eu tenha sido submetido a um escrutínio um pouco mais severo durante o meu processo de ordenação.

Na época, a Igreja Metodista me reconheceu como o que eles chamavam de "pastor local". Embora não me ordenassem, consagraram-me para oficiar casamentos, funerais, batismos e servir a ceia do Senhor sob a liderança do pastor Nick. Durante o seminário, quando eu estava com 26 anos, compareci perante o conselho de ordenação. O líder do conselho era um sujeito que não gostava do estilo e da filosofia de Nick e, ao que tudo indicava, não me tinha em alta conta.

Olhando para trás, reconheço que algumas arestas minhas precisavam ser aparadas. Mesmo sabendo que o líder da equipe de ordenação não era um dos meus maiores fãs, fiquei atordoado quando ele apresentou seu veredito. "Craig", disse ele muito sério, "você não possui o conjunto de habilidades normais com que a maioria dos pastores conta. Depois de muita discussão, não nos sentimos

seguros de que tenha de fato sido chamado para o ministério em tempo integral".

Suas duas declarações viraram a minha vida de cabeça para baixo.

Senti como se tivesse levado um soco no estômago e não conseguisse respirar. A minha mente girava. O que aconteceria agora? O que todo mundo iria pensar? Eu entendera errado o chamado de Deus? Como encarar a igreja, a minha esposa, os meus amigos? Em poucas palavras, a comissão redirecionara tudo o que eu acreditava ser certo, verdadeiro e agradável a Deus.

Enquanto eu dirigia o meu pequeno Geo Prism de volta para casa depois da reunião, as lágrimas inundaram a minha face. Estacionei o carro e clamei a Deus: "O que está acontecendo? Eu tinha certeza de que o Senhor me chamara para servi-lo no ministério!".

Não sou do tipo que dá a cartada "Deus me falou" à toa. Sem sombra de dúvida, sei que Deus fala com as pessoas, mas sou muito cuidadoso para não afirmar que "Deus me disse..." levianamente. Naquele instante, contudo, creio de verdade que Deus falou comigo. Não de maneira audível, mas ainda sim clara como o cristal. Ainda me sentindo trespassado pelas palavras do líder da comissão, Deus ministrou ao meu coração seu bálsamo tranquilizador: "Você não é o que as pessoas dizem que você é. Você é quem eu digo que você é, e eu digo que você foi chamado para me servir no ministério".

A mensagem de Deus me deu a força necessária para dirigir até a igreja e conversar com o meu pastor. Depois de lhe dar a notícia, vi Nick me olhar enternecido e abrir um sorriso sábio. Ele explicou que a comissão de ordenação lhe dissera a mesma coisa anos antes. Então selou a minha fé com palavras que me servi-riam de incentivo durante anos: "Quando Deus chama você, não há uma só pessoa no mundo capaz de o impedir de cumprir o que ele quer que você faça".

Era tudo de que eu precisava naquele momento.

Posso ser rejeitado por homens (e por Ashley Sanders), mas sou aprovado por Deus.

Com certeza não fui o primeiro a sofrer esse golpe, nem serei o último. Mas fiz uma opção: rejeitar as palavras tóxicas dos homens e abraçar a afirmação de Deus por meio de seu Espírito e do meu pastor. Palavras de verdade me

mantiveram nos trilhos. Faço o que faço hoje porque palavras de vida me autorizaram a avançar. (Que fique registrado, o conselho me aprovou um ano mais tarde para ser ordenado como diácono, um degrau abaixo da plena ordenação como presbítero. Embora eu tenha deixado a denominação, ainda cultivo grande apreço por sua tradição e por seu ministério.) Quando alguém diz alguma coisa para ou sobre você, treine-se para classificar essas palavras da mesma maneira que treinamos os nossos filhos em um jogo ensinado por amigos nossos: Verdade ou Lixo. Analise a mensagem e a fonte antes de engolir e digerir o que outra pessoa oferece a você. As palavras dela são verdadeiras? Baseadas nas Escrituras? Fundamentadas em dados reunidos ao longo de um período? Se forem, aceite-as. Permita que essas palavras vivificantes ministrem à sua alma e moldem você à imagem de Cristo. Mas, se forem inverídicas, se tiverem uma intenção maldosa e crítica sem serem construtivas, então as chame pelo que são — lixo tóxico. Rejeite-as. Não permita que penetrem em sua alma. Coloque o lixo para fora e deixe-o junto ao meio-fio. Apague as palavras tóxicas e alimente-se da verdade.

Escolha a vida

Não só deveríamos calar quaisquer palavras negativas, como também liberar as positivas. Tento viver pela regra “Se pensar algo bom, diga”. Toda vez que você pensar algo positivo, dê-lhe vida com palavras. Isso é especialmente importante se você for casado.

Estou convencido de que essa é uma das razões pelas quais Amy e eu temos um casamento sólido. Sempre que penso algo sobre ela que poderia abençoá-la, procuro dizê-lo de imediato. (Isso significa que falo um bocado com a minha esposa!)

Há pouco tempo, um estudante do último ano de faculdade hospedou-se conosco no verão. Amy e eu concordamos que se-ríamos verdadeiros e ponto final, em vez de armarmos um circo. Assim, quando a vi em trajes de que gostei muito, declarei-o logo com entusiasmo e, quando dei por mim, estávamos nos

beijando. A minha filha, Anna, deu de ombros, voltou-se para o hóspede e confortou-o: “Pode acreditar, você vai acabar se acostumando. Acontece o tempo todo”. Demos boas risadas do comentário de Anna sobre o nosso casamento. No entanto, sem que ninguém saiba, sou grato por minha filha conhecer a mãe e o pai que tem e por nos incentivar com tanto afeto.

No instante em que você pensa algo bom, abençoe com palavras positivas alguém a quem ama. Usando tecnologia, você consegue compartilhar palavras vivificantes ao longo do dia. Pode dar um rápido telefonema só para avisar: “Eu estava pensando em você”. Pode mandar um *e-mail* dizendo que sente falta de alguém. Pode mandar uma mensagem de MSN chamando a namorada pelo apelido carinhoso. Ou pode enviar uma mensagem de texto mais apimentada para o marido.(Amy gosta de se gabar das excelentes mensagens que trocamos. Só não se esqueça de apagá-las para nunca passar vergonha. E cuidado para não se enganar e acabar mandando para a pessoa errada. Só um lembrete.) Cada vez que pensar em algo bom, verbalize-o. Jamais roube de ninguém as bênçãos de um tesouro não pronunciado.

Edifiquem-se com palavras. Nunca é demais oferecer incentivos. Digo a Mandy, a minha segunda filha, que sou louco por ela. Vezes e mais vezes expresso o meu amor por ela. Até que um dia ela disse: “Pai, você está sempre falando de quanto é louco por mim. Todos os dias é a mesma coisa”. Com medo de ter sido repetitivo em excesso, perguntei: “Então prefere que eu pare?”. Mais que depressa, ela respondeu: “De jeito nenhum, pai. Adoro quando você faz isso”.

Mostre-me um relacionamento em dificuldades e eu mostrarei a você um relacionamento repleto de palavras tóxicas. Mostre-me qualquer casamento claudicante e eu mostrarei a você um casamento cheio de dardos vocais lançados pelo ar. As palavras são importantes. Ou dão vida, ou tiram vida. Escolha dar vida.

Identificando a estação

Ao desenvolver o hábito de dizer palavras cheias de fé e incentivo para as pessoas, não se esqueça de você mesmo. *Diálogo interno* é o termo usado para descrever as palavras que você diz a si mesmo ou profere a seu respeito e que as pessoas raras vezes ouvem. A estação de TV local e as estações de rádio costumavam fazer interrupções em intervalos determinados para lembrar à audiência que todos faziam parte da mesma comunidade, não eram apenas uma grande rede ou retransmissores de programas para todo o território nacional. Os locutores de rádio queriam que você se lembrasse de que estação estava ouvindo, da identidade deles. Devemos lembrar-nos da nossa identidade com frequência, de quem somos de fato, e não sucumbir às mensagens falsas que nos bombardeiam todos os dias.

Tenho plena convicção de que muita gente limita o próprio futuro com um diálogo interior tóxico. Por exemplo, você talvez se surpreenda pensando coisas do tipo: "Estou exausto. Não creio que sobreviverei a esta semana. O trabalho está me matando. Não sou tão bom. É provável que só faça bobagens". Em certos sentidos, o diálogo interior negativo pode tornar-se uma autoprofecia realizadora. O atleta tem maior chance de marcar pontos depois de se visualizar tendo atingido sua meta, como também aumenta sua probabilidade de não marcar nada se assim visualizar. As palavras, proferidas para o mundo exterior ou absorvidas internamente, moldam o seu futuro.

Encorajo você a sempre dizer palavras revigorantes para si mesmo e para as circunstâncias. Jesus declarou: "[...] Se alguém disser a este monte: 'Levante-se e atire-se no mar', e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito".[Nota 5] Observe como ele enfatiza o poder daquilo que dizemos, no caso, a um monte. Um pastor que conheço costumava dizer o tempo todo: "Não fale do seu monte. Fale com ele".

Davi era apenas um jovem pastor quando usou as palavras para edificar a própria fé enquanto enfrentava o gigante invencível, Golias. Ouça as palavras de fé que ele pronunciou para ele mesmo e para o gigante filisteu:

> "[...]Você vem contra mim com espada, com lança e com dardos, mas eu vou contra você em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos

de Israel, a quem você desafiou. Hoje mesmo o SENHOR o entregará nas minhas mãos, eu o matarei e cortarei a sua cabeça. [...]”.[Nota 6]

Se você estiver enfrentando um gigante em sua vida, fale com ele. Expresse a sua oposição: “Você não é maior do que o meu Deus. Com a ajuda de Deus, eu o derrotarei”.

Que fique muito claro: não estou ensinando aquilo que se tornou conhecido nos círculos eclesiásticos como doutrina da “declaração de fé”. Alguns acreditam que você terá tudo o que declarar. Na minha opinião, trata-se de uma crença falsa e perigosa. Não estou dizendo que as suas palavras têm mais poder que o plano de Deus. Sem sombra de dúvida, Deus é soberano, onisciente, onipotente, onipresente. Faz o que quer. A nós resta concordar com o que ele diz. Como alinhamos os nossos pensamentos com os dele, devemos alinhar as nossas palavras à sua verdade.

Cem razões para viver

Anos atrás, conheci um sujeito na igreja a quem chamarei de Scott. Vários minutos depois de começarmos a conversar, notei que ele lutava contra uma depressão profunda e perigosa. Tentando discernir a gravidade do problema, perguntei educadamente se ele já pensara em tirar a própria vida. Não me surpreendi quando ele disse que pensava nisso o tempo todo.

Nos vinte minutos seguintes, Scott me contou por que não tinha motivos pelos quais viver. Um diálogo interno tóxico fluiu feito água de esgoto através de uma comporta rompida. “Não sou bom em nada. Ninguém me ama. Nunca vou me casar. Sou um fracasso total.” E ele seguiu adiante, lamentando-se sem parar.

Na condição de jovem pastor, sem muita certeza de como agir, fiz uma rápida oração em silêncio, pedindo sabedoria e direção a Deus. Creio que Deus me instigou a experimentar algo que eu nunca fizera, nem voltaria a fazer. Peguei uma caderneta e ordenei a Scott: “Você agora me dará cem motivos que tem para viver”. Ele me olhou fixo, com os olhos vidrados, enquanto eu escrevia os números no papel, deixando cem itens registrados para receber as cem razões que Scott tinha para viver.

“Qual o primeiro?”, perguntei-lhe.

Scott começou reiterando seu ponto de vista: “Já disse, não tenho nenhum motivo para viver”.

Em vez de recuar, pressionei-o: “Diga-me alguma coisa em que você é bom. Qualquer coisa. Só quero que me diga *uma* coisa”.

Scott cedeu. Em tom monótono, revelou: “Está bem. Sou um escritor muito bom”.

De fato, era. Scott redigia boletins para sua empresa. Seu talento para escrever era inquestionável.

“Aí está”, comemorei, tão confiante quanto possível. “Número um: você é um bom escritor. Agora, diga-me o número dois”, insisti.

Scott hesitou de novo. “Mas eu já expliquei...”, ele recomeçou, porém eu o interrompi. “Número dois?”, pedi, sem aceitar um não como resposta.

“Sou engraçado”, disse ele sem ao menos esboçar um sorriso. “As pessoas dizem que sou engraçado.”

Ele era mesmo um sujeito engraçado, dono de um senso de humor seco e arguto. De modo que anotei e repeti em voz alta, querendo causar efeito: “Número dois: você é um sujeito engraçado. Número três?”, perguntei, sem deixar o assunto esfriar.

“Sou muito parecido com Robert Redford”, disse ele, tão sério quanto seria capaz.

Bem, não quero pôr a perder tudo o que escrevi neste capítulo dizendo algo negativo, mas ele não tinha nada a ver com Robert Redford! Assim, limitei-me a escrever, ao mesmo tempo que ia lendo as palavras devagar: “Você... é... mesmo... *muito*...engraçado”.

Enfim a sombra de um sorriso. Uma pequena abertura se vislumbrava.

“Número quatro”, pedi, tentando manter a bola rolando.

Em pouco tempo, Scott começou a entrar no espírito do exercício. Evidentemente ele tinha muitos motivos para viver dos quais não estava consciente minutos antes. Logo eu preenchia os espaços vazios tão rápido quanto conseguia escrever. Depois que Scott superou seu diálogo interno negativo, enxergou montes de traços positivos em si mesmo. Tinha uma irmã que o admirava. Tinha um pequeno grupo de pessoas pelas quais orava todos os dias.

Servia o jantar de ações de graças todos os anos para desabrigados. Patrocinava uma criança da Compassion International no Chile. Uma a uma, levantamos cem razões específicas e diferentes pelas quais Scott deveria viver.

No final daquele período que passamos juntos, Scott me pareceu emocionado de verdade. Recomendei-lhe um terapeuta, e ele concordou em consultá-lo. Em seguida orei a favor dele e de sua lista de razões para viver. Vários meses mais tarde, Scott se mudou para outra cidade e perdi o contato com ele.

Você bem pode imaginar como fiquei chocado, mais ou menos doze anos depois, quando o vi se aproximar depois de um culto para me apresentar a esposa e o filho. Scott tentou agradecer-me por aquele nosso encontro, mas não conseguiu pôr as palavras para fora por causa das lágrimas. Nunca me esquecerei do momento em que Scott enfiou a mão no bolso, abriu a carteira e me apresentou uma folha rasgada de papel com as cem razões pelas quais deveria viver. Ele a carregara consigo aqueles anos todos como um lembrete. Entregou-me então o papel e disse: “Não preciso mais disso. Deus tem escrito centenas de outras razões mais no meu coração”.

Fale ao monte

Quando você se sentir tentado a dizer “Tenho coisas demais para fazer”, pare e substitua a frase pela verdade: “Fui capacitado e dotado por Deus, preparado para fazer tudo o que ele deseja que eu faça”. Quando tiver a sensação de que está na média ou abaixo da média, chame essa impressão pelo nome: lixo. Diga a si mesmo: “Sou criatura de Deus, feito em Cristo Jesus para realizar boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que eu execute”. Caso se sinta mal demais para Deus usar, lembre-se da verdade.

“Sou uma nova criação em Cristo.”

“O velho homem se foi.”

“O novo chegou.”

Se você sentir que será sempre miserável, fale ao monte: “Tenho tudo aquilo de que necessito. Deus é a minha fonte de alegria e vida”. Quando se sentir

diante de um gigante grande demais para superar, erga os olhos para ele e diga: “Tenho toda a fé de que preciso para o enfrentar. Quem é você para se levantar contra o meu Deus? Hoje o meu Deus me dará a vitória”.

Você tem poder para gerar vida por intermédio de suas palavras. Tem também a capacidade de tirar a vida usando o poder da linguagem letal. Você pode agora matar gigantes e descansar diante deles. Mover montes e amaldiçoá-los por estarem em seu caminho. A escolha é sua.

É tudo uma questão do que e de como você diz.

Nota 1 - Salmos 64.3. [Voltar]
Nota 2 - 12.18, Nova Tradução na Linguagem de Hoje. [Voltar]
Nota 3 - Provérbios 16.24. [Voltar]
Nota 4 - Provérbios 4.20,23, Almeida Revista e Atualizada. [Voltar]
Nota 5 - Marcos 11.23. [Voltar]
Nota 6 - 1Samuel 17.45,46. [Voltar]

Desperdício perigoso

Revelando pecados ocultos

O pecado não é nocivo por ser proibido, mas é proibido por ser nocivo.

— Benjamin Franklin

Já pegaram você contando uma mentira? Se a sua resposta foi não, vou supor que acaba de acontecer... de novo! Em relação a isso, sou tão culpado quanto qualquer um. Na verdade, há pouco tempo levei o significado da expressão "pego com a mão na massa" a um patamar completamente novo. Pelo fato de Amy e eu termos seis filhos, é inevitável que muita gente nos considere meio malucos. Para os outros, ter tantos filhos assim de propósito é inconcebível (desculpe o trocadilho).

Portanto, quando dizem coisas como "Seis filhos! Ainda não descobriram a causa disso?", adoro aproveitar para me divertir. Em geral, respondo: "Para ser franco, descobrimos *sim* e é tão bom que não estamos nem um pouco dispostos a abrir mão disso!". Amy já ouviu essa minha piada tantas vezes que costuma sair de perto. Sabe que depois eu prossigo explicando que ela não consegue manter as mãos longe de mim, já que tem sempre uma única coisa em mente. As pessoas reviram os olhos (e creio que fazem uma rápida oração em favor da minha pobre esposa), mas isso não me impede de achar graça em toda essa história.

Brincar com o nosso "time de basquete mais um no banco" é um dos meus quebra-gelos prediletos quando tenho de falar em um local novo. Antes da conferência de um grande líder em Atlanta, este ano, Amy me fez prometer que eu não contaria a piada em que ela "não consegue manter as mãos longe de mim". Embora relutante, concordei. E tinha toda a intenção, *de verdade*, de

cumprir a minha palavra. Mais ou menos dez minutos depois que comecei a falar, no entanto, por acaso mencionei que tinha seis filhos. Antes que me desse conta do que estava fazendo, repeti todo o ritual, incluindo a frase “Suplico para a minha esposa ficar só no abraço, mas ela insiste até eu ceder”. Foi bem engraçado, para ser franco. Mas quebrar a minha promessa para Amy não teve graça nenhuma.

Para piorar as coisas, mais tarde, quando nos falamos por telefone, ela quis saber se eu tinha feito alguma piada sobre o nosso casamento. Não me orgulho do que estou prestes a contar a você essa que é a verdade. Resolvi fazer um jogo com ela e menti depois de já ter quebrado a promessa que lhe fizera. “Não, acho que não mencionei nada sobre você, amor”, respondi, prendendo a respiração e orando para que ela não descobrisse. Então ela perguntou: “Então por que estou lendo tantos *tweets* de pessoas que estiveram presentes à conferência falando que desejo você o tempo todo?”.

Como eu disse, fui pego com a mão na massa. *Mesmo*.

Uma situação pegajosa

Esse fracasso com Amy não foi o primeiro, e receio que não será o último. Infelizmente, em virtude da nossa natureza caída, todo mundo acaba cedendo à tentação e escolhendo o próprio caminho, em detrimento do caminho de Deus. Em geral, o nosso pecado cresce como uma bola de neve em uma avalanche de engano. Como Adão e Eva no jardim, a nossa primeira reação ao pecado costuma ser encobri-lo. Quando os primeiros seres humanos sobre a terra desobedeceram a uma regra divina — evitar o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal —, eles não correram na mesma hora para Deus e pediram perdão. Em vez disso, fizeram a mesma coisa que eu fiz quando Amy me perguntou sobre as piadas. Mentiram e tentaram encobrir a própria desobediência.

Fiéis à natureza caída, a maioria de nós amplia o próprio fracasso tentando ocultar seu pecado. Quando fazemos algo errado e danoso, esperamos enterrar os

nossos atos tóxicos de modo que ninguém os descubra. Agarramo-nos à falsa esperança de que, se outros não souberem o que fizemos, não será tão ruim. Se de fato assumimos a atitude de negar tudo a qualquer custo, às vezes tentamos fingir que o nosso erro não aconteceu em hipótese nenhuma. É como derramar xarope de bordo no tanque de gasolina de um carro e depois esconder a garrafa vazia para não ser descoberto. O seu pecado pegajoso arruína o tanque de combustível e a possibilidade de ele funcionar, quer outras pessoas saibam o que aconteceu, quer não.

Adão e Eva dispararam uma reação em cadeia que se estende até as suas e as minhas escolhas hoje. É claro que eles não são os únicos mascarados mencionados na Bíblia. Basta olharmos para a geração seguinte, de seus filhos, para ver outra tentativa colossal de encobrir um pecado. Quando Deus aceitou a oferta de Abel, mas não a de Caim, o segundo irmão ficou com inveja do primeiro. Em um ataque de fúria, Caim matou Abel de um só golpe.

Em seguida ao assassinato, Caim tentou esconder seu pecado do Pai onisciente. Observe a interação entre Deus e Caim. "Então o SENHOR perguntou a Caim: 'Onde está seu irmão Abel?' Respondeu ele: 'Não sei; sou eu o responsável por meu irmão?'".[Nota 1] Você não consegue até ver como ele mais que depressa desviou os olhos do Senhor? Ou perceber a hesitação em sua voz? "Er... O que o Senhor quer dizer com isso, Deus? Não sei do que o Senhor está falando. Não faço idéia de onde ele está. Por que a pergunta? Está me achando com cara de babá de Abel?"

Alguém peca; encobre o que fez; nega tudo. O padrão se mantém. Você talvez se lembre da história registrada em Gênesis de José e a túnica de várias cores. Quando os irmãos de José ficaram enciumados dele, despiram-no de seu manto predileto e jogaram-no dentro de um poço. Pensaram em matá-lo, mas, em vez disso, resolveram vendê-lo como escravo.

Como tantos outros, os irmãos maquinaram um plano para encobrir o próprio rasto. Deram-se ao enorme trabalho de inventar uma história plausível e produzir provas que lhes sustentassem a fraude. "Então eles mataram um bode, mergulharam no sangue a túnica de José e a mandaram ao pai com este recado: 'Achamos isto. Veja se é a túnica de teu filho'".[Nota 2] Em outras palavras: "Ei,

pai, estamos achando que José já era, mas a culpa não é nossa". Note que eles nem se referem a José como irmão, mas como filho do pai. Esforçaram-se de verdade para se distanciar da própria responsabilidade.

Pare de esconder, comece a buscar

A opção por ocultar o seu pecado talvez torne a vida mais fácil no curto prazo, mas as coisas sempre pioram com o tempo. Provérbios 28.13 resume a ideia da seguinte forma: "Quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona encontra misericórdia". Aquele que esconde os próprios pecados não pode receber as bênçãos divinas. Aquele que os confessa, encontra misericórdia e perdão.

No desejo de purificar a alma, você se vê em uma encruzilhada. Até agora, falamos sobre enfrentar a verdade e superar a tentação de se iludir. Examinamos os perigos das palavras e dos pensamentos tóxicos, e como vencer ambos. À medida que avançarmos, analisaremos em profundidade as emoções tóxicas e como transformá-las. Concluiremos o nosso plano de recuperação da alma examinando tudo o que pode envenenar o nosso relacionamento com Deus e desenvolvendo uma estratégia de prevenção para a integridade contínua.

Se você está falando sério sobre desintoxicar a alma e experimentar um poder limpo e novo em sua fé cristã, esta é uma boa hora para refletir sobre onde você está com Deus e examinar o seu comportamento com sinceridade brutal. O que você tem ocultado, talvez até de si mesmo, que precisa encarar e apresentar diante do Pai?

Você tem um vício secreto? Luta contra a pornografia, a masturbação ou as fantasias? Entrega-se à glutonaria e depois encobre tudo? Corta-se ou se machuca e depois encobre as cicatrizes? Você esbanja recursos em compras, gastos ou jogo para entorpecer as dores da vida? Talvez haja incoerência entre as suas intenções e os seus atos. Você desonra a Deus com os seus amigos nas noites de sábado e depois vai à igreja no domingo como se nada tivesse acontecido? Está indo longe demais com o namorado ou a namorada? Tem

roubado do seu empregador? Mentido sobre o que sente para alguém a quem você ama? Idolatrado o sucesso ou os bens materiais? Fofocado sobre os amigos para parecer melhor?

Permita-me ser curto e grosso. Você tem uma escolha a fazer com potencial para transformar a sua vida. Será que Deus colocou este livro nas suas mãos para o levar a fazer a coisa certa? Não é hora de parar de esconder as coisas e obter ajuda para um pecado que você tem ocultado? O que me diz? Você continuará a esconder e encobrir o seu pecado, esperando nunca ser descoberto? Essa é a estrada fácil — ao menos no curto prazo. Ou você percorrerá a estrada mais difícil — o caminho estreito que conduz à vida — e confessará o seu pecado diante de Deus? Se o desejo do seu coração é ficar limpo, você precisará confessar o que tem maculado a sua alma.

Se optar por continuar a esconder, o seu pecado o poderá levar ainda mais longe do que você gostaria e custar mais do que você imaginou que teria de pagar. Se estiver disposto a buscar a misericórdia de Deus e encarar as consequências com as pessoas afetadas pelo seu pecado, você experimentará mais alegria libertadora do que jamais sonhou. É hora de parar de esconder e de começar a buscar.

Manchete sensacionalista

No ciclo que você vive — pecar, encobrir e negar — existe um quarto elemento. Na verdade, poderia ser chamado de resultado inevitável desses três ingredientes mortais — a revelação. Os nossos segredos sempre vêm à luz de um jeito ou de outro. É só uma questão de tempo para que as vestes da ilusão, tecidas com as nossas mentiras, comecem a desfiar, expondo a verdade nua e crua para todo mundo ver.

E não importa quem você é, por mais poderoso que seja ou por mais dinheiro que tenha para “dourar a pílula” do pecado. Em uma história que soa como se pertencesse a um tabloide de fofocas de celebridades, e não à Bíblia, encontramos uma das conspirações mais intricadas de todos os tempos.

Considere algumas das manchetes possíveis: “Escândalo real com beldade em trajes de banho! Amante casada do rei está grávida! Soldado assassinado para que rei possa casar com viúva!”.

O rei Davi foi descrito como um homem segundo o coração de Deus.[Nota 3] Embora ele amasse com paixão seu Pai celestial, Davi não era imune à tentação, como nós. Um único olhar incendiou um barril de pólvora de adultério, assassinato e conspiração que explodiu, atingindo todas as áreas da vida do rei:

> Na primavera, época em que os reis saíam para a guerra, Davi enviou para a batalha Joabe com seus oficiais e todo o exército de Israel; e eles derrotaram os amonitas e cercaram Rabá. Mas Davi permaneceu em Jerusalém.
>
> Uma tarde Davi levantou-se da cama e foi passear pelo terraço do palácio. Do terraço viu uma mulher muito bonita tomando banho, e mandou alguém procurar saber quem era. Disseram-lhe: “É Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o hitita”. Davi mandou que a trouxessem, e se deitou com ela, que havia acabado de se purificar da impureza da sua menstruação. Depois, voltou para casa. A mulher engravidou e mandou um recado a Davi, dizendo que estava grávida.[Nota 4]

No começo da história, observe que era primavera, época em que, por tradição, os reis compareciam à frente de batalha se a nação estivesse em guerra. Mas Davi permaneceu em Jerusalém. Pode-se dizer que Davi não estava onde deveria, de modo que viu o que não deveria ter visto, levando-o a fazer algo que não deveria ter feito, e isso lhe custou mais do que ele planejara pagar algum dia na vida. Estar no lugar errado nunca o ajuda a fazer a coisa certa.

Davi descobriu essa verdade na carne — literalmente — quando “do terraço viu uma mulher muito bonita tomando banho”. Soa bastante inocente, mas a língua original nos oferece melhor percepção dos fatos. A palavra traduzida por “viu” é muito mais vívida do que a ideia transmitida pelo termo em português. Vem da palavra hebraica *ra’ah* e quer dizer “fitar, olhar fixo ou intensamente”. Uma variação do termo faz referência à ave de rapina, como o abutre, dotado de

incrível visão com a qual arremete sobre uma pobre criatura e lhe dá caça. Em outras palavras, Davi não viu apenas. Ele a analisou de alto a baixo e gostou do que viu.

O rei heroico, ainda que humano demais, sucumbiu ao que a Bíblia chama de "cobiça da carne" ou "desejos da carne".[Nota 5] O inimigo da nossa alma nos tenta com diferentes tipos de pecados para nos afastar de Deus e destruir a nossa vida. As cobiças da carne são das mais difíceis de superar. Parece que os desejos do corpo subjugam a lógica do cérebro e corroem o poder da vontade.

Talvez dentro de Davi se travasse uma batalha mais ou menos assim: "Sei que não é uma boa ideia. Eu não deveria fazer isso. Não deveria ficar olhando para ela. Essa história não tem como acabar bem". Mas os desejos do corpo paralisaram seu cérebro e exibiram a mensagem ACESSO NEGADO ao aplicativo que controlava sua força de vontade. "Que a lógica fique fora disso. Essa mulher é incrível. Eu a desejo. Sou o rei! E vou tê-la."

Para muitos, a luxúria domina a mente e aprisiona o corpo. Algumas pessoas lutam com igual intensidade quando o assunto é comida. A mente diz não, mas o corpo diz sim. Para outras, pode ser o álcool, as drogas ou o cigarro. A lógica nos conscientiza de que fumar ou beber não faz bem para nós, mas o corpo resolve satisfazer o desejo.

Um homem-aranha não tão espetacular

Talvez *sir* Walter Scott, poeta e romancista escocês, tivesse Davi em mente quando escreveu: "Oh, a rede emaranhada que tecemos, / Quando a prática do engano iniciamos!". Pois, ao descobrir que Bate-Seba teria um bebê, Davi começou a partir desse momento a tecer e usar uma teia capaz de envergonhar o Homem-Aranha. Como seu plano não deu certo, ele direcionou sua teia para outro lado e tentou de novo.

Plano A: trazer o marido de Bate-Seba, Urias, de volta da guerra para passar a noite em casa, com a esposa. Com certeza ele e a mulher tomariam um bom vinho, ouviriam um pouco de Luther Vandross e, nove meses depois, Urias

presumiria que o bebê era seu.

Para a infelicidade de Davi, quando Urias retornou, recusou-se a desonrar as tropas desfrutando da própria esposa, de modo que, em vez disso, optou por dormir fora do palácio.[Nota 6]

Plano B: embebedar Urias e vê-lo abrir mão de seus princípios valorosos, cedendo afinal. Parece um plano lógico, porém de novo, mesmo bêbado como um gambá, Urias dormiu fora de casa para honrar a Deus e seus homens.[Nota 7]

Plano C: enviar Urias de volta para a guerra, mandá-lo para a linha de frente e orar para que fosse morto em batalha.[Nota 8]

O plano funciona afinal. Urias, homem de grande honra que nada fizera de errado, morreu lutando. Muitas vezes, somos tentados a adotar medidas semelhantes — sem levar ninguém ao assassinato, espero, mas conspirando e pecando do mesmo jeito — para ocultar os nossos pecados de quem nos rodeia. Não queremos correr o risco de perder a reputação, o *status*, os bens materiais ou outros relacionamentos em razão do que fizemos. Assim, começamos a fiar teias pegajosas.

Plano A: você apaga a história do iPhone, iPad ou *laptop*, na esperança de que ninguém descubra os *sites* que costuma visitar. Ou esconde o frasco para ninguém saber que pílulas você detona, ou as garrafas para ninguém ver suas bebidas. Enterra invólucros, pacotes ou potes de todo doce, batatas fritas e sorvete que devora.

Plano B: se for pego, você mente. Esquiva-se. Inventa uma história maluca envolvendo "uma amiga" viciada em seja o que for que as evidências indiquem. Na verdade, você só está tentando ajudar essa amiga, o que é muito difícil porque ela sofre demais e se nega a reconhecer o problema. Oh, você não faria isso, mas sua amiga sim. Você é inocente desde que não mude a história.

Plano C: caso o plano B não funcione, dê uma de vítima. Culpe outra pessoa, ou o seu cônjuge, ou os seus filhos, ou os seus pais, ou o seu pastor, ou o político que você colocou no Congresso. Grite. Diga para as pessoas que, se cada um tivesse cumprido seu papel, você não teria agido como agiu. Faça o que fizer, não assuma a responsabilidade pelos próprios pecados.

Por mais que se esforce, você não está escondendo nada de Deus. Jesus disse:

“Porque não há nada oculto que não venha a ser revelado, e nada escondido que não venha a ser conhecido e trazido à luz”.[Nota 9] Por mais espertos que nos consideremos achando que escondemos alguma coisa, Deus enxerga além dos nossos jogos. Se a advertência anterior não parecer séria o suficiente, considere a promessa: “[...] Estejam certos de que o seu pecado os alcançará”.[Nota 10] Seja hoje, amanhã, na próxima semana, no próximo mês, no próximo ano, na próxima década, seja na vida vindoura, o seu pecado *há de o* alcançar. Você não pode esconder-se para sempre.

Não é hora de confessar tudo?

Dia de ajuste de contas

Sabemos pelas Escrituras que Deus repreende a quem ama.[Nota 11] Ele sabia que o pecado inconfessado que estava inflamando a alma de Davi precisava ser supurado e limpo. Assim, misericordioso como é, Deus enviou o profeta Natã para confrontar, corrigir e ajudar Davi a fazer o que era certo.

Eis minha versão da conversa deles (baseada em 2Samuel 12.5,6):

“Natã disse: ‘Davi, quero contar a você uma história. Era uma vez dois homens. Um, podre de rico, tinha mais ovelhas do que se poderia contar. O outro, pobre de doer, só tinha uma ovelha. O pobre criou sua ovelha e a tratou como um animal de estimação. Um dia, um mendigo surgiu pedindo um pouco de comida. O rico pegou a ovelha de estimação do pobre e matou-a para dar ao mendigo’.

“Davi exclamou: ‘Tão certo quanto o Senhor vive, o homem que fez isso deve morrer! Precisa pagar quatro vezes mais pela ovelha, por ter feito uma coisa dessa sem misericórdia’.”

O poderoso rei não fazia ideia de que caíra em uma armadilha. Natã olhou-o direto nos olhos e disse: “O *senhor* é esse homem!”.

Quem quer saber?

Talvez, em sua misericórdia, Deus mostre, como Natã mostrou a Davi, que "você é esse homem!", ou que "você é essa mulher!". Sempre preocupado em ocultar o seu comportamento tóxico, chegou a hora de consertar as coisas. Para isso, você precisa levar em consideração dois tipos de confissão. Ambos são essenciais por motivos diferentes. Devemos confessar a Deus. Depois, confessar a outras pessoas.

Comecemos com a confissão a Deus. Confessamos a Deus porque necessitamos de seu perdão. E a incrível história da graça por intermédio de Cristo é que não há pecado obscuro demais para sua luz. Não há pecado grosseiro demais para sua graça. Não há pecado que Deus não perdoará quando você o confessar e deixar.

A Bíblia diz: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça".[Nota 12]

Arrependimento é o termo utilizado na Bíblia para confissão sincera. Tem o sentido de *voltar atrás*. Seu sinônimo em inglês, *repentance*, combina a ideia de voltar (*re*) com a de "algo que ocupa posição elevada" (*pent*). Daí a expressão *penthouse*, apartamento de cobertura. Quando alguém se arrepende, *repent*, retorna para o modo de vida mais elevado proposto por Deus, em vez de seguir os caminhos baixos do pecado.

É importante observar que há grande diferença entre remorso e arrependimento. Muitas vezes, quando pega, a pessoa sente remorso: "Gostaria de não ter sido pego". Arrependimento é mais que pesar por ter sido pego. É uma aflição profunda por escolher o nosso próprio rumo em vez do caminho de Deus. É a admissão de que você feriu outras pessoas com o seu egoísmo.

Quando Natã confrontou Davi, enfim o rei fez a coisa certa. Mais do que apenas se lamentar por ter sido pego, arrependeu-se diante de Deus pelo pecado. Vimos rapidamente uma porção do salmo 51. Algumas pessoas não se dão conta de que Davi escreveu esse salmo depois de reconhecer seu pecado com Bate-Seba. Considere a profundidade da emoção que clama do coração dele ao ler as seguintes palavras: "Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grande compaixão apaga as minhas transgressões. Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado. [...] Cria em mim um coração puro, ó Deus,

e renova dentro de mim um espírito estável. Não me expulses da tua presença, nem tires de mim o teu Santo Espírito. Devolve-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito pronto a obedecer".[Nota 13]

Você consegue ouvir o clamor do coração do rei? Você pode fazer uma oração semelhante em espírito de arrependimento. Sei que tem acontecido comigo inúmeras vezes. "Tens misericórdia de mim! Não mereço o teu perdão e sei que nada posso fazer para merecê-lo, mas humildemente te peço que perdoes os meus pecados. Lava-me de toda sujeira e culpa. O meu coração tem sido tão impuro. Por favor, Deus, faze o meu coração novo novamente. Dá-me um espírito pronto a obedecer para fazer o que te agrada e não ceder à minha carne. Ajuda-me a me apaixonar por ti como se acabasse de conhecer-te".

Talvez agora seja a hora de você fazer essa oração a Deus.

Se o fizer, precisa saber também que Deus diz que você está perdoado. Ele não se lembra dos seus pecados.[Nota 14] Lança-os nas profundezas do mar.[Nota 15] Não se recorda mais deles. Estão longe de você tanto quanto o Oriente está do Ocidente.[Nota 16] Ouça a voz de Deus ecoar fundo no seu espírito.

Você está perdoado.

A outra metade da confissão

Permita-me que eu o advirta. Confessar a Deus é a parte mais fácil da confissão dupla, que purifica você dos resíduos tóxicos do pecado. Deus já conheceu o seu pecado; então bastaria conversar com ele sobre o assunto. Contudo, outras pessoas não sabem de nada, a menos que vocês lhes conte ou que elas descubram por si mesmas.

Esse segundo aspecto da confissão requer mais coragem. Devemos confessar não só a Deus, mas também às pessoas. O propósito dessa confissão é muito diferente do motivo pelo qual confessamos a Deus. Confessamos os nossos pecados a Deus em busca de perdão. Mas confessamos os nossos pecados às pessoas em busca de cura. Tiago diz com muita clareza: "Portanto, confessem os seus pecados *uns aos outros* e orem uns pelos outros *para serem curados* [...]".

[Nota 17] Quando confessamos uns aos outros e oramos uns pelos outros, encontramos a cura de Deus por intermédio de seu povo.

Agora, não precisamos confessar tudo para todo mundo, e você deve usar de discernimento para definir quem de fato precisa saber. Só não se esconda atrás da mentira de que está "protegendo os outros" para reter a sua confissão. Ore acerca de quem tem sido afetado por seu pecado. Peça a Deus que mostre quem pode ajudar você na sua cura, um amigo ou mentor cheio de fé, um cristão ou pastor mais maduro.

Sempre que alguém se confessa a mim "Vou contar a você algo que nunca contei a ninguém", sei que a pessoa está prestes a romper uma barreira. Ele ou ela pode ter confessado a Deus incontáveis vezes um problema, pecado ou necessidade, mas, quando o confessam a outra pessoa, algo diferente começa a acontecer.

Você talvez se sinta tentado a pensar: "Posso confessar o meu pecado só a Deus — isso é tudo o que preciso fazer". Se o seu objetivo é apenas perdão, você está certo. Mas, se você precisa de força e encorajamento para superar a queda na mesma armadilha pecaminosa, lembre-se de que o nosso Deus amoroso adora trabalhar por intermédio de seu povo. Como deixei implícito antes, caso você esteja preso à armadilha de um pecado habitual, é grande a probabilidade de que precise da ajuda de Deus por meio de seu povo.

Limpíssimo

Vários anos atrás, testemunhei na igreja esses princípios serem postos em prática de uma maneira capaz de transformar vidas. Eu acabara de ministrar à igreja uma mensagem semelhante sobre o poder de deixarmos cair as máscaras e desnudarmos os nossos pecados diante de Deus e de outras pessoas. Naquela noite de domingo, um homem só confessou abertamente aos homens e mulheres de seu pequeno grupo que vinha orando por um problema havia anos, mas que nunca falara nada a respeito para ninguém. Sufocando as lágrimas, admitiu com humildade que lutava contra o vício em pornografia.

Naquela noite, uma moça a quem chamarei de Marla participava do grupo pela primeira vez. Era uma cristã muito nova e estava bastante nervosa por tomar parte de um pequeno grupo de estudo bíblico. Mais tarde, a jovem me contou que, no momento em que o homem confessou seu pecado, ela mal conseguiu respirar. Estava certa de que todos os presentes cairiam em cima dele.

O que aconteceu em seguida ajudou Marla a tomar a decisão crucial que mudou a direção de sua vida. Depois que o homem confessou o problema de luxúria, em vez de menosprezá-lo, todo o grupo o acolheu. Outro sujeito falou às claras sobre suas lutas passadas com a pornografia. Então uma mulher compartilhou que a pornografia também a aprisionara durante um período da vida. Explicou como Cristo e seus amigos a ajudaram a vencer o problema. Cada pessoa incentivou o sujeito a seu próprio modo, depois todos deram as mãos e oraram com ardor pelo irmão em Cristo.

Testemunhar em primeira mão o amor incondicional e a aceitação levou Marla a correr um risco. Tremendo de emoção, ela explicou à família espiritual recém-descoberta que engravidara na época do ensino médio e que o pai do bebê a abandonara, deixando-a sozinha para criar o filho. Lutando para manter as contas em dia, aceitara um emprego como dançarina erótica. Desprezava seu trabalho e sabia que era errado, mas ganhava o suficiente para cobrir as despesas. Daria qualquer coisa para abandonar o emprego degradante, mas se sentia presa em uma armadilha sem saída.

Foi quando uma cadeia de milagres começou a se desenrolar. Como quando o homem confessara seu pecado, o grupo expressou a Marla o mesmo amor e a mesma aceitação. Um membro do grupo lhe disse com ousadia: “Se abandonar esse emprego, eu vou dar a você dinheiro para ajudar a pagar as contas”. Como a cena final do filme *A felicidade não se compra*, em que todo mundo dá dinheiro a George Bailey para auxiliá-lo em seu momento de necessidade, todos os integrantes do grupo se comprometeram a ajudá-la financeiramente. Em questão de minutos, o pequeno grupo reuniu dinheiro suficiente para ela passar uns dois meses.

Marla não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Era como se o próprio Deus estendesse a mão para baixo e a abraçasse por meio de seu povo.

No dia seguinte, cheia de coragem, essa seguidora de Cristo entrou a passos firmes no clube em que trabalhava e anunciou ao gerente que estava indo embora e não voltaria mais.

Na terça-feira, um dos membros do pequeno grupo aproveitou que um amigo lhe devia um favor e conseguiu uma entrevista de emprego para Marla na empresa dele. O gerente gostou de Marla, de modo que, na quarta-feira, por causa da bondade de Deus por meio de seus filhos, ela começou em um novo emprego e em uma nova vida.

Marla podia ter confessado seu pecado a Deus e sido perdoada. Contudo, quando confessou ao povo de Deus, encontrou cura. Hoje ela auxilia outras moças a encontrarem a mesma liberdade. Armada com o Espírito de Deus e a força da família, Marla lançou um ministério para ajudar outras moças a se livrarem da indústria do *strip-tease*.

Se você vive uma mentira tóxica e esconde os seus pecados das pessoas, é hora de baixar a guarda e convidar os outros a ajudarem você. Confesse a Deus. Ele mandou Jesus morrer pelos seus pecados. Ele o quer perdoar. Mas não pare aí. Dê o próximo passo e confesse ao povo de Deus. Faça isso. Experimente o poder curador do amor por meio do povo de Deus. Em vez de afundar na areia movediça do pecado, você pode nadar nas águas límpidas do perdão de Deus e do amor purificador.

Nota 1 - Gênesis 4.9. [Voltar]
Nota 2 - 37.31,32 [Voltar]
Nota 3 - V. 1Samuel 13.14. [Voltar]
Nota 4 - 2Samuel 11.1-5. [Voltar]
Nota 5 - V. 1João 2.16; Gálatas 5.16. [Voltar]
Nota 6 - V. 2Samuel 11.6-11. [Voltar]
Nota 7 - V. 12,13. [Voltar]
Nota 8 - V. 14,15. [Voltar]
Nota 9 - Lucas 8.17. [Voltar]
Nota 10 - Números 32.23, A Mensagem. [Voltar]
Nota 11 - V. Provérbios 3.12. [Voltar]
Nota 12 - 1João 1.9. [Voltar]
Nota 13 - Salmos 51.1,2,10-12. [Voltar]
Nota 14 - V. Isaías 43.25 [Voltar]
Nota 15 - V. Miqueias 7.19. [Voltar]
Nota 16 - V. Salmos 103.12. [Voltar]
Nota 17 - Tiago 5.16, grifo nosso. [Voltar]

Parte 2

EMOÇÕES TÓXICAS

Raízes de amargura

Desenterrando a fonte destrutiva de ressentimento

A amargura é como um câncer. Alimenta-se do hospedeiro.

— Maya Angelou

Uma das coisas que adoro no fato de ter seis filhos é ver como eles se defendem. Embora se mostrem mais que dispostos a disputar dez *rounds* de luta para determinar quem fica com o último *waffle* de *blueberry*, nos treinos de futebol e nos grupos de recreação ou, sim, até na igreja, eles defendem o nome Groeschel com a ferocidade digna do filme *Coração valente*. Quando criança, eu agia da mesma maneira com a minha irmã. Embora fosse capaz de atormentá-la só para me divertir, se outra pessoa mexesse com ela, eu a defenderia até a morte.

Não surpreende, portanto, que a minha maior luta contra a amargura tenha começado quando a minha família descobriu a terrível verdade sobre alguém em posição de autoridade sobre a minha irmãzinha e em quem confiáramos. Já escrevi antes sobre esse homem muito doente, a quem chamarei de Max, mas a lembrança do que ele fez ainda me assombra. A maioria das crianças do ensino fundamental na nossa pequena cidade teve pelo menos uma aula com Max durante a jornada rumo à sexta série. Para muitas delas, Max era o professor predileto — sempre brincando, contando piadas e distribuindo notas A com facilidade. Para mim, ele se tornou o objeto da amargura mais profunda que já conheci na vida.

Ao longo dos anos, Max desenvolveu relacionamentos especiais com seus alunos favoritos. Embora nenhum de nós tivesse consciência disso na época,

anos mais tarde descobrimos que todos os seus alunos prediletos eram “por acaso” meninas novas e bonitas. A minha irmãzinha, a quem eu tanto amava e estimava, tornou-se uma das vítimas de Max.

O dia em que eu descobri que ele molestara a minha irmãzinha permanece como um dos momentos mais perturbadores e surreais da minha vida. A princípio, recusei-me a acreditar. Não podia ser verdade. Não o Max. Não a minha irmã! Para infelicidade geral, ela não fora sua única vítima. Uma após outra, diversas meninas relataram histórias semelhantes de como Max abusara sexualmente delas. Em um processo doloroso, ficamos sabendo que esse professor pervertido era muito criterioso na seleção de suas vítimas, a quem cobria de presentes e atraía para sua arapuca. O professor antes tão querido criou uma vasta coleção de vidas destroçadas por seus desejos profanos.

Estudos mostram que chega a ser uma em cada três meninas e um em cada quatro meninos o número dos que sofrem de algum tipo de abuso sexual. Qualquer que seja a quantidade deles, essa tragédia deve esmagar o coração de Deus. O meu coração, de irmão, certamente foi esmagado.

Digitando estas palavras, sinto o coração apertar enquanto penso no que aquelas doces meninas tiveram de enfrentar. Só Deus sabe o que sofreram enquanto Max se satisfazia à custa delas. Lembro-me de quando tentei absorver a verdade dolorosa. Como reagir? Devia ir atrás dele? Fazer que fosse preso? Matá-lo de tanto bater?

Não se engane; fiquei verdadeiramente furioso no momento em que me contaram sobre o abuso. Quanto mais pensava no assunto, mais a minha raiva se transformava em fúria. A semente de amargura plantada no meu coração cresceu até se tornar um caminho de espinhos de vingança bem crescidos. Orei para que Max sofresse a eternidade no inferno, e jurei fazê-lo sofrer também na terra antes de encarar o julgamento divino.

Um plano de vingança era desnecessário. Para o meu deleite agridoce, mais tarde descobrimos que Max sofria em um hospital, lutando pela própria vida contra uma enfermidade degenerativa, a distrofia muscular. Lembro-me de ter agradecido a Deus por sua justiça ao dar àquele homem o que ele merecia.

A raiz do problema

A maioria concordaria que a minha amargura em relação a Max era justificável. Depois do que ele fez à minha irmã (e às outras vítimas), quem me culparia por ficar bravo? Não importa quão justificáveis fossem os meus sentimentos, no entanto, aos olhos de Deus, tanto ódio e tanta presunção constituíam pecado comparável ao crime de Max. Escrever esta declaração, apesar de todos os anos que se passaram, continua sendo difícil — como o meu desejo de justiça poderia ser considerado tão pecaminoso quanto os atos libidinosos daquele monstro? A ampla maioria das pessoas concordaria que o meu ódio e a minha sede de justiça eram mais do que justificados.

Com o passar do tempo, porém, aprendi que a amargura nunca nos aproxima de Deus. Ela é uma emoção improdutiva, tóxica, na maioria das vezes resultante de ressentimento por necessidades não satisfeitas. Eu sentia raiva porque a minha família não podia ferir Max em retribuição pelo que ele roubara da minha irmã. A minha necessidade não satisfeita era não só de justiça, mas de desforra; eu queria vê-lo sofrer, viver com a terrível consciência do tipo de homem que era e do que tinha feito.

Em vez disso, eu não estava punindo ninguém, exceto a mim mesmo e àqueles ao meu redor que experimentavam os respingos do ácido que se agitava dentro de mim. A minha miséria autoimposta só levou a uma reação em cadeia. Como o grande criminoso que necessita de apoio para ser bem-sucedido em um roubo espetacular, a amargura nunca opera sozinha. Entre seus parceiros insidiosos se incluem o ciúme, a raiva, o ódio, a desobediência, o desprezo, a fofoca, o furor e incontáveis outros acompanhamentos inseparáveis. Eles planejam roubar de quem quer que seja a paz, a esperança, a alegria, o perdão e a misericórdia. Em vez de apenas infligir um corte na nossa alma, a amargura e sua gangue aprontam a maior confusão no nosso caminho espiritual com camadas de vidro esmagado, deixando-nos a sangrar até a morte lenta e agonizante de fúria ressentida.

A Palavra de Deus mostra com clareza os perigos da amargura: “Esforcem-se para viver em paz com todos e para serem santos; sem santidade ninguém verá o

Senhor. Cuidem que ninguém se exclua da graça de Deus; *que nenhuma raiz de amargura brote e cause perturbação, contaminando muitos*".[Nota 1] Embora não possamos controlar o resultado, somos chamados a fazer todo o possível para viver em paz com os outros, até aqueles — ou *principalmente* aqueles — que nos feriram. O problema é que, quando se está cheio de amargura, como eu estava em relação a Max, não se quer acreditar que esses versículos se aplicam à situação vivida —, mas assim devem aplicar-se. O autor de Hebreus nos adverte de mantermos a guarda contra a raiz de amargura.

Temos de vigiar para evitá-la e fazer todo o possível para lutar contra ela. Se não tomarmos cuidado, se permitirmos que a amargura crie raízes, corremos o risco de perder a graça de Deus na nossa vida. Por quê? Porque a raiz de amargura corrompe e envenena.

A amargura trabalha às escondidas, serpenteando por baixo da superfície. Ninguém consegue enxergar o veneno correndo por suas veias. Por fora você talvez pareça normal. É capaz de enganar as pessoas por algum tempo. Mas, por dentro, sua amargura começa a entrar em ebulição. "Não acredito que ela fez uma coisa dessa comigo. Eu não trataria dessa forma nem o meu pior inimigo." "Estou com tanta raiva que seria capaz de matar uma pessoa. Ele vai me pagar por isso, de um jeito ou de outro."

Com o tempo, a amargura envenena o nosso coração. "Não me surpreenderia se algo muito ruim lhe acontecesse. Ele merece." "Se eu voltar a vê-la algum dia, é impossível prever o que serei capaz de fazer." "Oro para que Deus lhe dê o que ele realmente merece."

Espero em Deus que você nunca tenha experimentado nada como a minha família experimentou com Max. Se aconteceu, então você conhece bem a batida tentadora da amargura na porta do seu coração. Se você tiver bastante idade, é uma pena, mas com certeza já experimentou algum tipo de dor ou traição. Talvez alguém que você amava sofreu abuso. Ou talvez esse alguém tenha sido você mesmo. Ou aconteceu de um amigo próximo espalhar fofocas a seu respeito e trair a sua confiança. Você imaginou que poderia confiar nele, mas sua infidelidade provou que você estava equivocado. Talvez uma pessoa não o tenha defendido quando deveria ter dado proteção a você. Você agora se pergunta em

quem confiar. Talvez você tenha tentado ajudar alguém que tirou vantagem da sua generosidade. Ou talvez um parceiro próximo de negócios tenha mentido para ou trapaceado. Ou pode ser que você tenha depositado a sua confiança em outro cristão, que depois fez algo contra você, sem agir como representante de Cristo.

Se você não se mantiver em guarda, uma raiz de amargura pode crescer no solo da ferida que não recebeu tratamento adequado. Claro, não é um pecado da sua parte quando alguém o fere. Mas, se você não lidar com a ferida como deve, o pecado do outro se torna um catalisador do seu próprio pecado. A partir de então você não estará mais ferido, mas ferirá em dobro ou até mais. Foi o que aconteceu comigo na época em que eu me preocupava com Max. Quanto mais eu pensava no que ele fizera, mais se aprofundavam as raízes da vingança no solo do meu coração. E mais o veneno atroz se infiltrava na minha alma.

Flores venenosas

Em um momento ou outro, cada um de nós precisa combater o pecado de outra pessoa e decidir como reagirá a ele. Jamais me esquecerei das sementes devastadoras de destruição que fincaram raiz e floresceram no casamento de Michelle e Tony. Michelle era mãe de dois filhos e casada com Tony, um cristão em processo de crescimento espiritual. Tudo parecia perfeito para ela até o dia em que Tony lhe confessou seu pecado secreto. Aos 13 anos, ele descobrira um esconderijo de revistas pornográficas que ser-viram de engodo para uma armadilha de que ele não conseguia escapar. A princípio, não vira problema nenhum em olhar apenas. Afinal de contas, não estava fazendo mal a ninguém. Mas sua curiosidade logo se transformou em hábito inquebrantável, que se transformou em vício vitalício. Quando se tornou cristão, um ano antes de se casar, conscientizou-se de que não deveria olhar com luxúria para mulher nenhuma. No entanto, para sua infelicidade, a pornografia o mantinha sob grilhões muito apertados. Por mais que tentasse, não conseguia parar de olhar. Deu um jeito de encobrir o próprio rasto, mas não a culpa.

Após mais de duas décadas escondendo esse pecado, Tony resolveu dar um basta e abrir-se com a esposa. Em meio a lágrimas, suplicou-lhe perdão e pediu que ela o ajudasse. Fez a coisa certa. Na maioria dos relacionamentos, a confissão costuma levar a alguns desafios no curto prazo, mas à cura no longo. Em vez disso, Michelle atirou o despertador em cima dele com toda a força, chamou-o de vários nomes e saiu de casa para ir morar com a mãe.

"Eu o odeio até o último fio de cabelo!", ela gritou para mim quando a encontrei pela primeira vez desde que ficara sabendo do vício de Tony. Em seguida se pôs a chorar. Como acabava de passar uma hora com seu marido, eu conhecia muito bem a posição dele. Sabia que teriam de percorrer um longo e pedregoso caminho de volta à confiança, mas, como Tony estava profundamente arrependido, eu me sentia confiante de que, com trabalho, oração e aconselhamento, ele conseguiria superar o vício. Isso lhes possibilitaria ter um casamento ainda melhor do que antes.

Quando Michelle me contou que estava indo embora, presumi que falasse por mágoa e que esfriaria a cabeça com o tempo. A suposição se mostrou equivocada. Ela deixou Satanás plantar uma semente de amargura no seu coração, que se desenvolveu em árvore madura de ódio. Dia após dia, Michelle guardava mais rancor, pensando nas imagens obscenas que o marido via. Em vez de se aproximar do perdão, ela se afundou no ressentimento.

Enquanto a raiz amarga crescia, Michelle decidiu que o único jeito de voltar para o marido seria submetê-lo à mesma dor que ele causara. Assim, vestiu seu vestido mais *sexy*, que lhe acentuava as curvas, e seguiu para o bar mais popular da cidade. Não demorou a chamar a atenção de um homem. Foi para a casa dele aquela noite e passou com um sujeito que acabara de conhecer. Sua amargura se tornara ácida, queimando seu coração e entorpecendo sua consciência.

Uma decisão ruim levou a outra, e a vida de Michelle enveredou por um redemoinho sem controle. O que a minha esperança dizia ser um casamento a caminho da cura se transformou em um casamento em rota de colisão com o ódio. É triste, mas o relacionamento deles se desintegrou em um divórcio horroroso. Hoje, Michelle continua convencida de que todos os homens são maus, embora continue a passar de um para outro. Não há dúvida de que o

pecado de Tony precipitou o problema. Mas, quando Michelle optou pela amargura no lugar do perdão, o problema compartilhado por eles se transformou em uma dor de cabeça sem solução.

Da raiz ao fruto

Todas as raízes, sejam de uma gigantesca sequoia, sejam da amargura pessoal, dependem para subsistir daquilo que absorvem e da direção em que crescem. Tiram proveito de toda umidade que houver nas imediações, alimentando a árvore. Se absorverem água límpida, a árvore crescerá forte e saudável. Se absorverem água contaminada, a árvore ficará enferma. O mesmo acontece com as pessoas. Quanto mais a ferida se torna uma idéia fixa para elas, mais veneno seu coração absorve.

As raízes também crescem para baixo. Uma raiz adulterada penetra bastante no solo, tornando muito difícil remover a árvore ou planta. Assim também a raiz de amargura prende a pessoa no lugar e impossibilita que ela avance na vida. Quando se multiplicam e se entrelaçam, as raízes podem sufocar uma pessoa e até levá-la à morte por estrangulamento.

Jesus disse: “A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons”.[Nota 2] O que faz de uma árvore boa ou ruim? A origem costuma ser encontrada na raiz. O que a raiz amarga produz? Fruto venenoso. Hebreus 12.15 instrui: “Cuidem [...] que nenhuma raiz de amargura [isto é, raiz venenosa] [Nota 3] brote e cause perturbação, contaminando muitos”. O termo grego traduzido por “corromper” ou “contaminar” é *miaino*. Significa “manchar, poluir, contaminar”.

Quanto mais eu meditava nos atos de Max para com a minha irmã, mais poluída e infectada se tornava a minha alma. Fiquei obcecado com a idéia de me certificar de que ele pagaria por seus delitos. E adivinha quem a minha amargura mais feriu?

A mim mesmo.

Basta um pouco de amargura para percorrer um longo caminho. Acrescente

esse veneno a qualquer ambiente e vejo você começar a sofrer. Adolescentes amargos conseguem descarrilar um grupo inteiro de jovens. Um par de mães amargas é capaz de envenenar toda uma Associação de Pais e Mestres. Um diácono amargo consegue dividir qualquer igreja.

A esta altura, você já deve ter notado que uma pessoa amarga consegue destruir o moral de seu ambiente de trabalho. Um pequeno atrito aqui, uma reclamação ali, somados a um pouco de difamação e fofoca, e o local de trabalho se converte no inferno na terra.

A amargura também destrói uma família mais depressa do que você consegue dizer "Atirei o pau no gato". Tome como exemplo qualquer traição familiar: um divórcio, uma promessa não cumprida, um vício, um mal-entendido. Deixe que o problema separe as pessoas em duas facções e force-as a escolher um dos lados. A partir de então você terá um problema com potencial para manter essa família dividida a vida inteira.

A amargura nunca produz bons resultados. Tendo sido machucadas, as pessoas costumam encontrar justificativas para a própria amargura. Se forem cruéis ou raivosas com os outros, elas se sentirão plenamente justificadas. "Só ajo dessa forma em virtude do que ela fez comigo. Ela mereceu".

A pessoa amarga se torna crítica demais em curtíssimo intervalo de tempo. A Bíblia diz que o amor não mantém registro dos erros. Mas a amargura sim, e registros detalhados. Olhando através de lentes de amargura, pessoas amargas não são capazes de outra coisa, a não ser achar defeitos. "Não consigo acreditar que ele esteja agindo dessa maneira. Quem ele pensa que é?" Elas podem até comemorar em segredo os infortúnios alheios. Quando algo ruim acontece, acreditam que a vítima mereceu.

Não é incomum que alguém menospreze um grupo inteiro de pessoas. O homem traído pensa que todas as mulheres são dissimuladas. A pessoa desapontada acredita que todos os cristãos são hipócritas. A criança que sofreu abuso conclui que não se pode confiar em nenhum adulto.

O problema é que muita gente amarga não sabe de sua condição. Essas pessoas estão de tal modo convencidas de ter razão que não conseguem enxergar o próprio erro no espelho. E, quanto mais a raiz de amargura cresce, mais difícil

é removê-la.

Desobstruindo canos

Tivemos um problema sério com as raízes que cresceram no encanamento ligando os nossos banheiros até a fossa séptica. (Um nojo, eu sei.) Várias vezes por ano, eu precisava chamar uma empresa para desobstruir os canos. Por fim, o problema se tornou tão antigo e caro que resolvi mandar cortar a árvore que o causava, bem como arrancar-lhe as raízes.

Se você vive às voltas com a amargura, tem de fazer algo semelhante. O único modo de remover a amargura da vida é matando-a pela raiz. E só existe um jeito de matar essa raiz: com o perdão. Efésios 4.31,32 diz: "Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, *perdoando--se mutuamente*, assim como Deus os perdoou em Cristo.[Nota 4]

Quando eu era criança, ensinaram-me a tratar os outros como eu gostaria de ser tratado. Paulo utiliza-se desse bom conselho, transformando-o em instrução piedosa. Ele não diz para você tratar as pessoas como quer ser tratado, mas como Cristo tratou você. Em outras palavras, ele nos ensina a perdoar da mesma maneira que fomos perdoados.

Quando me tornei cristão, transferi para o novo estilo de vida a amargura de raízes profundas contra Max. Embora começasse a aprender os princípios do perdão como cristão novo, racionalizei que Max era a exceção à ordem divina para o perdão. Com certeza Deus não exigiria que eu perdoasse alguém que fez algo tão horrível como Max fizera àquelas meninas.

Para a minha tristeza, aprendi que a ordem de Deus para perdoar não tem exceções. Como um desafio maior ainda para o meu coração amargo, descobri as seguintes palavras de Jesus: "Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas".[Nota 5] Permita-me enfatizar as palavras de Cristo, caso você tenha passado por elas da primeira vez sem lhes reconhecer

a existência. Se você não perdoar os outros, Deus não perdoará você. Opa!

Lembro-me de ter argumentado com Deus: “Como posso perdoar alguém que fez uma coisa tão horrível? Não quero perdoar. Max merece pagar”. Apesar de as lembranças do abuso cometido por ele continuarem a me assombrar, o mesmo aconteceu com o mandamento divino de perdoar.

Com o tempo e depois de muita oração, enfim cedi à idéia de que perdoar o sujeito que ferira a minha irmã era a coisa certa e bíblica a fazer. Só que saber que era certo não tornou mais fácil fazê-lo.

Comecei tentando orar em favor de Max. Pode parecer que não há nada de difícil em orar por alguém. Pois não sei se já fiz coisa mais complicada. “Abençoe o Max”, orei indiferente, sem querer proferir as palavras que dirigia ao céu. Mas já era um começo.

Descobri que as nossas orações em favor de outros podem ou não mudá-los, mas que elas nos mudam sempre. Enquanto eu me esforçava para orar por um traidor, pouco a pouco a minha raiz amarga começou a morrer. Para ser franco, não creio que o tenha percebido logo de início. Mas o veneno que eu vinha acolhendo no meu coração começou a diminuir.

Estremecidas

Em mais de vinte anos de ministério, não consigo pensar em evento mais trágico que justificasse um espírito amargo. Por outro lado, eu talvez nunca tenha observado melhor imagem da graça e do perdão do que por meio de dois casais que precisaram lidar com uma ofensa insuportável.

Duas jovens esposas a quem chamarei de Jeanette e Suzy eram inseparáveis. Gostavam de estudar a Bíblia semanalmente com outros dois casais, passeavam juntas em família e criavam os filhos juntas.

Quando Jeanette resolveu arranjar um emprego de meio período para conseguir algum dinheiro extra, Suzy se ofereceu para olhar sua filha recém-nascida. Todos se sentiam abençoados por uma situação em que só tinham a ganhar. Até o dia em que a filhinha de 18 meses de Jeanette parou de respirar na

cama. Em pânico, como ficaria qualquer mãe, Jeanette ligou para o 190, orando ao mesmo tempo que tentava não perder o fôlego também. Graças a Deus os médicos conseguiram reanimar a bebê e correr com ela para o hospital, onde outro médico explicou que uma radiografia revelara sinais de trauma na cabeça da criança. Para piorar ainda mais as coisas, ele se disse preocupado com a possibilidade de o problema ter causado danos permanentes ao cérebro e sugeriu que alguém havia ferido a criança de propósito.

Acusações começaram a voar para todo lado. Várias pessoas se envolveram, orando e fazendo perguntas. Ninguém achou que Jeanette teria ferido a própria filha, e Suzy, a amiga próxima, não podia ser considerada suspeita. Ou podia?

As autoridades estaduais tiveram de interferir no caso em benefício da menininha, e logo a situação evoluiu de ruim para pior. Todo mundo era suspeito. Como ninguém sabia em quem pôr a culpa, as autoridades retiraram todas as crianças da casa tanto de Jeanette quanto de Suzy. Quando os médicos confirmaram que haveria dano permanente, a realidade se instalou. Alguém abusara da criança, e o estrago era real e duradouro.

Jeanette se convenceu de que a amiga Suzy machucara a filha. Suzy se defendeu. Com um risco na areia, até amigos neutros começaram a escolher lados. A mágoa se transformou em amargura. E a raiz se pôs a crescer — mais fundo do que se podia imaginar.

Depois de quase dois anos, o caso foi encerrado afinal. Foi quando Suzy chocou todo mundo. Contrariando o conselho do advogado, confessou ter ferido a filha de Jeanette. Não fizera por mal, simplesmente acontecera. Embora pudesse ter mantido o incidente em segredo, de modo que ninguém ficasse sabendo, após a confissão, um juiz a sentenciou a 712 dias de prisão — um dia para cada dia passado sem que ela tivesse confessado o crime.*Notas de graça* A cura pode acontecer se tivermos a coragem de perdoar. Poucos anos atrás, preguei uma mensagem sobre a amargura e o poder do perdão para matar raízes amargas. Com permissão da minha irmã, que participa da nossa igreja, compartilhei a história do abuso sofrido por parte de Max. Graças a Deus, ela hoje auxilia outras meninas a se curarem de dor semelhante.

Na mensagem, expliquei que a amargura fere mais a pessoa amarga.

Compartilhei os mesmos versículos sobre perdão que incluí neste capítulo. Então relatei como Deus transformou o meu coração.

Na mesma época em que comecei o processo de perdoar Max, a saúde dele deu uma guinada para pior. A distrofia muscular estava ganhando a luta, e recebemos a notícia de que ele não viveria muito tempo mais.

Pelo poder miraculoso de Deus, a minha irmã, os nossos pais e eu resolvemos perdoar-lhe o delito. Deus nos perdoara de graça. Como poderíamos negar a mesma graça a alguém?

Mandei um recado para Max, que estava recebendo tratamentos paliativos, preparando-se para morrer em casa. No recado, escrevi debaixo de lágrimas como Cristo me perdoara e me transformara. Expliquei que Deus queria fazer a mesma coisa com ele. Da maneira mais simples que pude, contei a história do evangelho, salientando a graça e o perdão possíveis por meio de Cristo.

Após o funeral de Max, descobri que sua enfermeira lera o recado para ele, e que Max entregara a vida a Cristo. Embora com certeza não mereça, ele passará a eternidade no céu, perdoado por Deus. Por mais que isso não me pareça justo, a minha história não é tão diferente. Nunca molestei ninguém, mas cometi sérios pecados contra o meu Deus santo. Da mesma forma que Max, também passarei a eternidade no céu, perdoado por Deus, apesar de não merecer.

Depois de contar essa história na igreja, assisti a um milagre atrás do outro. Muita gente decidiu perdoar quem lhe ferira e abrir mão da amargura que machucava ainda mais. Não devemos subestimar o poder da graça e do perdão divinos, mas ninguém ficou mais chocado do que eu quando descobri que a história de Suzy e Jeanette não acabara. Depois de cumprir pena na cadeia, Suzy e o marido visitaram a casa de Jeanette. Aos prantos, Suzy caiu de joelhos e pediu perdão. Jeanette e o marido a perdoaram com liberalidade pelo dano causado à sua filhinha, agora com 4 anos. A menina é linda como qualquer criança nessa idade, mas sempre andará mancando e terá de lutar contra um problema de fala resultante do ferimento. Depois do pedido de perdão, Jeanette e o marido perguntaram a Suzy se ela gostaria de pegar a filha deles no colo. Como você bem pode imaginar, ninguém ficou de olhos secos naquele encontro. A amargura se foi. A cura chegou. E ninguém permanece o mesmo depois de

conhecer a história deles.

Aja quando puder

Há uma razão pela qual Deus quer que amemos os nossos inimigos e oremos em favor deles e de quem nos ofendeu. Ele poderia ter mandado que deixássemos o tempo curar a ferida, ou que seguíssemos com calma até estarmos prontos para o próximo passo. Em vez disso, disse para orarmos quanto antes. Tipo, agora.

Mesmo depois de tudo o que Deus me ensinou com Max, ainda precisei reaprender a lição de maneira bem difícil. Antes de fundar a Life Church, trabalhei como pastor associado em uma igreja da cidade de Oklahoma. Um dos pastores foi incumbi-do de atuar como meu mentor. Parecia um treinador de futebol, incentivando-me a fazer coisas no ministério das quais eu nunca me imaginara capaz. Quando dei por mim, ele e a esposa se haviam tornado amigos íntimos e de confiança da minha família.

É triste, mas o meu amigo cometeu alguns erros importantes que magoaram muita gente e lhe custaram o emprego de pastor. Mesmo deixando a nossa igreja e se mudando para outro Estado, continuamos amigos íntimos. Sabedor de sua sensibilidade para com Deus, orei o tempo todo para que sua família fosse restaurada e um dia ele retornasse ao ministério.

Dois anos mais tarde, quando demos início à Life Church, ele me perguntou se poderia juntar-se à minha equipe. Sentindo que seu processo de cura ainda não terminara, convidei-o a servir fielmente como voluntário por um ano. Ao final desse período, conversaríamos sobre sua posição na equipe. O meu amigo e a família dele se mudaram de volta para a cidade, onde ele arranjou um emprego só para poder servir na nossa igreja.

Passei aquele ano contando os dias, à espera do momento de contratá-lo. Seus talentos eram um complemento perfeito para os meus. A igreja o amava e era correspondida. Contudo, o meu amigo começou a tomar decisões erradas de novo. Quando o confrontei, esperando ajudar, ele me usou como um saco de pancadas verbal para descarregar anos de ferida não cicatrizada.

Nesse dia, deixei-o sentindo-me espantado com o que acontecera. Sem sombra de dúvida, o meu amigo estava feri-do e passando por algum tipo de problema. Era evidente que suas resoluções feririam outra vez aqueles que mais o amavam. Talvez por constrangimento, vergonha ou raiva. Fosse qual fosse o motivo, ele preferiu manter-me afastado, assim como a todos que o queriam tão bem.

Acreditando que venceríamos o problema como vencêramos outros desafios no passado, resolvi dar-lhe espaço para respirar. Dias se converteram em semanas enquanto eu seguia com o meu trabalho na igreja. Eu orava o tempo todo pelo meu amigo, mas não o procurei. Certa noite, preguei uma mensagem sobre reconciliação de relacionamentos. No meio da mensagem, constatei que precisava estender a mão a ele. A caminho de casa, comuniquei à minha esposa que telefonaria para ele no dia seguinte.

A oportunidade de fazê-lo nunca se apresentou. Quando cheguei em casa, a secretária eletrônica registrava uma mensagem da esposa desse amigo. Ela o encontrara enforcado em uma viga da garagem.

Quatro dias depois, oficiei o funeral do meu amigo. Centenas de familiares e amigos aturdidos se reuniram para enterrarmos o homem a quem tanto amávamos. Mesmo tendo consciência de que sua morte não era culpa minha, lamentarei pelo resto da vida não lhe ter estendido a mão.

A vida é incerta. A eternidade não. Não se pode permitir que a falta de perdão dure nem mais um dia. Você guarda algum ressentimento? Nunca se parecerá mais com Deus do que ao perdoar. Livre-se do problema. Corte a raiz da amargura. Deixe a mágoa ir embora e liberte-se.

Nota 1 - Hebreus 12.14,15, grifo nosso. [Voltar]
Nota 2 - Mateus 7.18. [Voltar]
Nota 3 - Tradução alternativa oferecida pela Nova Versão Internacional. [N. do T.] [Voltar]
Nota 4 - Grifo nosso. [Voltar]
Nota 5 - Mateus 6.14,15. [Voltar]

Verde de inveja

Espalhando o pó-de-mico da comparação

Inveja é a arte de contar as bênçãos alheias no lugar das próprias.

— Harold Coffin

Com seis crianças em casa, houve épocas em que determinadas questões pareciam esgotar-nos — como usar o vaso sanitário, o primeiro ano de escola, aprender a andar de bicicleta sem as rodinhas laterais. Cada novo capítulo era multiplicado por seis. Houve um período em que sempre havia alguém com dente mole, e parecia que eles cairiam pelo resto da nossa vida. A fada do dente passava em casa mais do que o carteiro.

Se você sabe alguma coisa a meu respeito, é possível que tenha ouvido falar da minha tendência de ser, digamos, um tanto "conservador" em se tratando de dinheiro. Reconheço isso. Deus me tem tornado muito mais generoso à medida que envelheço, mas, naquela época, a melhor cotação a que a fada do dente obteve na nossa casa foi de 1 dólar norte-americano.

Talvez a economia não estivesse tão ruim aí onde você mora, ou talvez tivesse algo que ver com a inflação. Só sei que um dia a minha pequena Anna, com 7 anos na época e empunhando sua nota enrugada de 1 dólar recebida em troca de um molar de leite, correu para mim com a frustração estampada no rosto. "Papai! Papai! Você não vai *acreditar* numa coisa dessa! Sabe quando a gente recebe 1 *dólar* da fada do dente? A minha amiga McKae disse que na casa dela a fada leva 5 dólares para cada dente!" Pobre filha minha, tão agitada e consternada quanto qualquer investidor ficaria ao ver seu portfólio de ações

encolher diante de seus olhos.

Em voz bem alta, Anna insistiu: “Por que isso, papai, por que, por que, por quê? Não é justo! Como podemos ganhar só 1 dólar se McKae ganha 5?”.

A minha mente saiu à procura de uma rápida explicação aceitável. Por sorte, a minha menina mesmo me livrou da enrascada ao continuar raciocinando em voz alta: “Papai, se descobrirmos que fada do dente eles usam, poderemos trocar a nossa!”.

Deixe comigo

Não apenas as crianças desejam fadas do dente mais ricas. Em algum momento da vida, todos queremos o que o outro tem e nós não temos. O escrutínio pessoal em que comparamos a nossa posição no mundo com a posição em que enxergamos os outros costuma ser sintetizado na palavra “inveja”. Do francês antigo *envie*, por sua vez originário do latim *invidia*, o sentido literal é “olhar com maldade ou ressentimento”. Seus parentes mais próximos são o descontentamento, a insatisfação e a cobiça, todos nascidos do casamento entre a comparação e o rancor.

Vemos o que o outro tem e desejamos para nós. Se nos consideramos merecedores do nosso objeto de desejo mais do que seu possuidor, a inveja desabrocha em ciúmes. Nos dois casos, poluímos a alma com sementes de descontentamento, a qual floresce em luxúria, avareza e ganância. Em termos simples, inveja é quando você se ressente da bondade de Deus sobre a vida de outras pessoas e a ignora na sua própria vida. É quando você pensa: *Eles têm tal coisa que desejo. E não a merecem. A bem da verdade, nem deveriam tê-la!”* .

A nossa cultura consumista prospera com a inveja. Você não gostaria de ter o mais recente iBrinquedo? Ou um carro novo com interior de couro, capaz de estacionar sozinho ou ser ligado eletronicamente a quilômetros de distância? Ou uma casa mais nova em um bairro melhor? Ou um destino de férias melhor? Se levássemos a sério cada anúncio publicitário e cada comercial, nunca teríamos um instante de satisfação na vida. Jamais desfrutaríamos do que temos porque

sempre desejaríamos o que o outro tem.

Apesar do que dizem os publicitários e psicólogos populares, na verdade não podemos ter tudo. Se pretendemos experimentar um modo de vida limpo e espiritual, temos de aprender a estar "contentes em todas as circunstâncias", como o apóstolo Paulo. A reconhecer a inveja em todas as suas formas. A ter o antídoto para seu veneno moral sempre à mão.

Vou querer o que ela pedir

Como os cogumelos venenosos, ou os esporos tóxicos do bolor, a inveja assume grande variedade de formas. Quando pensamos em inveja, muitos de nós estabelecemos uma associação com o materialismo — dinheiro, bens, brinquedos. Mesmo que goste-mos da nossa profissão, é provável que a maioria dentre nós se identifique com o desejo de ter um emprego melhor, em que seja possível ganhar mais dinheiro. Sou só eu, ou parece mesmo que basta colocarmos a mão em um carro — seja ele novo para nós, seja zero-quilômetro de verdade — para vermos outro carro de que gostamos mais? Ou, se não for a paixão por carro, é a vontade de ter um barco! Tudo o que alguns homens querem na vida é um barco, e quanto maior, melhor. Eles estão convencidos de que *aí, sim,* serão felizes.

A tecnologia é o que há de pior. Enquanto você sai da loja transportando em um carrinho de mão a TV mais moderna, inteligente, gigantesca e reluzente que encontrou, um empregado de transportadora entra no depósito da mesma loja com uma TV ainda mais moderna, inteligente, gigantesca e reluzente para colocar no espaço da prateleira que você acabou de esvaziar. E sejamos francos: em se tratando de tecnologia, tamanho é documento. Queremos TV enormes e celulares minúsculos. Morro de rir quando penso que enfim existe algo que todo homem quer ter menor do que o do vizinho. O seu amigo saca do bolso o *smartphone* novo e você exclama: "Uau, que incrível! Eu daria qualquer coisa para que o meu fosse assim pequeno".

Algumas pessoas têm inveja da aparência. Uma mulher vê a outra e pensa: *O*

corpo dela é mais atraente do que o meu. Os seios dela são maiores do que os meus, e seus quadris, menores do que os meus jamais serão. A maioria das mulheres parece desejar que partes do próprio corpo fossem menores, outras maiores. Muitos homens experimentam sensação parecida — em relação ao cabelo. Quando um sujeito depara com outro dotado de cabelo mais bonito e espesso, deseja que tivesse menos nas costas e mais no alto da cabeça!

Inveja relacional é outro tipo comum. Duas mulheres solteiras podem ser muito amigas. Saem juntas, conversam, fazem compras e são muito próximas. Passam bastante tempo juntas. Até que uma delas arranja um namorado. A princípio, a solteira se sente feliz pela amiga. Mas é inevitável que sua solidão comece a pesar cada vez mais. Torna-se difícil para ela celebrar a felicidade da amiga com sinceridade. A amiga fica noiva e lhe mostra o anel, insensata e apaixonada. Ela faz força para ser educada e reunir todo o entusiasmo possível, mas em segredo pensa: *Não é justo! Viu só como ela fez questão de esfregar aquele anel na minha cara?*

Lógico, a inveja exerce uma pressão virulenta sobre pessoas casadas também. Determinada mulher é incapaz de deixar de notar detalhes do marido da amiga. Ele tem um bom emprego, é líder espiritual da família, cuida do corpo, ajuda em casa — chega a dar banho nas crianças à noite sem que ninguém peça! Então ela olha para o próprio marido, curvado no sofá, vendo um jogo qualquer, com metade de um saco de Doritos descansando em cima da barriga e faíscas alaranjadas na barba e na ponta dos dedos.

Os maridos também lutam com esse problema. Determinado homem observa que a esposa do amigo parece estar sempre a incentivá-lo. Sempre o apoia, gaba-se dele e tem o jantar pronto, sem reclamar nunca por ter de cuidar da casa. Na sua casa, contudo, toda vez que a esposa abre a boca, ele tem a impressão de que é para tentar mandar nele, denegri-lo ou reclamar de alguma coisa que ele não fez.

Sabe quem eu invejo? Gente que tem os finais de semana livres! Falo sério. O que faço nos finais de semana? Além de tentar salvar almas do mundo? Oh, não muito... acho. E como todas as outras pessoas passam seu fim de semana? Passeando no lago. Caminhando. Assistindo a jogos. Ou dormindo. Ou

preparando panquecas de *blueberry*. Às vezes tenho vontade de dizer: “Está decidido, todo mundo que vá mesmo para o inferno este fim de semana. Porque *eu* vou para o lago”. (Brincadeirinha.)

Também invejo gente cujo dia de trabalho termina às 5 da tarde. A sensação é de que o meu não acaba nunca. Para muitos, sair do escritório e voltar para casa significa que o trabalho chegou ao fim. Como pastor, estou à disposição 24/7. Tenho a tendência a sentir inveja do emprego “de verdade” — mesmo sabendo que não seria feliz se comesse panquecas de *blueberry* todas as manhãs e deixasse o escritório às 5 em ponto todos os dias. A inveja é insaciável.

E você? Quem você mais inveja? Já quis ter alguma coisa ou alguém de que viu outros desfrutar? Talvez esteja pensando: *Importa mesmo se desejamos um pouco de algo que não temos? Todos fazemos isso, certo? Então, qual o problema?*

Os males da inveja

O problema é: permitir que a inveja entre no seu coração é como enterrar lixo nuclear no seu jardim. Se você não acha que a inveja é um problema sério, pense no que as Escrituras dizem sobre ela. Tiago não mede palavras: “Contudo, se vocês abrigam no coração inveja amarga e ambição egoísta, não se gloriem disso, nem neguem a verdade. Esse tipo de ‘sabedoria’ não vem dos céus, mas é terrena; não é espiritual, mas é demoníaca. Pois onde há inveja e ambição egoísta, aí há confusão e toda espécie de males”.[Nota 1] Quer dizer que não é problema sentir-se insatisfeito com o que se tem e, em vez disso, desejar o que outros têm? “Toda espécie de males” soa como um problemão para mim.

Podemos encontrar exemplos de inveja em abundância na Bíblia. Em Gênesis 4, Caim invejou seu irmão Abel. Deus aceitou a oferta de Abel, mas não a de Caim. Em consequência da inveja, o ressentimento de Caim supurou, liberando um veneno que se apossou de seu coração e o levou a assassinar o irmão. Em Gênesis 37, os irmãos de José o invejaram. José era o predileto do pai e tinha sonhos e visões em que os irmãos se curvavam diante dele. Em vez de se

curvarem, no entanto, pareceu-lhes melhor ideia surrá-lo, jogá-lo dentro de um poço e vendê-lo como escravo.

Em 1Samuel 18, ficamos sabendo que o poderoso rei Saul invejava Davi, o menino pastor convertido em guerreiro. O povo criou uma musiquinha com um refrão pouco delicado sobre como Saul matara milhares, mas Davi, *dezenas* de milhares. A inveja de Saul acabou levando-o à loucura, literalmente, e ele tentou pregar Davi à parede com uma lança — duas vezes. No Novo Testamento, em Marcos 15, descobrimos que o próprio Jesus foi objeto de inveja. Por que o entregaram às autoridades romanas a fim de crucificá-lo? Porque os principais sacerdotes o *invejavam*.

Ciúme, raiva, amargura, assassinato e uma dor de partir o coração — tudo isso brotando do poder tóxico da inveja.

Pense no seguinte: Isaías 14 diz que Lúcifer invejou Deus e, por conseguinte, rebelou-se, tendo sido expulso do céu. Faríamos bem lembrar de que a inveja é sem dúvida a centelha que ateia fogo ao mal no nosso coração. Ela parece emitir um sinal de "disponível" para os demônios que buscam um encontro barato. Tão volátil quanto a nitroglicerina, não podemos carregá-la no nosso interior sem fazer explodir o mal.

Provérbios 14.30 nos adverte de que "o coração em paz dá vida ao corpo, mas a inveja apodrece os ossos". O filósofo Sócrates elabora esta verdade: "A inveja é filha do orgulho, autora do assassinato e da vingança, supliciadora perpétua da virtude. A inveja é o lodo imundo da alma, peçonha que consome a carne e seca os ossos. Putrefaz-nos como o câncer, de dentro para fora".

Sem comparação

Assim, agora que sabemos que a inveja é mundana, nada espiritual e demoníaca, o que podemos fazer a respeito? A primeira coisa é na verdade algo que podemos começar a *não* fazer. Paulo, em sua carta aos coríntios, escreve: "Não temos a pretensão de nos igualar ou de nos comparar com alguns que se recomendam a si mesmos. Quando eles se medem e se comparam consigo

mesmos, agem sem entendimento".[Nota 2] A inveja começa pela comparação. É tão fácil, quase natural, comparar o que temos (ou o que nos falta) com quem está ao nosso redor.

"Eles têm um carro melhor, mas eu tenho uma casa melhor." É tão fácil nos classificarmos em relação aos outros. Ninguém está imune a isso. Na verdade, sabe quem mais agiu assim? Os discípulos de Jesus. Eles se comparavam com frequência uns aos outros. Quem é o mais importante? Quem se sentará ao lado de Jesus? Quem é o maior?

Em João 21, Jesus acaba de restaurar a posição de Pedro ao seu lado, comissionando-o: "Cuide dos meus cordeiros". Em seguida profetiza acerca do tipo de morte que Pedro sofreria, que lhe pergunta: "E quanto a João? O que acontecerá com ele?". Jesus responde: "O que você tem que ver com isso?". Resumindo, Jesus disse: "Isso não é da sua conta, Pedro!".

Para ser franco, de vez em quando luto contra a comparação com outros pastores. E, quando o faço, nunca é uma coisa muito bonita. Eu deveria contentar-me em ser apenas quem Deus me chamou para ser. Vários anos atrás, uma revista do ministério ranqueou os 50 pastores mais influentes dos Estados Unidos. Consegui aparecer na lista. Na verdade, classificaram-me entre os 10 mais influentes. Uma honra, certo? Há entre 385 mil a 400 mil pastores nos Estados Unidos. Você estaria certo em pensar: *Uau! Você deve ter vibrado*.

Deveria mesmo. Infelizmente, a minha reação sincera foi mais parecida com um *Sério? São tantos assim em posição mais elevada que a minha?* Sou competitivo ao extremo, e isso me incomodou. (Um dos membros da nossa igreja ouviu falar dessa história e me disse, com um sorriso nos lábios: "Não acredito que o seu nome tenha mesmo aparecido na lista. Você não é tão bom assim". Respondi que oraria por sua alma quando ele estivesse comendo panquecas junto ao lago.)

Não só esse tipo de lista não tem grande utilidade, como na verdade pode evocar o que temos de pior. Quando olhamos para as pessoas com olhos comparativos e competitivos, não as vemos como irmãos e irmãs. Não as amamos mais que a nós mesmos, e com certeza não as enxergamos como Deus as enxerga. Romanos 2 deixa claro que Deus não demonstra favoritismo. Sua

Palavra explicita que não devemos ver as pessoas dentro de hierarquias. Gálatas 6.4,5 diz: “Cada um examine os próprios atos, e então poderá orgulhar-se de si mesmo, *sem se comparar com ninguém*, pois cada um deverá levar a própria carga”.[Nota 3]

A minha avó e a luta de Ultimate Fighting

Sugeri o que *não* fazer. Antes de mais nada, o principal é evitar o máximo possível comparar-se com os outros. Eduque-se para não usar “melhor que” ou “pior que” quando pensar e falar sobre outras pessoas. Ao contemplarmos a bondade do Senhor na vida alheia, não devemos permitir-nos o ressentimento.

Agora, tratemos do que *fazer*. Ao vermos a bondade do Senhor na vida dos outros, devemos sentir alegria. Precisamos comemorar, e comemorar *com* eles. Romanos 12.15 ensina que devemos alegrar-nos com quem se alegra e chorar com quem chora.

Talvez você não se tenha dado conta na ocasião, mas, se já assistiu a uma luta de Ultimate Fighting ou de artes marciais mistas, viu exemplos desse princípio na prática. (Se você não sabe o que é Ultimate Fighting, Kip, irmão da personagem-título do filme *Napoleon Dynamite*, treinava para participar desse tipo de luta, na modalidade *cage fight*. E viva Rex Kwon Do!) Quase todos os competidores que já vi de Ultimate Fighting, não importa o que aconteça no ringue — articulações de dedos esmagadas, derramamento de sangue, ossos quebrados, olhos cerrados de tão inchados —, quando a luta termina e se anuncia o vencedor, o outro sujeito o parabeniza de verdade. Normalmente os adversários até se abraçam! Quem perdeu é honrado o bastante para reconhecer o sucesso do oponente. E juntos eles compartilham o senso de celebração.

Aprendi esse princípio com a minha avó. (Refiro-me a regozijar-me com quem se regozija, não a gostar de Ultimate Fighting.) Todo Natal, ela nos enviava dois cartões: Lisa, a minha irmãzinha, recebia um cartão acompanhado de um cheque de 20 dólares, e eu recebia um cartão acompanhado de outro cheque de 20 dólares. Ficávamos sempre muito entusiasmados com os cartões da

vovó. Mas, por ser minha irmãzinha, claro que era obrigação minha — uma responsabilidade espiritual — mexer com Lisa. Ela abria seu cartão e me mostrava. “Olhe, Craig! Vovó me deu 20 dólares! Você também ganhou um cheque?”.

Eu então abria o meu cartão, espiava o conteúdo e proclamava: “Cem dólares! Está brincando? Vovó me deu 100 dólares!”.

Lisa ficava desconsolada. “Verdade?”, perguntava.

Eu dobrava o meu cheque, enfiava-o no bolso, respondia “Sim” e me afastava como quem não quer nada, assobiando ou coisa parecida. Às vezes Lisa ficava tão transtornada que chora-va. Não sei por que era tão boa a sensação de fazê-la sentir-se mal. (Não me orgulho disso hoje, claro.)

Depois, inevitavelmente, vovó descobria tudo.

No Natal seguinte, quando abri o meu cheque de 20 dólares e exclamei “Cem dólares!”, Lisa abriu o seu e também gritou: “Cem dólares!”. Aprendi com vovó a me alegrar com quem ganha *de verdade* 100 dólares de presente.

Quando outra pessoa conseguir algo pelo qual você esperava, regozije-se com ela. Penso que um dos melhores exemplos disso nas Escrituras é a relação entre o filho de Saul, Jônatas, e seu amigo Davi. Já falei aqui sobre a inveja que o rei Saul tinha de Davi. Bem, um dos filhos desse mesmo rei Saul chamava-se Jônatas. Ele e Davi eram excelentes amigos. Por todos os direitos terrenos, Jônatas deveria herdar o trono do pai. Durante a maior parte de sua juventude, é provável que ele tenha esperado com ansiedade o dia em que seria coroado rei. Talvez até sonhasse com isso. Claro, se você conhece a história, Deus traçou outros planos. Saul pecou, e Deus escolheu Davi para substituí-lo como rei de Israel.

A maioria de nós, na posição de Jônatas, morreria de raiva. Mas Jônatas não. Mesmo quando Saul ficou louco de ciúmes e saiu à caça de Davi com a intenção de matá-lo, Jônatas tomou o partido do amigo. Na verdade, veja o que ele disse para Davi em 1Samuel 23.17: “Não tenha medo, [...] meu pai não porá as mãos em você. Você será rei de Israel, e eu lhe serei o segundo em comando [...]”. Era como se Jônatas estivesse assegurando a Davi: “Eu o servirei. Cobrirei a sua retaguarda. Alegro-me com você no seu sucesso. Você recebeu o que na verdade

me pertencia, e que eu desejava, mas Deus tinha outra coisa planejada. Todo poder a você. Comemoro na sua companhia".

Fatos semelhantes acontecem com todos nós. Você anseia por aquela promoção no trabalho. Outra pessoa a recebe. Como você deveria reagir? "Parabéns!" Se havia algo que você esperava conseguir, mas outra pessoa recebeu em seu lugar, cumprimente-a: "Você merece!". Já aconteceu de você orar por algo que desejava ardentemente, e teve de esperar e esperar até que Deus o desse a você? Mas então você o viu atender outra pessoa nesse mesmo tipo de oração? "Incrível. Você merece!". Alegre-se com quem se alegra. Em vez de se ressentir das bênçãos alheias, celebre na companhia dos abençoados.

Cuidado onde pisa

Eclesiastes 6.9 diz: "Melhor é contentar-se com o que os olhos veem do que sonhar com o que se deseja. Isso também não faz sentido; é correr atrás do vento". Deus dispôs bênçãos bem à nossa frente. É fácil sonhar com o que desejamos. Mas, quando você deixa os seus olhos se desviarem em busca de outra coisa, pode estar correndo atrás do vento. É melhor desfrutar do que Deus tem dado a você do que procurar saber quem tem a grama mais verde. É fácil viver em busca de mais. A não ser que você tenha um exemplar de tudo o que existe no Planeta, alguém sempre possuirá algo que você não tem. Ou algo mais novo. Ou maior. Ou mais reluzente. Se você notar isso, quer dizer que anda fazendo comparações. (E nós já falamos sobre isso.) O que dizer do que Deus já concedeu a você? Você se sente grato por tudo o que tem?

Não me entenda mal. Não estou dizendo que a grama do outro não é de fato mais verde que a sua. Pode até ser. Mas há um princípio importante em operação aqui: a grama do outro pode ser mais verde, mas, da posição em que você se encontra, talvez não seja possível enxergar todo o cocô espalhado pelo jardim dele. Já houve quem me dissesse: "Craig, gostaria de ter a sua vida". Compreendo isso. Não há dúvida: tenho uma vida excelente. Mas sou obrigado a lhe dizer que há muita coisa difícil desenrolando atrás dos panos. O meu jardim

está repleto de cocô, e não só no sentido figurado. Tenho seis filhos. Já troquei mais fraldas na vida do que três famílias comuns. Tempos difíceis existem em toda parte.

Se a grama é mais verde no jardim de outra pessoa, talvez seja hora de regar o seu jardim. Quanto tempo faz que você não promove uma avaliação do que Deus tem dado a você e não diz "Pai, obrigado"?

Já tive um hábito muito ruim que hoje considero um insulto a Deus. Na verdade, para ser franco, ainda preciso esforçar-me para não repeti-lo. Eu costumava qualificar a minha gratidão com um grande "mas". Se alguém dizia "Gosto muito da sua casa", eu respondia com algo do tipo "Sim, ela é ótima, nós a amamos, *mas* precisamos remodelar a cozinha com urgência". Ou se alguém me dizia quanto gostava de mim como pastor, eu retrucava: "Sinto-me humildemente honrado e privilegiado pela oportunidade de servir o Reino de Deus com minha vocação, *mas* é claro que eu preferiria não ter de trabalhar nos fins de semana". Sabe, de um jeito mais ou menos jocoso, eu tentava disfarçar a verdade.

Até que o Espírito de Deus começou a me condenar por essa atitude: eu precisava livrar-me desses grandes "mas". "Sou grato pela casa que Deus providenciou para nós." Ponto final. "Sou grato pelo que tenho para fazer." Ponto final. Incentivo você, do fundo do coração, a fazer a mesma coisa; livre-se dos seus grandes "mas". Acolha a bondade de Deus para com você: "Alegrem-se sempre. Orem continuamente. Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus".[Nota 4]

O desejo do seu coração

Uma maneira de sentir gratidão por tudo o que temos é gastar tempo com pessoas gratas de verdade e felizes com o que possuem. Se elas tiverem menos do que nós, o exercício pode ser muito eficaz no sentido de fazer que sejamos mais humildes. Quando comecei a pastorear, havia uma menina de 6 anos na nossa igreja que estava morrendo. Oramos por ela diversas vezes, mas sua saúde

só deteriorava.

Perto do fim, fui visitar essa menininha preciosa no hospital. Os tratamentos a haviam privado do cabelo, da cor e das últimas forças. Cumpri com os meus deveres pastorais, conversando sobre amenidades com ela e com os pais, orando e esforçando-me para sorrir muito e elevar o moral deles. Mas a verdade é que eu me sentia importante demais. Afinal, disse: "Querida, o que você deseja? Qualquer coisa. Pode dizer. Se houver alguma coisa que eu possa fazer por você ou conseguir para você, por favor diga, e será seu".

Por um instante, ela se limitou a sustentar o meu olhar, sem dizer palavra alguma, como se estivesse perdida em pensamentos. Enquanto eu aguardava sua resposta, não pude deixar de pensar em todas as coisas com que ela poderia ter sonhado nas últimas semanas: brincar com outras crianças? Ir ao cinema com as ami-guinhas? Voltar para casa? Dar um simples passeio lá fora?

A menina pequenina de 6 anos suspirou e disse: "Bem, ma-mãe e papai estão aqui. Tenho os meus dois álbuns de figurinhas prediletos. Tenho a minha boneca, e tenho Jesus no meu coração. O que mais uma criança poderia querer?".

Algumas semanas depois, oficiei o funeral dessa menina. Mas aquele momento no hospital ecoará dentro de mim enquanto eu viver. Não conheço sua história, mas eis a minha: sirvo a um Deus excepcional, o criador e construtor do Universo, e faço isso em tempo integral. Amo e compartilho sua verdade com o povo mais incrível do mundo, e esse é o meu chamado. Tenho uma melhor amiga, que por acaso é também minha esposa, que tanto se sacrificou para me dar seis filhos. Tenho os maiores amigos que um sujeito pode querer na vida. Tenho a melhor equipe trabalhando no Reino de Deus hoje. E, claro, tenho Jesus Cristo, o Filho vivo do Deus todo-poderoso, habitando dentro de mim. O que mais um sujeito pode querer?

Espero que você consiga celebrar a bondade de Deus na vida dos outros, seja capaz de abraçar a bondade de Deus e nunca mais inveje de novo.

Jesus é de fato suficiente para o desejo do nosso coração.

Nota 1 - 3.14-16. [Voltar]
Nota 2 - 2Coríntios 10.12. [Voltar]
Nota 3 - Grifo nosso. [Voltar]
Nota 4 - 1Tessalonicenses 5.16-18. [Voltar]

Roxo de fúria

Neutralizando o ácido da raiva

A ira é um ácido capaz de fazer mais mal ao recipiente em que está depositado do que a qualquer coisa sobre a qual seja despejado.

— Mark Twain

Amy e eu não vamos ao cinema com frequência, de modo que, quando o fazemos, queremos desfrutar da experiência ao máximo. Além de passar algum tempo a sós com a minha esposa, quero certificar-me de que o investimento valerá a pena. Mas muita gente parece determinada a arruinar o nosso namoro no cinema.

Amy e eu sempre fazemos questão de chegar cedo o suficiente para conseguir os melhores lugares, no centro da fileira e a meio caminho da tela. Todo mundo sabe que o meio é o melhor lugar para se sentar e assistir a um filme. Na frente, olha-se para narinas de 3 metros de altura dos atores. Muito para a esquerda ou para a direita é como tentar ver um filme pelos retrovisores laterais do carro.

Sentamo-nos com a fila inteira vazia de ambos os lados, até que inevitavelmente um "invasor do espaço alheio" chega. Você já deve ter passado por isso. O retardatário caminha direto para a sua fileira, em seguida se estatela bem ao seu lado, em flagrante infração da regra do assento vazio: "Se houver lugares disponíveis em quantidade suficiente, deixe um assento vazio entre você e a pessoa mais próxima". Para o homem, nada pior que outro homem sentado logo ao lado. O tempo inteiro a gente fica "brigando" pelo disputadíssimo braço da poltrona, um território limítrofe. O que significa que de vez em quando haverá pele de homem roçando em pele de homem. *Tremendo* engano!

Em seguida é a vez do "operador da mesa de telefonia". O sujeito imagina que

assistir a um filme é a oportunidade ideal para colocar em dia alguns telefonemas e mensagens de texto. O telefone dele toca — e ele atende! Creia você ou não, já vi pessoas *darem* telefonemas no meio do filme. Não paguei 20 paus para ouvir alguém contar para a mãe o resultado do exame de laboratório do gato.

Há também o "comentarista". Como aqueles jornalistas que analisam jogada por jogada de um torneio de futebol, ele faz comentários (e perguntas!) sem parar ao longo do filme inteiro. Não se cala nunca. Alguns comentaristas não têm ideia do que aconteceu no começo da história e nunca são capazes de acompanhá-la. "Quem é esse cara, afinal? Que tipo de carro é esse? O que foi que ela disse?" E se não estão fazendo perguntas para as quais o resto da plateia conhece a resposta, estão chamando a atenção para o óbvio. "Então é aí que o dinheiro foi parar! Ah, eu sabia que ela ia causar confusão no instante em que apareceu. Dava para perceber que ele não era um bandido de verdade."

Tão ruim quanto, há o que chamo de "desmancha-prazeres", dotado com o superpoder de antecipar o futuro em cinco minutos. Pior, eles se acreditam responsáveis por se certificarem de que todo mundo saiba que *eles* sabem o que acontecerá a seguir. "Uau, foi ele. Esse é o seu homem, ele mesmo. Aposto como está no telhado com um helicóptero. Viu, eu não disse? Ela vai roubar aquela valise, pode esperar."

Sinta-se à vontade para rir de mim por permitir que coisas tão pequenas e triviais me incomodem tanto. Talvez você se irrite com o fato de eu dar tanta importância a detalhes tão insignificantes. Mas e você: Quais os motivos mais frequentes de suas amolações? Cite alguns dos pequenos hábitos de outras pessoas que dão vontade de empurrá-las escada rolante abaixo no *shopping*. Espere, proponho uma pergunta maior ainda: Como você lida com sua raiva no dia a dia? Se é que você lida com ela de alguma forma...

Inferno fumegante

Tantos detalhes conseguem irritar-nos. Alguém corta na sua frente no trânsito.

Alguém é grosseiro com você, ou fala ríspido com uma pessoa querida. Alguém com quem você conversou hoje foi muito arrogante — como se acreditasse ter todas as respostas do mundo. O seu chefe leva o crédito pelo seu melhor trabalho, depois põe a culpa injustamente em você por um projeto que ele entregou atrasado. Talvez outros membros da sua equipe de trabalho não tenham cumprido com sua obrigação. O seu marido deixa a roupa íntima usada no chão. A sua esposa aperta o tubo do creme dental no meio, estragando a embalagem inteira com essa mania. Pequenas coisas que simplesmente nos enervam.

E há coisas grandes em quantidade mais do que o suficiente para levar a nossa pressão arterial à estratosfera. Desastres naturais colhem milhares de vidas. A pobreza corre solta em muitas partes do mundo. Crianças vão dormir à noite com a barriga vazia, enquanto pessoas a poucos quilômetros de distância jogam fora quilos e mais quilos de comida de bufês a preços exorbitantes. Meninas e meninos sofrem abuso de professores, treinadores e até membros da família. Meros transeuntes são alvejados por balas e morrem no fogo cruzado das guerras das drogas. Empresas exploram os recursos da terra por bilhões de dólares e excretam lixo tóxico sobre solos e mares. Pessoas são enganadas, sequestradas, abusadas — até vendidas como escravas. Apesar de todos os avanços tecnológicos, que encolhem o mundo transformando-o em comunidade global, ainda combatemos traficantes em pleno século XXI! E mal toquei na superfície das imitações baratas de justiça presentes no mundo hoje.

Essas questões o perturbam, impede que você durma de noite, forçam-no a mudar de canal ou a sair da sala? O que faz seu sangue ferver de verdade? Que tipo de coisa rouba a sua paz e a alegria de viver? De onde vem essa raiva afinal? E, talvez mais importante, o que se espera que façamos a respeito?

A Bíblia tem algo a dizer sobre a raiva. Em 15 ocorrências diferentes, ela menciona tanto a palavra “raiva” quanto “fogo” no mesmo versículo. A comparação é não apenas dramática e pitoresca, como também muito reveladora das características dessa emoção volátil. O fogo é uma dádiva capaz de sustentar a vida. Quando contido, controlado e administrado, pode aquecer você. Você pode cozinhar com ele. Pode usá-lo para esquentar a água para um banho gostoso, ou para acender velas ou lâmpadas e iluminar noites escuras.

No entanto, quando o fogo se enfurece e foge ao controle, é capaz de destruir tudo o que encontrar pela frente, consumindo em poucos instantes o que levamos uma vida para construir. O fogo descontrolado pode destruir milhares de acres de madeira, vida selvagem e recursos naturais. Pode até ceifar vidas. De acordo com dados recentes dos Centros de Controle e Prevenção de Enfermidades, as mortes relacionadas com o fogo chegam a quase 3 mil por ano nos Estados Unidos.

Como o fogo, a raiva pode ser usada de maneira construtiva ou destrutiva. Como catalisador da justiça e da busca pela retidão divina, o ódio tem poder para purificar, restaurar e unir. Ou se permitirmos que a nossa raiva fuja ao controle, associada a desejos, frustrações e mágoas, ela pode levar-nos a ferir outros e a nós mesmos. Pode refletir o caráter de Deus ou distanciar-nos dele. Pode convidar o Espírito de Deus a entrar na nossa vida para examinar uma verdade dura, ou transformar-se em um convite aberto para um hóspede indesejado.

O hóspede indesejado

Qual foi a última vez que você convidou o Diabo a entrar no seu coração para passar a noite? Pergunta estranha? Não se pensarmos em Efésios 4.26,27: "'Quando vocês ficarem irados, não pequem.' Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha, e não deem lugar ao Diabo". A admoestação de abertura — "Quando vocês ficarem irados, não pequem" — vem de Salmos 4.4. É importante observar que esse versículo nos diz que a raiva em si não é pecado.

De novo, como o fogo, há dois tipos de raiva. O primeiro, o tipo "bom", é o que podemos chamar de raiva santificada ou justa. É a emoção poderosa que experimentamos quando nos irritamos com alguma coisa que afronta Deus, que se opõe à sua verdade. Esse tipo de raiva nos leva a uma reação justa. Tomamos posição contra, declaramos a verdade e expressamos o problema de maneira que represente com exatidão o coração de Deus.

O tipo "ruim" de raiva, por outro lado, geralmente resulta de quando perdemos o controle das emoções e resolvemos decidir a questão pela nossa

própria força. O pecado está em ficar com raiva de algo — o que pode até ser legítimo, como no caso de algo que também deixa Deus irado — e então permitir que essa raiva nos leve a fazer uma coisa errada.

A segunda parte do versículo de Efésios diz: "Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha". Se você está com raiva, trate dela. Por quê? Porque a Bíblia nos diz o que acontece se *formos* para a cama com raiva: fornecemos ao Diabo um ponto de apoio. A palavra grega para "ponto de apoio" é *topos*, cujo sentido literal é "oportunidade" ou "lugar". É um território ocupado. Se você abrir a porta para o Diabo através da raiva, estará oferecendo a ele um quarto de hóspedes dentro do seu coração. Isso, sim, que é dormir com o inimigo!

No entanto, as Escrituras estão cheias de exemplos de gente que permitiu ao inimigo armar acampamento em seu coração. Em capítulos anteriores, examinamos a primeira rivalidade registrada entre irmãos, protagonizada pelos filhos de Adão e Eva, Caim e Abel. Ambos ofertaram a Deus. O Senhor aceitou o sacrifício de Abel, que o preparou exatamente conforme Deus instruíra. Mas não aceitou o de Caim, que resolveu fazê-lo a seu modo. Ao ver que Deus rejeitou o que ele apresentara, Caim ficou muito bravo. Abriu a porta e deixou o Diabo entrar direto. Considere o que Deus disse a Caim: "Por que você está furioso? Por que se transtornou o seu rosto? Se você fizer o bem, não será aceito? Mas se não o fizer, saiba que o pecado o ameaça à porta; ele deseja conquistá-lo, mas você deve dominá-lo".[Nota 1]

O resto da história você conhece. Caim deixou-se dominar pela raiva e assassinou o irmão, Abel. Deus o advertiu de que o pecado se escondia atrás da porta. Em vez de trancar a entrada de seu coração e entrincheirá-la, ele a abriu de par em par e consentiu na ocupação inimiga. Ao permitir que a raiva o governasse, sua falta de refreamento levou direto ao pecado. E não a um pecado qualquer, mas ao de tirar uma vida humana.

Espero que você nunca tenha deixado a raiva alcançar o ponto de ebulição que o levasse a tirar a vida de alguém. Contudo, se você lhe tem dado rédeas soltas o suficiente nem que seja só para desejar a morte de outra pessoa, aos olhos de Deus você é tão culpado quanto Caim. No Sermão do Monte, Jesus explicou: "Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: 'Não matarás' e 'quem

matar estará sujeito a julgamento’. Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno”.[Nota 2]

Quando penso na facilidade com que me irrito, o meu coração aperta. Jesus disse que não precisamos assassinar alguém para sermos culpados de matá-lo em pensamento. Que basta chamá-lo de “louco” para pôr a nossa alma em risco. *Racá* era um termo aramaico de desdém, bastante parecido com o uso que damos às palavras “idiota” ou “tonto”. Para ser sincero, devo admitir que tenho pensado, e até proferido, palavras muito piores quando sou tomado pela raiva. Sim, a Palavra de Deus é muito clara: se não dominarmos a nossa raiva, ela se voltará contra nós.

Gerenciamento da raiva

Como a sua raiva costuma se manifestar? Qual o seu padrão de gerenciamento de conflito? A maioria de nós expressa a raiva de uma entre duas formas: ou como um gatilho que responde à mínima pressão, ou como uma travessa de banho-maria. O “lança-chamas” não tem problemas para expressar sua raiva para que todos saibam o que está acontecendo. Tem pavio curto e a temperatura sempre alta. Se você é um “lança-chamas”, quando sente raiva, todo mundo à sua volta fica sabendo disso. Talvez você a racionalize. Mas às vezes as coisas crescem no seu interior, e você precisa abrir a válvula de escape e deixar sair um pouco da pressão.

Considere o que a Bíblia diz em Provérbios 14.17 sobre essa abordagem para lidar com a raiva: “Quem é irritadiço faz tolices [...]”. Provérbios 29.11 fala a mesma coisa de outra maneira: “O tolo dá vazão à sua ira [...]”. Portanto, só para deixar claro, se você desabafa a sua raiva, a Bíblia o chama de tolo. Felizmente, a segunda metade do versículo 11 nos mostra a alternativa: “O sábio pondera com calma” (*A Mensagem*).

Anos atrás, eu tinha a reputação de ser um pouco rápido demais no gatilho da

raiva. Verdade seja dita, fiz por merecer a fama. Uma vez, saí para almoçar com um grupo de pastores da nossa equipe e várias de suas respectivas mulheres. Estávamos em plena diversão quando um dos pastores, Sam, grande amigo meu, precisou ir embora mais cedo por causa de uma reunião de tarde. Sua esposa, Jayme, permaneceu conosco enquanto terminávamos de almoçar. Algum tempo depois, quando deixávamos o restaurante todos juntos, uma caminhonete com as janelas abertas se aproximou com três sujeitos dentro. Ao passarem por nós, eles gritaram comentários obscenos dirigidos a Jayme.

Como Sam não estava presente para defender a esposa, e uma vez que ela era minha amiga, cumpri com a minha obrigação e tomei a atitude mais sensata que podia, e que qualquer um teria tomado — saí correndo a pé atrás da caminhonete, impulsionado por uma raiva cega. Verdade. Felizmente, os outros pastores que me acompanhavam eram mais velhos, sábios e maduros. Jerry, alguns anos mais velho, correu atrás de mim. (Eu não sabia se ele planejava deter-me ou apoiar-me.) Mas Kevin, mais velho que Jerry e eu, superou em sabedoria a todos. Correu na direção oposta — direto para o furgão da igreja. Saltou para dentro dela, acionou o motor, parou para apanhar as mulheres e veio ao nosso encalço.

A essa altura, fazendo sinais para os agressores, consegui convencê-los a parar. Posicionei-me então junto à janela aberta do motorista, ameaçador, olhei bem para todos os ocupantes da cabine para me certificar de que eles não frequentavam a nossa igreja e em seguida lhes desferi um açoite verbal. Jerry me alcançou a pé no momento em que Kevin chegava com o furgão. Em uma manobra perfeita, ele emparelhou o furgão com a caminhonete e abriu a porta. Mais que depressa, Kevin me agarrou e me arrastou para dentro do furgão. Fugimos dali em um único movimento capaz de deixar Jason Bourne orgulhoso.

Se você se identifica com a minha explosão, se identifica o dano colateral na esteira da sua raiva, então você é um lança-chamas como eu. Ou, como a Bíblia nos chama — um tolo.

Fogo lento

Caso você se orgulhe de não ser um lança-chamas, saiba que ainda não se safou por completo. Outra maneira pela qual muita gente lida com a raiva é metendo-lhe uma rolha em cima; chamo isso de “fogo lento”. Talvez você não chegue a explodir nem saia atacando todo mundo, mas sua raiva continua aí. Em vez de vulcão em erupção, você está mais para o fogo lento escondido sob o arvoredo depois que um raio incendeia a mata. As fagulhas da sua raiva se manifestam pelo giro dos seus olhos ou pelo seu sarcasmo. Você guarda rancor e procura a oportunidade de se vingar. Talvez seja hipercrítico e goste de julgar, como consequência de seus carvões de raiva em lenta combustão.

No Antigo Testamento, Davi vivia em fogo lento. Salmos 32.3 registra um episódio em que Davi ficou irritado de verdade e se apegou a esse fato: “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia”(*Almeida Revista e Atualizada*). Davi engolia calado, como fazem tantos de nós. Aborrecemo-nos e, em vez de pôr as coisas para fora de maneira saudável, nós as despejamos dentro da nossa vasilha de banho-maria interna para cozinhá-las na pressão.

Claro, por fora, talvez pareça que você está no controle, mas, logo abaixo da superfície, você está fumegando, aumentando o calor que pode explodir em chamas a qualquer minuto. O que os “fogos lentos” praticam é o oposto do amor. Em 1Coríntios 13.5, Paulo diz que o amor “não se ira facilmente, não guarda rancor”. Mas os fogos lentos mantêm um longo registro de ofensas: “Ela fez isso... Ele fez aquilo... Nunca vou perdoá-los por...”. Vão mantendo a fervura daquilo que acreditam ter sido prejudicados pelos outros. Quente ou frio, o cozido de raiva é um prato venenoso, um carcinógeno que produz um câncer em seu interior.

Na história do filho pródigo, você se lembra do que o irmão mais novo disse: “Pai, me dê todas as minhas coisas”. (Estou parafraseando — veja Lucas 15.12.) O pai lhe entregou sua parte na herança, e o rapaz foi embora. Divertiu-se horrores, dissipando seu dinheiro mais depressa que um novato em Las Vegas. Quando enfim voltou para casa, de mãos abanando e envergonhado, todo mundo ficou chocado por seu pai amá-lo abertamente e aceitá-lo de volta. E não só isso, como na verdade o pai ofereceu uma festa enorme em homenagem ao filho.

Todavia, ao descobrir o que se passava, o irmão mais velho sentiu tanta raiva que não conseguiu nem entrar na casa. Fumegando e esbravejando do lado de fora, o irmão mais velho enfim explodiu quando o pai saiu para conversar com ele: “Obedeci todas as suas regras estúpidas. Tenho trabalhado feito um cão para o senhor e sempre fiz tudo que o senhor pediu. O senhor nunca me deu uma festa! Não é justo!” (De novo, é paráfrase minha; veja Lucas 15.29,30.) Sem dúvida, o irmão mais velho era um fogo lento clássico.

Extintor de incêndio

Não importa se somos um lança-chamas ou um fogo lento, é provável que acabemos no encanamento do esgoto da mesma forma, a menos que aprendamos a controlar as nossas reações à raiva e a expressá-la de maneira produtiva. Se você sabe que sua raiva o está levando ao pecado, seja dentro do seu coração, seja no seu comportamento exterior, você deve fazer bom uso de um extintor de incêndio. Peça a Deus para apagar esse fogo com o Espírito. Provérbios 17.14 diz: “Começar uma discussão é como abrir brecha num dique; por isso resolva a questão antes que surja a contenda”. Apague o fogo antes que o dique se rompa e leve você embora. Deixe para lá. Esqueça.

Conquanto apagar o fogo possa parecer impossível, é uma opção. Pode-se controlá-lo. Antes que você comece a me dizer que o temperamento explosivo faz parte de quem você é, pense nisso. Você já viu (ou já foi) alguém que solta fogo pelas ventas e pragueja quando o telefone toca? A pessoa atende: “Alô? Oh, oi, como vai? Sim, tudo ótimo. Uau, que maravilha. Louvado seja Deus. Claro. Estive orando por você. Está bem. Vamos nos encontrar. Faremos isso. Pode apostar. Deus abençoe. Tchau”. Então você desliga e diz: “Bem, onde eu estava mesmo? Oh, sim...”, e retoma o discurso violento aos gritos, bem de onde tinha parado. Por engraçado que isso possa parecer, é evidência clara de que somos capazes de controlar a raiva fazendo as escolhas certas.

Desafio você a praticar esse tipo de autocontrole a partir de hoje. Talvez você esteja à espera de alguém. A pessoa se atrasa — de novo. Deixe para lá.

Ninguém vai morrer por isso. Ou talvez alguém tenha colocado os pratos de maneira errada no lava-louças. Em vez de ter um ataque, esqueça. Louve a Deus por essa pessoa ao menos ter tentado. Talvez um colega de trabalho irrite você o tempo todo. Pare e pense que Deus ama essa pessoa tanto quanto ama você.

Algumas coisas (muitas coisas, na verdade) não compensam a raiva. Tiago 1.19,20 diz: "Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus".

Portanto, há em resumo três coisas que podemos fazer. Na ordem:

1. Ouvir.
2. Levar algum tempo para processar antes de falar.
3. Não pular direto para a raiva.

Precisei de anos para conseguir ser tardio em me irar. Atribuo isso a duas coisas. Primeiro, tenho me submetido constantemente à verdade de que a minha raiva não cumprirá os desejos de Deus — sua justiça. Quero ser o homem que Deus deseja que eu seja. Por inteiro. Segundo, Deus tem honrado esse compromisso. Ele está no processo de me tornar mais semelhante a ele. Sete livros diferentes da Bíblia mencionam o mesmo atributo do caráter de Deus. Sabe qual? Sete escritores diferentes notaram que Deus é "tardio em se irar" e "abundante em amor".

Com a ajuda do Senhor, estou passando a ser tardio em me irar e abundante em amor. E não sou o único a pensar assim. Há muito tempo, procurávamos um assistente para mim. Um dos desafios para preencher o cargo era que muita gente me enxerga através de lentes cor-de-rosa como o "pastor Craig", o grande sujeito sempre piedoso, jovial, compassivo e amoroso. Por conseguinte, os candidatos têm dificuldade em pensar em mim como o "Craig normal", seu chefe, que tem dias bons e ruins como todo mundo.

Assim, a nossa equipe executiva entrevistou cada finalista. Quando nos reunimos com Sarah, a mulher que acabamos escolhendo, um dos meus colegas perguntou a ela: "Você acha que seria capaz de lidar com Craig se ele ficasse

com raiva?”.

Fiquei ofendido na mesma hora: “Eu não fico com raiva”, retruquei.

Outro membro da equipe declarou: “Fica sim”, enquanto os outros riam baixinho.

“Que seja!”, respondi. “Lidamos com coisas intensas aqui às vezes, mas não é algo assim tão importante.”

Sarah se virou para mim com os olhos semicerrados. “Sim, eu compreendo. Sem problema.”

Outro membro da equipe olhou para o teto e perguntou: “E se Craig, sei lá, digamos... atirasse um lápis em você?”.

“Espere um minuto! Isso só aconteceu uma vez! Uma única vez! Vocês nunca me deixarão esquecer desse incidente?”

Enquanto as perguntas prosseguiam no mesmo estilo, eu sentia minha temperatura elevar. Eu interrompia toda hora: “Eu não fico tão bravo assim!”.

Todos sorriam e balançavam a cabeça. “Sim, fica.”

“Não fico, não!” Não pude evitar que o meu tom de voz subisse um pouco.

Um deles olhou para Sarah e disse: “Está vendo?”.

“Na verdade, isso não é justo”, reclamei, tão manso quanto me foi possível.

Sarah já trabalhava comigo havia alguns anos quando resolvi preparar uma mensagem sobre raiva. Falávamos sobre alguns tópicos do meu esboço quando ela parou e disse: “Sabe, Craig, não consigo lembrar-me da última vez que vi você com raiva. Faz anos”.

Foi o maior cumprimento que ela poderia fazer a mim! Controlar a raiva — e mudar a sua reputação — é possível. Se a raiva está envenenando a sua vida, peça a Deus paciência e sabedoria para o ajudar. Se a raiva o faz pecar, peça a Deus para extingui-la. Pare de dar desculpas. O Senhor quer tornar você mais parecido com ele.

Provocação

Outro tipo de raiva, que chamo de ira santificada, requer uma reação diferente.

As Escrituras apresentam diversos exemplos de Jesus se irando — mas ele nunca pecou. Sua ira era justa. Um dos meus relatos favoritos está em Marcos 3.1-6, que fala sobre um homem com a mão atrofiada. Certo sábado, esse homem doente estava na sinagoga, assim como os fariseus, que observavam para ver se Jesus ousaria curar alguém no sábado.

Ao que tudo indica, consideravam a realização de milagres no dia santo um pecado monumental. Jesus parecia saber o que eles pensavam. No versículo 4, ele lhes pergunta: "O que é permitido fazer no sábado: o bem ou o mal, salvar a vida ou matar?". Contudo, eles se recusam a responder. O versículo 5 registra: "*Irado*, [Jesus] olhou para os que estavam à sua volta e, *profundamente entristecido* por causa do coração endurecido deles [...]". Jesus ficou louco da vida. Irado mesmo. Tudo o que ele queria era demonstrar o amor de Deus pelos necessitados. Mas seus detratores observavam cada movimento seu, decididos a manter a liberdade divina fora do templo.

Se eu tivesse o poder de Jesus, não sei se conseguiria ser tão gentil. Acho que ergueria as mãos e *bam!* , faria surgir hemorroidas em todos eles. Está bem, talvez só eu seja assim. Isso significaria deixar a raiva me conduzir para o pecado. Em vez disso, Jesus "disse ao homem: 'Estenda a mão'. Ele a estendeu, e ela foi restaurada".[Nota 3] Em vez de permitir que a ira o fizesse pecar, Jesus a redirecionou para produzir algo justo.

Não há problema em sentir raiva. Você pode ficar com raiva e não pecar. Deixe o Espírito de Deus apagar essa chama. O seu casamento atravessa lutas? Fique bravo. Não com o seu cônjuge —, mas com o Maligno, que transportou as coisas dele para dentro do seu lar. Advirta-o. Arranque-o daí a pontapés. Você cansou de ver enfermidades, pobreza e crueldade, talvez em outro país, talvez em sua própria cidade? Atice essa chama. Jogue um pouco de gasolina em cima dela. Ire-se. Faça algo justo acerca disso.

Você ama alguém que vem chafurdando na autodestruição, tomando uma decisão ruim atrás da outra? Ire-se. Estenda a mão para essa pessoa com tudo o que você tiver. Você luta contra a raiva pecaminosa? Fique louco da vida com ela! Ataque-a com fúria santa. Transforme o poder que ela tem em ira justa, do tipo que satisfaz a vontade de Deus. Ire-se com as coisas que irritam Deus.

Quem comanda a sua vida? O pecado está agachado junto à porta. Não permita mais que a raiva explosiva dite o que fazer. Seja sábio. Não dê ao inimigo nem um pedaço de chão sobre o qual firmar pé, nem um nanômetro de espaço. Não lance fogo feito um vulcão. Correr atrás de carros em estacionamentos não efetiva a justiça de Deus. Não fique fumegando por isso. O amor não guarda rancor.

Em vez disso, passe momentos silenciosos e sem pressa com Deus, em oração e com a Palavra, aprendendo que tipo de coisa enfurece o Senhor. Então, quando sentir o pulso começando a acelerar, a temperatura começando a subir, as veias no pescoço começando a saltar, pergunte-se: Onde isso me levará? Se for em direção ao pecado, esqueça. Deixe para lá. Mas, se for em direção à justiça, atice a chama. Convide Deus a torná-lo mais semelhante a ele mesmo — e então lhe dê a chance de agir.

Nota 1 - Gênesis 4.6,7. [Voltar]
Nota 2 - Mateus 5.21,22. [Voltar]
Nota 3 - Marcos 3.5, grifo nosso. [Voltar]

A contaminação do medo

Livrando-se da esganadura do pânico

Não sei o que é ter medo ou ficar ansioso por mais de quinze minutos. Quando sinto emoções relacionadas ao medo tomando conta de mim, fecho os olhos e agradeço a Deus por ele continuar em seu trono, reinando sobre todas as coisas, e me conforto com seu controle sobre tudo o que diz respeito à minha vida.

— John Wesley

Quando pequena, minha irmã mais nova, Lisa, tinha o medo mais irracional do mundo. Todas as noites, antes de deitar, ela precisava certificar-se de que a porta do armário estivesse muito bem fechada. Fechada mesmo, talvez até com uma cadeira e alguns brinquedos na frente. Se a porta do armário ficasse entreaberta, mesmo que meio centímetro apenas, ela acreditava que tudo o que havia lá dentro (Roupas? Fitas de cabelo? As Barbies?) se esgueiraria para fora e a agarraria. Por algum motivo, ela acreditava que, se a porta permanecesse fechada, estaria segura.

Claro, quando criança, nunca tive medos bobos como esse — os meus eram todos perfeitamente razoáveis. Por exemplo, eu sabia que, depois que a gente deita, nunca deve deixar a mão ou o pé pendurado na beirada da cama. Não há maneira mais segura de ser arrastado para longe por sejam quais forem as criaturas malignas que se escondem debaixo da cama durante a noite! E claro que o único jeito de impedi-las de agarrar você na hora de deitar é correr da porta do quarto para cima da cama, saltando sobre todas elas. Depois vem a hora inevitável da visita ao banheiro no meio da noite, quando você precisa levantar e dar um bom salto para longe do colchão, certificando-se de que não passou nem

perto delas.

Do que você tinha medo quando criança? Do escuro? De trovões? De atravessar pontes? De aranhas? (Conheço muita gente adulta que continua com medo de aranha.) Das cortinas do boxe do banheiro? Ainda hoje, não suporto ver uma cortina de boxe fechada; até Martha Stewart ensina que elas devem ser puxadas para o lado (ela diz para a esquerda, eu digo para a direita), permitindo clara e total visão do chuveiro ou banheira. O quê? Você nunca viu *Psicose*? Nem uma dúzia de filmes de terror que abordam o tema? Todo mundo sabe que os assassinos/zumbis/vampiros/homens do machado/sequestradores arrepiantes sempre se escondem atrás da cortina do box do banheiro.

Os quatro não tão fantásticos

Com frequência olhamos para trás e rimos dos nossos medos de infância, mas a maioria continua a lutar contra uma variedade de temores bastante adultos todos os dias: perder o emprego, adoecer, ficar sem dinheiro, ir à falência, divorciar-se, ser traído por quem amamos. Quanto mais medo acolhemos na vida, mais batalhamos para crescer espiritualmente. É como tentar plantar macieiras no centro de Los Angeles. A fumaça e a poluição do ar roubarão das árvores novas o oxigênio precioso e lhes contaminará o suprimento de água. O medo nos envenena um pouco a cada dia se não o enfrentarmos de uma vez, anulando todo o seu poder.

É interessante notar que, quando bebês, temos só dois medos naturais: de cair e de barulhos muito altos. Isso quer dizer que todos os outros medos são aprendidos, a maioria pela experiência. Como uma mochila nas costas que se avoluma até se tornar um fardo do tamanho de uma caçamba, os temores pesam sobre nós e impedem que percorramos a vida com velocidade e graça. De modo geral, a maior parte dos nossos medos adultos se enquadra em quatro categorias.

1. Medo da perda

Um dos nossos temores humanos básicos, o medo da perda consegue assumir diversas formas. Se você é casado, a ideia de perder o cônjuge pode tirar a sua paz de espírito. Quase todo pai e mãe que conheço em algum momento precisa lidar com o medo de perder um filho, ou pelo menos de que algo ruim aconteça com um de seus rebentos.

Claro, algumas pessoas temem a perda financeira, seja por causa de demissão do emprego, seja por um investimento mal sucedido. Outros temem perder o controle — se não forem capazes de grudar etiquetas em tudo (e em todos) e manter todos os pratos girando, seu mundo ruirá ao redor.

Como isso funciona no seu caso? O que você já teve medo de perder? O que você mais teme perder agora?

2. Medo do fracasso

Outro medo comum é o do fracasso. Para ser sincero, pensamentos relacionados ao fracasso devem ser os que mais me incomodam. Às vezes me surpreendo preocupado com a possibilidade de não corresponder às demandas postas diante de mim. Receio não ter o necessário para que os meus objetivos se realizem.

Muita gente gostaria de se debruçar sobre algum desafio, ainda mais se for o novo empreendimento de risco com que sempre sonharam, mas teme não ser bem-sucedida (ao menos em relação ao que considera sucesso). Talvez você quisesse começar o seu próprio negócio, mas pensou: *Não sei o que estou fazendo — isso é o mesmo que atirar dinheiro pela janela*. Talvez você tenha sentido um peso no coração motivando-o a dar início a um ministério em uma área que o apaixona de verdade. Mas você não consegue deixar de pensar: *Não creio ser bom o suficiente para fazer isso.* O medo do fracasso nos paralisa, impedindo o início de qualquer coisa nova: abrir um negócio, voltar a estudar, buscar um relacionamento ou entrar em contato com alguém por telefone. Você não tem certeza de ser capaz de fazê-lo, por isso nem tenta. Esse é o poder do medo tóxico do fracasso.

Em que você tem medo de fracassar?

3. Medo da rejeição

Muitos de nós tememos a rejeição e o abandono. Conheço sujeitos perfeitamente decentes que gostariam de convidar uma mulher para sair, mas hesitam porque pensam: *Ora, por que uma garota como essa sairia com um cara como eu*? Conheço pessoas casadas que viveram o medo constante de o cônjuge dar um basta e deixa-las.

Outras pessoas são dominadas pela mentalidade de agradar os outros, ancorada no medo da rejeição. Querem que todo mundo as aceite, por isso se questionam: *Ela vai gostar deste estilo de cabelo? O que ele vai pensar se eu não concordar com esse negócio? É melhor eu concordar, ou eles não vão gostar de mim. Não quero chatear ninguém, a menos que seja de fato necessário.*

Você de vez em quando tem medo de que os outros não gostem do seu jeito de ser?

4. Medo do desconhecido

Por fim, a maioria tem pavor de não saber o que vem pela frente. Muita gente não consegue deixar de tentar imaginar coisas como “E se eu contrair uma doença grave? E se isso acontecer com alguém a quem amo?”. As pessoas se preocupam com coisas que não podem controlar: “E se eu perder o emprego? O que acontecerá no futuro? E se nunca ninguém me amar de verdade?”.

O que você teme saber? Em relação a que você preferia continuar inocente?

(((

Quando se sente apreensivo, você precisa reconhecer uma verdade: o nosso Pai onisciente, onipresente e onipotente não nos dá o medo. “Pois Deus não nos deu um espírito de medo, mas um espírito de força, de amor e de sobriedade”.

[Nota 1] Por que então tantos se veem consumidos pelo medo, quando está claro que o que Deus nos dá é poder, amor e sobriedade?

Se você vive sempre preocupado, ansioso, oprimido, paralisado, precisa tomar consciência dessa importante verdade. O medo vem do inimigo. Ele nos lança bombas de fumaça o tempo todo, esperando que as confundamos com uma granada. Se a sua vida está contaminada pelo medo, é hora de limpar a fumaça e encher os pulmões de ar fresco.

Imaginações desenfreadas

As pessoas costumam dizer que o medo é o oposto da fé, mas, com todo o respeito, eu discordo. Pelo meu modo de ver, na verdade o medo conta com a fé — ele nada mais é que a *fé nas coisas erradas*. Ter medo é depositar fé no "e se", em lugar de "Deus é". Implica deixar que a sua imaginação vagueie por um longo beco escuro de possibilidades e seja assaltada a cada dois passos. Quase todo mundo que se permite ser feito refém dos "e se" descobre que uma única coisa o amarra: a própria imaginação.

Sabe quem lutou muito contra isso? Moisés. No Antigo Testamento, quando Deus lhe apareceu pela primeira vez, convocando-o a libertar o povo hebreu da escravidão dos egípcios, optou por fazê-lo em meio a uma sarça ardente. Ora, sem dúvida isso chamaria a atenção da maioria das pessoas. No entanto, logo depois desse encontro, vemos Moisés começando a fazer o jogo do "e se" com Deus.

Em Êxodo 3, Deus lhe revela seu plano completo e o papel reservado para Moisés nesse plano, assegurando que estaria com ele o tempo todo. Então, já no capítulo seguinte, Êxodo 4.1, Moisés reage perguntando a Deus: "[...] E se eles não acreditarem em mim nem quiserem me ouvir e disserem: 'O SENHOR não lhe apareceu'?". É o mesmo jogo que a maioria de nós faz, acima de tudo quando Deus nos chama porque deseja usar a nossa vida em algo importante.

Em vez de pensar que Deus sabe o que está fazendo e confiar nele, na mesma hora desenrolamos a nossa lista de "e se". "Parece bom, Senhor, mas e se eu não

conseguir fazê-lo? E se a economia piorar? E se eu perder o emprego? E se eu ficar doente? E se o meu cônjuge me trair? E se os meus filhos se machucarem? E se nos envolvermos em um acidente de carro? E se eu nunca me casar? E se eu me casar, mas com um idiota? E se não pudermos ter filhos? E se tivermos filhos demais? E se a nossa gata engravidar... de novo?". São tantas as coisas ruins que podem acontecer na vida. Parece que gastamos uma enorme quantidade de tempo elucubrando uma relação de tudo o que pode dar errado, em vez de fazermos melhor uso dessa mesma energia para pedir a Deus que nos indique cada passo a ser dado, ajudando-nos a compreender o que ele está fazendo.

No entanto, os seus "e se" importam sim. Na verdade, se você parar e analisá-los, poderá adquirir algumas percepções vitais. A primeira delas diz que *o que você teme revela o que você mais valoriza*. A análise do que você teme pode iluminar as suas prioridades, que sempre devem ser conhecidas. Por exemplo, se você teme perder o seu casamento, isso demonstra que você valoriza esse seu compromisso. Se você teme que algo ruim aconteça com os seus filhos, isso mostra que você os valoriza de verdade. Se você teme perder o emprego ou dinheiro, significa que você valoriza a segurança e a estabilidade financeira. Conquanto não seja intrinsecamente ruim valorizar essas coisas, focar em qualquer uma delas de maneira negativa o pode levar a percorrer o caminho venenoso da preocupação, em vez do caminho que conduz à ação positiva.

Quando o medo é uma constante em determinada área da sua vida, isso pode ser um indicador de que você não está de-pendendo de Deus para lidar com ela. Em outras palavras, *o que você teme revela onde você menos confia em Deus*. E geralmente isso significa que você não lhe está pedindo direção nessa área. Digamos que você viva preocupado com o seu casamento. Você já pediu a Deus que o melhore — e então confiou de fato nele para fazer isso? Se você ora, mas em seguida se preocupa com o assunto, as suas ações estão transmitindo a seguinte mensagem: "Claro, orei, mas não é o bastante. Não preciso que Deus inter-venha nesse caso tanto quanto ele precisa que eu o faça".

Ou se você se preocupa com a possibilidade de algo ruim acontecer com os seus filhos, na essência você está declarando a Deus: "Na verdade, não acredito que o Senhor seja suficiente. Não creio que seu plano e seus propósitos se

realizarão na vida dos meus filhos. Portanto, da minha parte, vou continuar apreensivo". Se você está o tempo todo preocupado com a estabilidade financeira, os seus atos estão dizendo: "Deus, não confio de verdade que o Senhor proverá ".

De fato, em Mateus 6.27, Jesus deixa claro qual é o poder da nossa ansiedade: "Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?". Evidentemente, a resposta é ninguém. Então por que agimos como agimos? Porque receamos confiar em Deus em todas as áreas e em todas as horas da nossa vida. Porque prever o pior nos permite acreditar que temos algum simulacro de controle; não seremos surpreendidos quando algo terrível acontecer porque já o imaginávamos e nos preparamos.

Como encontramos a saída? Creio que temos de encarar os nossos maiores medos a fim de alcançar o nosso maior potencial. E o único jeito de fazer isso é permitindo que Deus nos conduza.

Ele se foi de uma vez por todas

A minha esposa e eu experimentamos na pele o que estou dizendo. Pouco mais de dez anos atrás, Amy produzia crianças como um cozinheiro de *fast-food* joga panquecas para o alto no horário do *rush* matutino. Parecia que a única coisa que ela fazia era ter bebês. Bastava olharmos um para o outro e engravidávamos! Embora nos sentíssemos gratos a cada novo acréscimo à família, isso cobrou seu preço. Tantas crianças em um espaço de tempo assim curto, uma atrás da outra, acabaram sendo uma prova difícil para o corpo de Amy. Logo ela enfrentava algumas questões de saúde preocupantes.

Ela começou a sentir dormência em um lado do corpo com frequência cada vez maior. Ficava bastante enjoada, sentia dores constantes e vivia o tempo todo cansada. Consultamos um médico após outro... E outro... E mais outro... E outro ainda. Mesmo depois do que parecia ser uma centena de exames, ninguém conseguia chegar a um diagnóstico. Pior, ninguém era capaz de nos apresentar uma sugestão de tratamento para que ela melhorasse. Sua condição era pior por

causa do medo que isso estava causando em nós dois.

Durante meses, clamamos juntos todas as noites a Deus antes de irmos para a cama. A situação continuava piorando e houve noites em que Amy acreditou de verdade que não acordaria na manhã seguinte. Ela sentia o corpo arruinado pela dor. Dizia que me amava e passava a discorrer sobre o que gostaria que eu fizesse com as crianças caso a perdêssemos em algum momento ao longo da noite. Era intenso assim. Convencidos de que ela morreria, com a esperança minguando porque médico algum era capaz de dizer o que estava acontecendo, Amy e eu vivemos aquelas noites com medo constante. Cada dia que ela acordava era uma bênção para nós, mais um dia com a família, mais um dia para esperar alívio.

Sem termos a quem recorrer, Amy insistia em se voltar para Deus. Continuou a buscá-lo por meio da Palavra. Tinha a Bíblia aberta o tempo todo, estudando-a como se a sua própria vida dependesse disso. Orava sem cessar. Clamava a Deus, dizendo-lhe do que tinha medo e pedindo-lhe respostas. Clamou para que lhe mostrasse o que ela podia fazer — o que *devia* fazer. Ela orou as palavras que encontrou nas Escrituras. Organizou uma espécie de sistema de troca de oração, em que contava às pessoas coisas pelas quais precisava que orassem, e orava pelas necessidades delas. Pediu a determinadas pessoas, que Deus pôs em seu coração, para orar por detalhes muito específicos. Cada instante que passava acordada, Amy seguia firme os passos de Deus, buscando-o e procurando-o onde quer que ele pudesse ser encontrado. Era diligente, determinada e incansável.

Então, no meio de sua busca espiritual, Deus lhe mostrou algo que mudou tudo. Um simples versículo lhe prendeu a atenção e nunca mais a soltou. Hebreus 11.6 diz: “Sem fé é impossível agradar a Deus [...]”. Em um instante, Amy percebeu que estivera vivendo pelo medo, não pela fé. E seu coração descrente não podia agradar a Deus. Resolveu depositar toda a sua fé em Deus e confiar nele. Como alguém que muda a posição do interruptor de luz de desligado para ligado, ela trocou o medo do pior cenário para a fé nas melhores promessas do Senhor.

Foi quando Deus fez o que só ele pode fazer. Libertou-a de seu pior medo, que evaporou, desapareceu no ar, se foi. Quase ao mesmo tempo, sua saúde

começou a melhorar. Ela foi ficando mais forte e com mais energia a cada dia, e as dores e o sofrimento passaram a diminuir em relação ao dia anterior. Poucas semanas depois, Amy se sentia 100% outra vez, talvez até mais saudável que antes.

Até hoje, a única explicação que temos é que Deus libertou Amy de sua enfermidade. No momento em que nossa provação acabou, ela formou hábitos mais fortes centrados na busca de Deus em cada área de sua vida. Tem mantido esse estilo de vida em que buscá-lo é uma constante. Na mesma proporção em que o medo a consumia antes, agora o que a consome é a fidelidade, que transborda de seu interior. Amy é hoje uma mulher verdadeiramente destemida.

Dando nome aos bois

Para Amy, o ponto da virada foi o momento em que ela confessou o que mais temia. Ao enfrentar seu maior receio, revelou o que ela mais valorizava: queria ficar aqui com e por sua família. Também se tornou evidente para ela a área em que menos confiava em Deus: estava convencida de que morreria — de que não recuperaria a saúde e que os nossos seis filhos e eu ficaríamos entregues à própria sorte sem ela. Amy temia um futuro incerto, em que uma enfermidade misteriosa levaria embora sua vida. Foi disso que ela pediu a Deus que a livrasse, e foi o que lhe confiou para solucionar. Não se resignou a ser uma simples hospedeira do parasita do medo. Em vez disso, conectou-se a Deus tão intimamente quanto possível.

Se você está lutando para confiar em Deus em alguma área da sua vida, creio que deve primeiro identificar do que tem medo. Você não saberá por onde começar a tratar o problema se fingir que ele não existe. Portanto, admita-o. Identifique-o com clareza. Até lá, ele continuará a ser o elefante no meio da sala, a enorme nuvem negra pairando sobre a sua cabeça. Portanto, dê nome a alguns bois. Verifique qual é a etiqueta e a marca registrada do medo que você vem cultivando.

A partir do momento em que você o identifica, pode entregá-lo para Deus.

Assuma o compromisso de confiar nele para receber poder a fim de vencer o medo de uma vez por todas. Deixe-me esclarecer isso. *Não* estou sendo simplista e dizendo para você "entregá-lo a Deus" e depois fingir que o problema não existe mais. Não. Estou dizendo que deve permitir que Deus conceda a você força, sabedoria e coragem para vencer o seu medo em caráter definitivo.

A Bíblia diz em Tiago: "Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida".[Nota 2] Peça a Deus que ele mostre o que você pode fazer e que está ao seu alcance para minimizar o risco de esse medo se materializar. Então, ponha em prática seja o que for que o Senhor revelar. Além disso, opte, com toda a fé de que você dispõe, por confiar que ele será fiel, como sua Palavra afirma. Ele será fiel conduzindo-o até o final e sempre providenciará uma maneira pela qual você poderá suportar a dor.

No Antigo Testamento, Davi foi criado como um simples pastor antes de se tornar rei de Israel. Deus primeiro o preparou e então o levou a fazer algumas coisas incríveis, como matar o gigante Golias. E, mesmo depois de deixar claro que ele seria o futuro rei da nação, de enviar seu profeta Samuel para ungi-lo (veja 1Samuel 16), um ato simbólico marcando-o como o escolhido de Deus, Davi precisou encarar muitos obstáculos e esperar anos antes de assumir o trono. Entre esses obstáculos, com certeza não o menor deles, estava o monarca reinante, Saul, que se sentiu muito ameaçado pelo jovem promissor. De fato, a ansiedade de Saul cresceu tanto que ele começou a detestar o jovem e dinâmico guerreiro-poeta. Por fim, seu ódio baseado em medo atingiu o ponto de ebulição, e o rei Saul proclamou uma ordem para seu filho e seus homens: "Tragam [Davi] até aqui para que eu o mate".[Nota 3]

Ora, é fácil olhar para essa situação e pensar: *Uau, que horror.Deve ter sido muito difícil para Davi saber que o rei pusera sua cabeça a prêmio*. Mas, se nos colocarmos no lugar de Davi por um instante, a situação se tornará absolutamente terrível. Para mim, é como se o presidente dos Estados Unidos dissesse para a CIA, o FBI e o exército inteiro: "Vão e peguem aquele sujeito cristão maluco, Craig Groeschel. Quero aquele miserável, morto ou vivo". (Agora você entende por que sempre dou uma olhada atrás da cortina dos

banheiros!) Onde quer que você viva, imagine o líder mais poderoso da sua nação emitindo essa ordem *a seu respeito*. Imagine as forças armadas do país varrendo o território nacional à sua procura, interrogando os seus amigos e a sua família, no seu encalço. Você não pode ir a nenhum lugar público. Tem de estar sempre olhando por cima do ombro. Esse pesadelo era a realidade vivida por Davi. Fosse aonde fosse, ele não conseguia fugir da consciência de que o homem mais poderoso de Israel queria vê-lo morto. Em Salmos 56.1-4, temos um vislumbre não só de sua provação, mas de como ele a enfrentou: "[...] Os homens me pressionam; o tempo todo me atacam e me oprimem. Os meus inimigos pressionam-me sem parar; muitos atacam-me arrogantemente. *Mas eu, quando estiver com medo, confiarei em ti*. Em Deus, cuja palavra eu louvo, em Deus eu confio, e não temerei. Que poderá fazer-me o simples mortal?".[Nota 4]

É evidente que Davi se sentia oprimido, talvez até apavorado. Entretanto, sincero com Deus, simplesmente chamou a situação pelo que ela realmente era. Ele era o ungido de Deus, o escolhido do Senhor, o futuro rei. Só que isso não tinha nenhuma relação com as circunstâncias do momento. Você pode fazer a mesma coisa. Não há problema admitir que você sente medo. Dê nome aos seus temores. Diga apenas: "Eis o que está acontecendo, Deus. É disso que estou com medo":

"Estou com medo de que o meu cônjuge esteja tendo um caso".

"Estou com medo de que um dos meus filhos contraia uma doença terminal".

"Estou com medo de que o meu melhor amigo me traia".

"Estou com medo de que o meu negócio fracasse no ano que vem".

Em seguida, continue imitando a atitude de Davi. "Mas apesar de sentir medo, Deus, opto por confiar em ti." Leve a idéia tão longe quanto Davi levou. Declare-a em voz alta. Escreva-a. Ensaie-a. Faça sempre alusão a ela para não se esquecer. Diga sem parar: "Creio em tua Palavra, Senhor. Estou optando por confiar em ti, Deus. Por tua causa, escolho não ter medo".

Examinando melhor esta passagem, observe a última coisa que Davi concluiu: "Que poderá fazer-me o simples mortal?". Bem, vamos responder a essa pergunta. Seja franco, o que os homens mortais poderiam ter feito a Davi? Para início de conversa, poderiam tê-lo matado! Talvez pior: poderiam tê-lo

capturado, torturado, aprisionado e arrasado o resto de sua vida. Tudo isso soa bastante tenebroso.

Ora, se tudo isso é verdade, então como Davi conseguiu superar seus temores? Modificando sua visão do problema, voltando os próprios pensamentos, que eram alimentados pelo medo, do ponto de vista temporário para uma perspectiva eterna. Recuando e observando seu medo de um ponto de vista mais abrangente, Davi pôde dizer: “Sabe de uma coisa? Mesmo que os meus piores ‘e se’ vierem a acontecer, se eu ainda optar por confiar em Deus, ninguém poderá fazer nada que me prejudique para toda a eternidade. Ninguém”. De repente seu pior “e se” perdeu a importância, comparado com a bondade e a fidelidade divinas.

E você? Qual é o seu maior medo? Em relação a isso, você consegue optar por confiar em Deus? Seja sincero consigo mesmo, tanto quanto possível. Isso é fundamental. Na minha experiência, quanto mais longe fico de Deus, mais os “e se” deste mundo se acumulam, tentando sufocar-me de medo. Por outro lado, quanto mais perto estou do Senhor, mais sou capaz de confiar nele, e menos controle as coisas deste mundo exercem sobre mim. Escolha. Diga a Deus o que você teme. Então confie nele, aconteça o que acontecer.

Busca destemida

A segunda tática para superar os seus temores está diretamente relacionada à primeira. De maneira bem simples: você precisa buscar Deus. É isso. Comece a buscá-lo e não pare mais. Quando você fizer isso com diligência, constância e sem cansar, os seus medos evaporarão. Jeremias 29.12,14 diz: “Então vocês clamarão a mim, virão orar a mim, e eu os ouvirei. [...] Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração”.

Você pode estar pensando: “Mas onde posso encontrar Deus?”. Comece por sua Palavra. Invoque-o em oração. Busque-o na companhia de amigos que também seguem Cristo. Peça-lhes que orem em seu favor, para que Deus se revele a você e mostre o caminho da superação dos medos. Não pare. Dia e noite. Toda vez que você pensar no assunto. Se acordar no meio da noite, ore.

Baixe um aplicativo da Bíblia no celular e, a qualquer momento que tiver de parar e aguardar para cumprir um compromisso ou se demorar em uma fila, saque-o do bolso e leia. Não pare. Busque Deus.

Você pode encontrar um poder tremendo, transformador da vida, nas palavras de Davi registradas em Salmos 34.4: “Busquei o SENHOR, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores”. Pense nessas palavras. Leve-as a sério e deixe-se influenciar por elas. Busquei Deus — e ele me libertou. Livrou-me de cada um dos meus medos. Eles não existem mais. Estou livre de todas as coisas que me mantinham refém. Ele me libertou. Elas se foram, e eu estou livre.

Ao sentir que emoções envolvendo medo começam a tomar conta de você, procure fazer exatamente como Davi. Quem fez todas as coisas? Quem está no controle? De quem é a promessa de que “todas as coisas” contribuem para o bem daqueles que o amam?[Nota 5] Nos instantes iniciais, quando você começar a sentir o medo rastejando para o seu lado, feche os olhos e imagine Deus em seu trono, sentado bem no meio entre você e seu medo. Os seus medos tentarão interpor-se entre você e Deus. Force-os a recuar para o lugar que lhes pertence. Veja Deus entre você e eles.

Quando olho para a minha agenda e vejo tudo o que me aguarda nos próximos meses, às vezes sinto os velhos medos familiares acerca do futuro retornando furtivamente, como sombras tentando eclipsar a luz. Fecho então os olhos e começo a falar com Deus: “Pai, o Senhor é suficiente para hoje. O Senhor me deu tudo de que preciso para fazer tudo que o Senhor quer que eu faça hoje”. Reconhecer que Deus está no controle e vê-lo como protetor e provedor me ajuda a superar de maneira conclusiva o medo do futuro. Deus quer fazer a mesma coisa por você.

Deus não deu a você um espírito de temor. Se você está com medo, isso não vem dele. Não o aceite. Não ceda ao medo. O que Deus tem dado a você é um espírito de poder e de amor, e uma mente sadia. Busque-o. Não tema, pois o Senhor é com você.

Nota 1 - 2Timóteo 1.7, Bíblia Jovem. [Voltar]
Nota 2 - 1.5. [Voltar]
Nota 3 - V. 1Samuel 19. [Voltar]
Nota 4 - Grifo nosso. [Voltar]
Nota 5 - V. Romanos 8.28. [Voltar]

Parte 3

INFLUÊNCIAS TÓXICAS

O envenenamento do humor

Purgando-nos das falsas promessas do materialismo

O sentimento de liberdade, de estradas abertas às possibilidades, [...]tem-se perdido para o materialismo e o marketing .

— Sheryl Crow

Um grande amigo e eu almoçamos juntos logo depois do Natal. Ele acabara de receber a fatura do cartão de crédito aquela manhã. Isso, sim, que é ressaca de feriadão — ele fora de Visa para um lugar em que não queria estar.

"Eu costumava poupar dinheiro ao longo do ano para o Natal, mais ou menos como aprendi com os meus pais a vida inteira. Mas de repente me vi com essa dívida enorme no começo de janeiro", reclamou ele. "Embora ainda tente poupar, agora estou sempre brincando de correr atrás do prejuízo. Parece que todo mês há um feriado, uma ocasião especial, ou algum evento me obrigando a comprar mais um presente."

O meu amigo descreveu mês a mês, em detalhes, onde ia parar seu dinheiro. A começar por janeiro, quando tivera de pagar as contas do Natal maravilhoso que sua família acabava de celebrar. Em fevereiro, era a vez da joia que sua mulher aprendera a esperar todo Dia dos Namorados,[Nota 1] bem como dos presentes para as filhas adolescentes e para o filho de 12 anos. Março e abril são os meses do recesso da primavera — a família sempre voa para a Flórida com o intuito de aproveitar o tempo na praia —, bem como da grande reunião familiar na Páscoa, que inclui um enorme almoço e cestos com ovos de Páscoa tanto para as crianças

quanto para os adultos.

O verão no hemisfério norte costumava permitir que ele recuperasse um pouco o fôlego financeiro, mas agora os acampamentos dos filhos, o feriado da Independência dos EUA em 4 de julho com a família toda na casa do lago e o cruzeiro de navio para o Caribe nas férias de agosto levavam embora cada centavo que sobrasse. Chega setembro e recomeça o período escolar, e todos sabemos o que isso significa: roupas e mochilas novas para as crianças e taxas de matrícula para o futebol e a equipe de torcida — sem falar nos novos equipamentos e uniformes. Depois do Dia das Bruxas (com suas balas, festas, decorações e fantasias), é um tombo só até o Dia de Ações de Graças, as compras dos presentes de Natal, tudo isso culminando com o grande dia em si, 25 de dezembro. Acrescente-se aí um punhado de aniversários, mais o de seu casamento, e o meu amigo tinha à espera despesas suficientes para cavar um belo rombo em seu orçamento.

Sabendo que sou bastante frugal e dotado de uma aversão inflexível a contrair dívidas, o meu amigo não se surpreendeu ao me ouvir dizer: “Sabe, você não é obrigado a viver dessa maneira”.

Ele olhou para mim de um jeito engraçado por alguns segundos e retrucou: “Mas, Craig, *todo mundo* vive desse jeito”.

Ri alto e, por sorte, ele também. “Não”, objetei. “Nem todo mundo vive desse jeito — isso é uma opção.”

O preço da admissão

Eu não estava julgando o meu amigo ou os milhões que, como ele, são arrastados para dentro do ciclo vertiginoso de trabalhar, consumir, pagar, trabalhar mais, consumir mais, pagar mais. Isso é uma doença bastante difundida e pérfida, ainda mais na cultura ocidental e particularmente nos Estados Unidos. E ela começa a se desenvolver nos sujeitos com pouca idade ainda. As crianças costumavam suplicar pela Barbie, pelo G.I. Joe, por luvas de beisebol ou bicicletas de dez marchas. Agora esperam ganhar iPods, celulares e roupas de

marca, como desejam os varejistas que atuam no mercado voltado para esses adultos em miniatura.

Conheço por experiência a pressão exercida pelos pares desde muito cedo para que acompanhemos a última moda, o lançamento da versão 2.0 de tudo e os símbolos de *status*. Como um produto da geração Polo e Izod, eu sabia que as crianças mais legais usavam camisas com um pequeno jacaré verde costurado no peito, a menos que estivessem usando aquelas com um sujeito pequenino a cavalo, balançando no ar um taco de polo. Na escola de ensino médio em que cursei, se você não usasse a marca certa, não podia andar com a turma certa, o que significava estar impedido de se sentar à mesa certa na hora do almoço e de convidar a menina certa para o baile dos namorados. As minhas chances de ser descolado na época giravam em torno da etiqueta da minha roupa e do emblema na minha camisa.

Embora os meus pais apoiassem os meus sonhos de ser descolado, recusavam-se a abrir mão de 50 dólares por uma camisa que, na fase de crescimento em que eu me encontrava, estaria perdida em seis meses. Em vez de me render a uma vida mais humilde, sem etiquetas de grife, resolvi fraudá-las. A minha mãe participou do conluio comigo na adulteração das minhas roupas, realizando uma pequena cirurgia em um par de meias Izod que ela comprara em uma venda de garagem. Com precisão milimétrica, ela transplantou o precioso réptil para uma camisa simples que tinha custado 10 dólares. O nosso plano quase funcionou até alguém notar que meu jacaré estava torto. Conquanto nunca mais eu tenha sentado outra vez à mesa de almoço dos descolados, sobrevivi.

A nossa cultura transpira materialismo tóxico. Um espírito mentiroso diz às massas que mais dinheiro e coisas mais caras são os dois ingressos de que necessitamos para entrar numa vida bem-sucedida. Se ostentarmos as etiquetas certas, os novos aparelhos eletrônicos, os melhores brinquedos tecnológicos, carros de luxo do último modelo, as melhores casas construídas sob encomenda, o plano de aposentadoria mais gordo, seremos felizes, seguros e importantes.

Como um fumante que desfruta de seu cigarro mesmo sabendo que cada baforada lhe arruína um pouco mais os pulmões, muita gente inala voluntariamente as mentiras tóxicas do materialismo à custa da saúde, da própria

alma e de sua efetividade por Cristo no mundo. Em vez de viver com substância e força, ingere as mentiras do materialismo e sofre de envenenamento do humor. Quando o nosso estado de ânimo e as nossas necessidades emocionais dependem de obtermos mais bens, mais dinheiro, mais brinquedos, estamos prontos para um choque tóxico ao descobrir as nossas mãos cheias e o nosso coração vazio. Jesus perguntou: “Pois, que adiantará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? [...]”.[Nota 2]

O fim da lua de mel

Salomão destilou a essência do problema em Provérbios 13.7 quando explicou que algumas pessoas gostam de se fingir ricas, mas, na realidade, nada têm. Elas podem ser donas de um iPhone, um iPad e um iPod, mas não conseguem alimentar o próprio iCorpo em um restaurante sem contrair dívida. Acreditam na mentira de que mais coisas equivalem a mais sentido na vida. E a nossa economia baseada no consumo, comandada pelo mercado varejista, fica mais do que feliz fornecendo mais coisas para enriquecer a sua vida a cada dia do ano. Mergulhamos na poça de veneno com uma mentalidade de “Brinque agora, pague depois”.

Isso é ainda mais verdadeiro no caso da geração mais jovem, que aprendeu maus hábitos com os pais. De acordo com um artigo recente, cerca de 60% dos trabalhadores com menos de 30 anos já dilapidaram a própria aposentadoria. Colossais 70% deles não contam com nenhum dinheiro guardado. Todavia, continuam gastando e pagando. A geração de 20 a 20 e poucos anos tem muitas características positivas, mas uma das negativas é o espírito de se achar dona de todos os direitos. Eu mereço. A vida é curta. E eu quero agora. Não é incomum que um casal jovem, com seus 20 e poucos anos, acredite merecer o mesmo estilo de vida dos pais, que trabalharam trinta anos para consegui-lo.

Como pastor especializado em ministrar a adultos solteiros durante vários anos, ajudei na formação de muitos casais. No treinamento pré-matrimonial, sempre trabalhamos um pouco com finanças. Sem exceção, sempre perguntei

sobre os planos para a lua de mel. Quando perguntava para onde iam, podia apostar, com pouca chance de perder, que diriam Havaí, Cancun, Jamaica e Bahamas, as ilhas Fiji ou algum outro destino exótico, tropical e muito caro. Quando então questionava como pagariam por essa viagem de sonhos, em geral os dois se remexiam de um lado para o outro, evitando contato visual. Então um deles explicava, meio encabulado, que pagariam com os cartões de crédito e saldariam tudo depois.

Esse sempre me pareceu um modo triste e cruel de começar um casamento. “Ei, querida, vamos contrair uma dívida gigantesca que levaremos anos para quitar de modo que possamos aproveitar uma única semana de êxtase tropical!”. Talvez você pense que estou querendo matar o seu romantismo, mas é justamente o contrário. Estou convencido de que, quando estamos apaixonados, podemos desfrutar do cônjuge em qualquer lugar. Não é o destino que faz a viagem, mas a pessoa com quem estamos. No fundo do coração, o amor genuíno, transformador de vida, torna extraordinário qualquer lugar comum.

Para mim, é muito mais romântico fazer uma viagem que se pode pagar e depois voltar para casa e começar uma vida juntos livre de dívidas. Quando Amy e eu nos casamos, tínhamos 1.100 dólares poupados em conjunto. Sabíamos que as nossas condições financeiras não nos permitiam uma viagem de avião para parte alguma — menos ainda se quiséssemos comer ao chegar lá. Então optamos por dirigir o meu velho Honda Accord durante sete horas até San Antonio, Texas. Hospedamo-nos em um belo hotel no parque River Walk por uma noite e então nos transferimos para um lugar menos caro, a poucos quilômetros de distância, para passar o resto da semana. Compramos um talão de cupons que nos deu acesso a refeições pela metade do preço. Caminhamos junto ao rio, conversamos até tarde da noite e ainda jogamos baralho — para não dizer que aproveitamos para nos conhecer no sentido bíblico! Foi a melhor diversão da nossa vida em férias muito baratas e pouco sofisticadas.

Quando o dinheiro acabou, o que aconteceu antes que a semana terminasse, demos início à nossa viagem de sete horas de carro de volta para casa. Na metade do caminho, Amy teve a ideia de usarmos o *trailer* vazio de seu avô, junto a uma lagoa. Assim, desfrutamos dois dias juntos no *trailer* junto à lagoa,

comendo sanduíches de manteiga de amendoim com geleia e aproveitando o tempo longe de casa. Assim começamos o nosso casamento sem dívidas.

Febre da jóia luxuosa

Sem se dar conta, muita gente hoje faz um péssimo negócio. “Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém.”[Nota 3] Este versículo traduz uma das permutas mais tóxicas da História. As pessoas rejeitam a verdade de Deus, com seu poder de liberar e satisfazer a nossa alma e, em seu lugar, abraçam a busca por bens materiais.

Por que os cristãos (e os não cristãos) haveriam de fazer uma permuta tão ruim? Abrir mão de bênçãos eternas por prazeres temporários e passageiros? Tomar decisões de curto prazo com consequências de longo prazo? Viver para o instante presente e esquecer-se do futuro? A razão são as falsas promessas — do dinheiro, do materialismo e do *marketing*. Pense a respeito. Dinheiro e bens fazem três grandes promessas que são incapazes de cumprir: felicidade, importância e segurança.

Tratemos da falsa promessa de felicidade. Essa mentira é estranha, mas as pessoas acreditam nela aos milhões. O engraçado nessa mentira é que você pode perguntar a qualquer um: “O dinheiro traz felicidade?”. A maioria das pessoas que conheço diria sem hesitação: “Não, o dinheiro não traz felicidade”. Mas se então lhes pergunto: “Você acredita que um pouco mais de dinheiro melhoraria a sua vida?”, a resposta instintiva seria: “Sim, claro”.

Você consegue perceber a hipocrisia?

Se olharmos para como as pessoas se comportam mais do que para o que dizem acreditar, os atos indicarão que elas estão convencidas de que dinheiro e bens as fariam mais felizes. Maridos se matam para ganhar mais dinheiro ou adquirir mais coisas. Esposas contraem dívidas acreditando que a bolsa perfeita, a cor de cabelo perfeita ou a pulseira perfeita tornarão sua vida melhor. O rapaz que acaba de sair da faculdade contrai uma dívida enorme comprando um carro

novo, convencido de que poderá atrair uma esposa. O mesmo vale para o rendimento anual de seis dígitos, a cozinha com balcões de granito, o *closet* em cujo interior é possível entrar para se trocar, a garagem com mais uma vaga para guardar o barco, a mais recente obra da tecnologia ou o par perfeito de botas combinando com os novos *jeans* que você precisa comprar para usar com a echarpe que ainda não comprou, mas comprará agora que tem as botas. Dinheiro e bens mentem para nós. Se tiver o suficiente, você será feliz.

Dinheiro e bens continuam a nos enganar, prometendo que, se tivermos o suficiente, seremos importantes. Você pode não concordar a princípio, mas, quando pensar melhor a respeito, ouvirá ecos dessa voz mentirosa. Possuir dinheiro e coisas boas torna você importante. Do contrário, você é menor do que aqueles que têm.

Você não acredita em mim? Imagine-se indo encontrar os seus amigos em uma lata-velha de doze anos de uso, caindo aos pedaços. Consegue sentir o seu constrangimento quando o motor do calhambeque explodir, depois morrer, e você abrir a porta amassada e enferrujada para ver o que é? Agora imagine a sensação de dirigir um esportivo conversível novinho em folha, com capota abaixada e música soando alto do estéreo de última geração. Cabeças giram quando você passa, não porque o carro quase foi pelos ares, mas porque você parece ser o máximo. É inquestionável: em ambas as situações, você é a mesma pessoa. Mas como se sente acerca de si mesmo provavelmente seria pior na lata-velha e melhor no esportivo reluzente. Por quê? Porque você fumou o cigarro da nossa cultura e inalou a mentira.

Você talvez se sentisse melhor usando a calça *jeans* certa, ou contando a outra mãe que os seus filhos estudam naquela escola particular exclusiva, ou explicando que você vive no bairro com a entrada protegida por uma guarita. E, se estiver usando *jeans* sem marca, ou inventando desculpas para explicar por que os seus filhos não vão à escola exclusiva, ou evitando pronunciar o nome do seu bairro sem guarita, seria por que acreditou na mentira? Os seus bens e o seu dinheiro não tornam você menos ou mais importante, porém você acredita que sim.

Há mais uma coisa que o dinheiro e os bens aprontam com você. Eles fazem a

promessa indevida de segurança. Se você é como a maioria das pessoas, tende a pensar: *Se ao menos eu tivesse bastante dinheiro, então me sentiria seguro*. O problema dessa declaração é que ela nunca corresponde à verdade. Quando conseguimos um pouco além, a sensação é de que precisamos de mais. Se perguntarmos a alguém: "De quanto você precisa para se sentir seguro e despreocupado?", a resposta mais comum nunca muda: "Só preciso de um pouco mais".

Isso tem sido um problema para mim a vida inteira. Sempre receei que não fôssemos ter o bastante. Em vez de querer o mais novo e melhor, sempre desejei mais conforto financeiro. Pode ser necessário para os dias de inverno. Depois de me aconselhar quanto aos meus temores financeiros irracionais, enfim admiti a verdade. Eu confiava mais no dinheiro que em Deus no que dizia respeito à provisão das minhas necessidades.

Três por um

Embora muita gente que compra a mentira financeira tóxica pareça ser feliz, importante e segura, há outro lado da mentira — a verdade. Jesus disse: "E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará".[Nota 4]

Por que você acha que o nosso inimigo espiritual usa o dinheiro para nos enganar? Satanás tenta empregá-lo como substituto para Deus. Lembre-se das palavras de Jesus: "Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro".[Nota 5] Note que Jesus não disse que você não pode servir a Deus e ao poder. Ou a Deus e ao sexo. Ou a Deus e a si próprio. Jesus fez questão de chamar a atenção para o dinheiro.Não se pode servir a Deus e ao dinheiro.

Por que você acha que Jesus se concentrou na questão financeira? Porque o dinheiro é um falso deus atraente, de incrível poder. O nosso inimigo espiritual se servirá de qualquer coisa para desviar a nossa adoração de Deus. Satanás vibra quando você ama e adora o dinheiro. A armadilha tóxica nos seduz para

adorar e servir coisas criadas (aquilo que o dinheiro compra) em vez do Criador, que deveria ser louvado eternamente. Quando você chega à raiz do problema, descobre o que o dinheiro faz: promete o que só Deus pode prover.

Embora o dinheiro prometa felicidade, as verdadeiras felicidade, paz e alegria só podem ser encontradas em Deus por intermédio de Cristo. O mesmo vale para a importância. O dinheiro promete importância, mas nunca entrega. Só Deus o faz. De novo, o dinheiro afirma que, se você tiver o suficiente, sentir-se-á seguro. Mas basta alguém a quem você ama se envolver em um acidente ou contrair uma enfermidade grave para você constatar que todo o dinheiro do mundo não pode comprar a libertação desses problemas. Só Deus pode dar-nos real segurança. Lutamos contra um problema espiritual, não financeiro.

Avancemos, ainda que com dificuldade, através do lixo tóxico e desenterremos a verdade. Por que você acha que confiamos no dinheiro para trazer a felicidade? O motivo é simples: por não sabermos o que temos em Cristo. Confiamos que o dinheiro nos faz importantes por não sabermos quem somos em Cristo. E acreditamos que ele nos fará seguros porque confiamos no dinheiro mais do que em Cristo.

Sinta a dor da armadilha tóxica do materialismo. Em essência, por nossa maneira de viver, dizemos que o mundo nos oferece coisa melhor do que Cristo é capaz de nos dar. A nossa dívida financeira é prova das nossas crenças distorcidas. Se você é cristão, talvez se defenda: “Isso não é verdade!”. Segue-se uma relação de desculpas. “Os meus pais não me ensinaram nada sobre dinheiro. O meu emprego não paga o suficiente. A economia está ruim. O meu cônjuge gasta demais. Não posso evitar que os meus filhos necessitem de aparelhos para os dentes. Ou que o nosso carro quebre. Além do mais, não sou tão mau quanto a maioria das pessoas.Não posso fazer nada se gosto de coisas boas.”

Com poucas exceções, se você deve, é alta a probabilidade de que tenha engolido a pílula venenosa, acreditando que possuir mais o tornaria feliz, importante ou seguro. Admita. Não dê desculpas. Se você não acreditasse nessas mentiras, por que compraria coisas de que não precisa com um dinheiro que não possui? Os nossos atos revelam em que de fato acreditamos: amamos, adoramos e servimos os bens mais do que amamos, adoramos e servimos a Deus.

A casa dá as cartas

O que fazer então quando reconhecemos que fomos ludibriados? Como nos recuperamos de anos vivendo sob uma mentira? A resposta simples é que precisamos começar a viver dentro das nossas posses. Precisamos quitar as dívidas e viver como bons administradores. Mas disso você já sabia, não?

Em vez de tentar convencer você da importância de fazer um orçamento, poupar e planejar (coisas importantes e necessárias), apresentarei algo com frequência negligenciado que deveria anteceder qualquer tentativa de mudar o nosso comportamento. Lembre-se de que o nosso primeiro problema é de fé. A fé transborda para o comportamento. Primeiro precisamos mudar aquilo em que cremos. Quando mudarmos de verdade aquilo em que cremos, mudaremos com alegria o nosso comportamento.

Vou dar um exemplo. Amy e eu sempre gostamos de manter a casa bonita, ainda mais se for para receber visitas. Anos atrás, se você ligasse e me dissesse que viria visitar-nos em uma hora, a rotina que implementaríamos seria mais ou menos assim: eu correria para contar a Amy que você estava vindo. Ela me perguntaria quando. Eu responderia que dentro de uma hora. Ela entraria em pânico. E nos 59,5 minutos seguintes, correríamos por todo lado, enfiando coisas dentro de qualquer armário e explicando para as crianças que "sob nenhuma circunstância vocês devem abrir *esse* armário!". Então acenderíamos algumas velas para dar à casa um perfume de boas-vindas. A minha parte incluía providenciar uma fita com música de adoração para dar um clima espiritual ao ambiente. (Se você não sabe o que é uma fita, pergunte a alguém com mais de 40 anos.) Depois de tomarmos banho, aguardaríamos a chegada das visitas durante o meio minuto restante, prontos para encenarmos o espetáculo "A nossa casa e a nossa família são perfeitos".

Por que você acha que agíamos assim? Porque a nossa identidade estava envolta em algo que não era Cristo. Seria possível dizer que adorávamos a nossa imagem, ou a sua opinião sobre ela. Os nossos atos revelavam em que acreditávamos. Não sabíamos quem éramos ou o que possuíamos. Acreditávamos em uma mentira tóxica. Veja bem, não há nada errado em manter

a casa arrumada, mas, quando mudamos as nossas crenças, encontramos uma maneira melhor de nos comportar.

À medida que Amy amadurecia em Cristo, suas prioridades sofreram uma transformação visível. Ainda me lembro do dia em que ela chegou para mim para expor uma nova ideia. “Em vez de darmos tanta ênfase à nossa casa, que tal se optássemos por valorizar os relacionamentos, mais que a nossa imagem?”, ela perguntou, revelando uma paixão bem ponderada. “Eu gostaria que a nossa casa fosse *a* casa!”, confessou com uma força espiritual que rivalizava com a de um sermão de Billy Graham. De imediato entendi do que ela estava falando.

Amy não queria a casa que todo mundo quer, nem a casa que ganhou o prêmio de jardim do mês. Ela queria outra coisa, que eu ainda não conhecia por experiência. Todo bairro tem *a* casa em que toda criança deseja ir para se divertir. É *a* casa na qual todo mundo passa a maior parte do tempo, cria a maior parte das lembranças e mal consegue esperar para tornar a visitar. *A* casa, nunca perfeita, mas sempre cheia — de comida, de amor, de gente.

Amy me explicou em detalhes que poderíamos continuar trabalhando duro para ter a casa “perfeita” (algo inatingível, de qualquer forma), ou relaxar os nossos padrões e investir mais energia nas pessoas que amamos. De modo que resolvemos não nos matar mais para impressionar as visitas. Em vez disso, nós as serviríamos com amor. Teríamos a casa que transmitiria a sensação de lar.

Agora, se algum dia você vier à nossa casa, provavelmente será obrigado a pular uma ou duas bicicletas, um *skate*, a calçada suja de giz desbotado e um *frisbee* na entrada da garagem. Terá de se desviar de vários brinquedos no *hall*, e com certeza as almofadas do sofá não estarão em ordem. Talvez veja um jogo de tabuleiro com uma partida abandonada pela metade em cima da mesa de jantar, e quatro bichos de pelúcia sentados em cadeiras como se tomassem um chá. Mas prometo que, embora a casa não seja perfeita, você se sentirá bem-vindo e amado.

A partir do momento em que nos tornamos mais seguros com quem somos em Cristo, não precisamos impressionar as pessoas com a nossa imagem. Pudemos passar a servi-las com o nosso amor. Quando mudamos aquilo em que acreditávamos (valorizando pessoas mais que coisas), a nossa nova fé mudou a

maneira de nos comportarmos. E com a nossa nova fé encontramos um modo melhor de viver. Não precisamos viver com a náusea constante do materialismo; podemos descansar e ter tudo de verdade com a Água Viva e o Pão da Vida.

Margem de lucro

Quando você supera as mentiras tóxicas materialistas, descobre um jeito melhor de viver. A verdade é que a felicidade, a importância e a segurança só são encontradas em Cristo. Paulo revelou isso de maneira poderosa da prisão domiciliar em que passou o resto da vida. “Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo.”[Nota 6]

Na língua original, o termo traduzido por “esterco” é uma palavra forte. Pode ser traduzido por “lixo” ou “estrume”, ou até um vocábulo mais forte que você talvez não esperasse encontrar nas Escrituras. Ou seja, Paulo disse que todas as coisas que ele imaginava importantes na verdade não servem para nada, são inúteis, caca fedida de cachorro (a minha tradução para crianças). Ele sabia que dinheiro e bens jamais poderiam satisfazê-lo. Eram nada comparados com a alegria de conhecer Cristo.

Quando você se aproxima de Cristo, as tentações tóxicas das posses mundanas perdem a força sobre a sua vida. A partir de então, você se importa menos com este mundo e mais com o mundo vindouro. A cultura enganosa ensina que, se você tiver mais, ficará satisfeito. Charles Spurgeon expressou isso muito bem. “Você diz: ‘Se eu tivesse um pouco mais, ficaria muito satisfeito’. Engano seu. Se você não está contente com o que tem, não se dará por satisfeito se fosse dobrado”. Ter mais deste mundo nunca satisfaz. Só mais de Cristo consegue isso.

Para a cura definitiva das toxinas materialistas, encorajo você a dizer a verdade a si mesmo várias e várias vezes.

Dinheiro e bens jamais me satisfarão.

Dinheiro e bens *jamais* me satisfarão.

Dinheiro e bens JAMAIS me satisfarão.

Repita isso mais e mais vezes, até acreditar. Quando acreditar, você começará a pôr em prática. Seu comportamento mudará.

Jesus disse: "[...] A vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens".[Nota 7] Você não é o que você tem. Você não é o lugar onde mora. Você não é o que usa. Você não é o que dirige.

Se você não é nada disso, então quem é?

Você é quem Deus diz que você é. Filho dele. Herdeiro em união com Cristo.

E, por pertencer a Deus, saiba que "seu divino poder nos deu tudo de que necessitamos para a vida e para a piedade [...]".[Nota 8] Você tem tudo aquilo de que necessita para fazer tudo aquilo que Deus quer que faça. Você é completo nele.

Quando você acredita de fato nisso, começa a viver a melhor vida. Provérbios 15.16 assegura: "É melhor ter pouco com o temor do SENHOR do que grande riqueza com inquietação". É melhor ter alguma coisa com Deus do que ter muita coisa com tensão, luta e medo. Pouco com Deus é melhor.

Provérbios 15.17 atesta: "É melhor ter verduras na refeição onde há amor do que um boi gordo acompanhado de ódio". É melhor comer uma salada com quem você ama do que um bife depois do divórcio. De novo, com Deus, a vida é melhor.

Salomão declarou ser melhor "[...] não ser ninguém e, ainda assim, ter quem o sirva, do que fingir ser alguém e não ter comida". É melhor não fingir, mas viver dentro das suas posses e não se preocupar com dinheiro e coisas. Há um modo melhor de viver.

Nunca encontraremos felicidade duradoura, importância e segurança nas coisas temporárias deste mundo porque não fomos feitos para uma vida temporária. Por isso devemos diminuir as nossas expectativas na terra. A terra não é o céu. Nunca se pretendeu que fosse. Não há carro novo, casa nova, mobília nova na sala, utensílios novos de cozinha, roupas novas, cabelo novo, bebê novo, férias novas, emprego novo, lucro novo, marido novo ou qualquer

coisa nova capaz de nos satisfazer, porque não fomos feitos para as coisas deste mundo.

Alguém disse que não é errado possuir coisas. Errado é quando as coisas possuem você. Se você lutar contra a corrente do materialismo, conseguirá nadar para águas melhores. Pare de acreditar na mentira. Mais dinheiro e mais bens não tornarão em nada a sua vida mais significativa. Mas o Filho de Deus, o Cristo ressurreto, sim.

Notas do Capítulo

Nota 1 - Nos Estados Unidos e em diversos outros países, o Dia dos Namorados é comemorado em 14 de fevereiro, dia de São Valentim. [N. do T.] [Voltar]
Nota 2 - Mateus 16.26. [Voltar]
Nota 3 - Romanos 1.25. [Voltar]
Nota 4 - João 8.32. [Voltar]
Nota 5 - Mateus 6.24. [Voltar]
Nota 6 - Filipenses 3.7,8. [Voltar]
Nota 7 - Lucas 12.15. [Voltar]
Nota 8 - 2Pedro 1.3. [Voltar]

A guerra dos germes

Purificando a vida das toxinas culturais

Pela primeira vez, o estranho, o estúpido e o vulgar estão tornando-se a nossa norma cultural, o nosso ideal cultural até.

— Carl Bernstein

Já compartilhei com você como ir ao cinema pode ser um exercício espiritual de autocontrole e perdão quando encontro lá muita gente decidida a me encher os ouvidos falando sem parar e arruinando a minha diversão. Você também deve recordar como aprendi da maneira mais difícil, alguns anos atrás, a ser mais perspicaz na escolha dos filmes aos quais pretendo assistir. Assim, agora que escolho melhor o que vejo, tendo a confiar nas recomendações de amigos, de outros integrantes da equipe da igreja, bem como em fontes da internet e aplicativos que avaliam filmes e seu conteúdo.

Há pouco tempo, quando pedi a um amigo que indicasse um bom filme para alugar, ele foi entusiástico: "Você já assistiu a *Se beber, não case*? Deve ser o filme mais engraçado que já vi!". Empolgado com o potencial para achar excelente essa comédia, perguntei a umas duas pessoas da minha equipe sobre o filme. Elas também tinham visto e disseram que era um grande sucesso, obrigatório de ser assistido.

Como eu não tinha certeza quanto à classificação atribuída a *Se beber, não case*, o meu último ponto de controle foi uma breve pesquisa a fim de descobrir se era um filme para toda a família ou se eu devia vê-lo só em companhia de Amy. O que encontrei me desconcertou. De acordo com o *site* <www.screenit.com>, a essa comédia não faltam cenas nada familiares, linguagem vulgar e cenas de sexo. As partes verbais consideradas turbulentas

incluem 91 variações da famosa bomba F (ao que tudo indica, ela pode funcionar como substantivo, verbo ou adjetivo — talvez até como conjunção, pelo que sei), 41 palavras relacionadas a evacuação, 14 referências ao traseiro das pessoas, 13 “infernos” e 9 gírias para a anatomia masculina. Como cereja do bolo, esse filme hilário tem 31 versões diferentes para o ato de se tomar o nome de Deus em vão.

Bombardeio

Quando contei aos meus amigos e membros da equipe que o filme tinha 91 bombas F, e que isso dava na média uma por minuto de filme, todos ficaram chocados. “É mesmo? Nem percebi”, foi a reação mais comum.

Sério? Vocês nem notaram um F por minuto?

Talvez você tenha visto o filme também sem perceber que a linguagem ou as cenas de sexo fossem dignas de consideração. Talvez você esteja revirando os olhos (no sentido metafórico, pelo menos) e pensando: *Você não está indo um pouco longe demais? Quem se senta para ver um filme e fica contando os palavrões? Ora vamos, Craig, pegue leve! Ninguém leva uma comédia a sério*.

Por favor, entenda que já assisti a uma boa cota de filmes no estilo de *Se beber, não case*. Criança na década de 1980, cresci sob uma dieta de filmes como *Picardias estudantis*, *Negócio arriscado* e *Porky’s*. Não que eu sinta grande orgulho dessa educação cultural (é bem provável que deixasse essa lista fora do meu currículo se algum dia me candidatasse a uma vaga de pastor), mas não sou nenhum abstêmio separatista do tipo que só vê *Os Vegetais*.

Você pode ser como muita gente que diz “Blasfêmia, violência e sexo em filme não me incomodam de verdade. E, se não incomodam, não devem ser tão importantes assim”. Eu costumava pensar desse jeito também. No entanto, se você é cristão, não concordaria comigo em que deve haver um limite em algum lugar? Um modo de discernir o que agrada a Deus e nos aproxima dele, em vez de nos afastar? Podemos mesmo confiar na nossa sensibilidade para saber o que de fato é melhor para nós? Você pode realmente se submeter a uma chuva

violenta de bombas F em um filme e não se machucar?

E se, por exemplo, eu soltasse 91 bombas F no meu sermão deste domingo? Você acha que ninguém da minha igreja se importaria? É grande a probabilidade de que provocasse certa controvérsia, para dizer o mínimo. Bem, se você concorda que lançar 91 palavras F é demais para um sermão de domingo, o que me diz de 50? Ou 23?

Qual o número mágico? A maioria das pessoas da minha igreja consideraria demais uma única bomba F. O que elas não diriam então de se tomar o nome de Deus em vão? No entanto, a maioria pagou um bom dinheiro para se divertir com uma forma de mídia que contém esse tipo de linguagem, ou muito pior, nos últimos trinta dias.

Portanto, encaremos o problema. Se não é bom proferir determinadas palavras, ou fazer certas brincadeiras ou alusões na igreja, por que seria certo para os cristãos gastar seu dinheiro suado em um entretenimento contendo coisas semelhantes?

O contexto faz diferença, concordo. Você frequenta a igreja (espero eu) para adorar a Deus, para ouvir sua Palavra ser pregada e para ter comunhão com os outros, não para se divertir. O inverso também é verdadeiro: você vai ao cinema ou assiste a filmes pelo Netflix para fugir e se entreter, não para encontrar Deus e ser alimentado no espírito.

Só há um problema com essa linha de raciocínio. A nossa vida não é compartimentada com tanta nitidez só porque estamos em um ambiente diferente, com um propósito diferente. Não somos máquinas rodando *softwares* capazes de separar e arquivar coisas independentemente de todas as outras partes do sistema. É tentador pensar que o que vemos na TV e nos filmes, ouvimos no iPod, disputamos nos *video games* e lemos antes de dormir não nos afeta.

Afeta sim. Cada imagem e cada mensagem ingerida podem ser germes que nos deixarão gravemente enfermos, ainda mais quando combinados aos vários outros germes sensoriais que absorvemos. Se de fato almejamos a limpeza da nossa casa espiritual, não deve haver exceções. Precisamos levar muito a sério as imagens, a linguagem e histórias que deixamos entrar na nossa mente e no nosso coração. Temos de desinfetar o nosso coração com o poder eliminador de

germes da verdade.

O limiar da dor

Filmes, mídia e cultura não são maus em si mesmos. Mas o consumo indiscriminado do material espiritualmente tóxico da nossa cultura pode matar você. As pessoas da nossa cultura não têm os mesmos padrões, as mesmas prioridades ou as mesmas responsabilidades que temos como cristãos. Se agradar a Deus não é o foco delas, por que haveriam de se preocupar com o que põem em um filme, canção, programa de TV, artigo de revista ou livro?

Não estou dizendo que a verdade de Deus é encontrada apenas naquilo que quem se autodenomina cristão produz na nossa cultura. Ele usa tudo e o que bem entender para atrair as pessoas para um relacionamento. Mas, em termos gerais, a maioria dos elementos culturais pode ser visto como um conjunto único.

Poucos desses elementos poderiam ser úteis em termos espirituais, ou edificar a sua fé e o levar mais para perto de Deus e da missão que ele tem para você na terra. Alguns podem ser neutros e ir do levemente divertido à mais absoluta perda de tempo, enquanto outros destilam veneno no interior da sua alma. Pode ser a música que você aprecia no iPod ou os *sites* que visita na internet. Alguns são inofensivos; outros, mortais.

No entanto, raras vezes reconhecemos o impacto negativo da dieta cultural que consumimos dia após dia. Como alguém que está de regime se porta diante de um saco de batatas fritas, começamos com uma ou duas, até de repente sentir sede, com saco vazio nas mãos. Ninguém acorda pela manhã e diz: “Acho que vou desperdiçar o dia inteiro jogando *video games* violentos, vendo filmes pornográficos e ouvindo músicas cheias de blasfêmias”. A astúcia da nossa sociedade saturada de mídia está na influência difusa que ela exerce. Nós a absorvemos o tempo todo, e pouco a pouco nos dessensibilizamos para materiais nocivos e chocantes, um *pixel* por vez.

Por exemplo, a primeira vez que assisti a uma luta de Ultimate Fighting, confesso que desviei o rosto várias vezes. Dois sujeitos se chutavam,

esmurravam-se e lutavam entre si dentro de uma gaiola trancada, até um deles se aproximar mais da morte que o outro. O sangue escorria do olho de um deles, imobilizado no chão. O agressor percebeu a oportunidade e mandou cotovelada após cotovelada em seu rosto, fazendo quicar a cabeça do pobre sujeito do chão como um jogador de basquetebol driblando com a bola pela quadra.

De repente, o lutador que estava por baixo, como por milagre, girou os quadris e passou a perna em torno do braço de seu atacante, prendendo-o em um torno humano. Mal pude acreditar no que os meus olhos e ouvidos registravam enquanto assistia ao quase moribundo arrebentar o braço do oponente em dois pedaços. Não só foi possível ouvir o *pop!*, como o osso quebrado da vítima irrompeu de dentro da pele. "Uhhgghh!", exclamei e olhei para o outro lado, sentindo-me prestes a sufocar com a bile que subia pela minha garganta.

No entanto, por grosseiro e errado que aquilo me parecesse, senti um estranho fascínio pelo programa. Da próxima vez que assisti a luta semelhante, ainda me encolhi diante dos golpes violentos, mas, de certa forma, não me pareceu tão ruim. Claro, a luta foi brutal e ainda envolveu muito sangue. Só que a minha perspectiva mudou. "Isso não é tão ruim." Cada vez que eu assistia àquilo, a brutalidade impressionava menos.

Agora, anos e dezenas de lutas mais tarde, sou o primeiro a gritar "Quebre o braço dele!" quando vejo lutas em companhia dos meus dois filhos. (Sim, Amy e eu temos tido várias discussões sobre por que permito que eles assistam a esse tipo de programa e ela não.) O que aconteceu? O jeito de lutar não mudou. Foram os meus padrões que mudaram. O que antes me incomodava, me perturbava e me irritava, agora se converteu em entretenimento para mim.

Melhor não

Se desejamos purificar o nosso coração e a nossa vida, devemos começar reconhecendo as diversas toxinas e a porta de entrada de cada uma delas. Em se tratando de algo que consumimos, um mínimo de veneno percorre longo caminho. O apóstolo Paulo explicou essa verdade em carta a seus amigos de

Corinto. A igreja da cidade estava cheia de cristãos bem-intencionados que tinham sido vítimas de incontáveis tentações culturais. Paulo lhes pergunta com rispidez: “[...] Vocês não sabem que um pouco de fermento faz toda a massa ficar fermentada? Livrem-se do fermento velho, para que sejam massa nova e sem fermento, como realmente são [...]”.[Nota 1]

Na Bíblia, o fermento costuma representar o pecado, de modo que, é evidente, Paulo não está preocupado em dourar pílula nenhuma. (Eu me pergunto se ele não seria fã de Ultimate Fighting? Está bem, talvez não.) Para simplificar, Paulo quer saber: “Vocês não veem que sua condição de pecadores está tomando conta de tudo? Um mínimo de pecado — ou veneno — percorre longo caminho com o intuito de destruir uma vida. Livre-se do pecado para que você possa viver sem ele, como Deus quer”.

Esta é a melhor ilustração que conheço dessa verdade atemporal. Uma mãe amorosa demonstrou o princípio para seu filho, Cade. Quando os amigos o convidaram para assistir a um filme que acabava de ser lançado em DVD e fora classificado como PG-13 (recomendado para ser acompanhado pelos pais no caso de menores de 13 anos), Cade suplicou à mãe que o deixasse ver. Sua mãe lhe fez as perguntas costumeiras: “Meu querido, o filme é bom? Não causará danos à sua caminhada cristã?”.

Sabendo que ele continha cenas pouco apropriadas, Cade se remexeu em busca das palavras certas. Não queria mentir para a mãe, de modo que tentou estender o limite da verdade. “Bem, não é tão ruim quanto muito filme por aí”, explicou entusiasmado. “E todos os meus amigos já viram. Só tem um pouco de coisa ruim nele”. Prendeu a respiração, esperando o veredito final da mãe.

A mãe sorriu e disse: “Bem, claro, querido. Desde que só tenha ‘um pouco de coisa ruim nele’”. Cade ficou espantado! Antes que ela mudasse de idéia, o grato adolescente disparou para o quarto, de onde mandou mensagens de texto para os amigos contando as boas-novas. Em seguida esqueceu-se da vida, envolvido em seu jogo favorito no iPad.

Ora, se você é pai ou mãe, já imaginou que a mãe de Cade tinha uma carta escondida na manga. Ela foi para a cozinha e começou a preparar seu plano. Pegou a mistura de *brownie* favorita do filho da despensa, acrescentou a água, os

ovos e o óleo necessários, mexendo tudo em uma grande tigela branca. Enquanto o forno preaquecia, a mãe ardilosa foi até o quintal buscar o ingrediente secreto. Procurando atenta entre as folhas de grama, recolheu algo que o cachorro deles, Ginger, deixara por ali recentemente.

De volta à cozinha, acrescentou uma colher de chá do ingrediente secreto de Ginger, despejou a massa espessa de chocolate dentro de uma panela antiaderente e programou o *timer* do forno para 20 minutos. No momento exato em que tirava os *brownies* do forno, Cade desceu saltitante a escada, como se os dois tivessem combinado o momento exato de sua entrada.

"Estou sentindo cheiro dos meus *brownies* prediletos?", perguntou o garoto, entusiasmado.

"Pode apostar que sim!", a mãe respondeu sorridente. Depois de deixá-los esfriar alguns instantes, ela cortou os *brownies* quentes e deixou cair um pedaço grande no prato dele. No instante exato em que o garfo dele bateu no prato, a mãe o deteve e mencionou, como quem não quer nada: "Só para que você saiba, adicionei um ingrediente especial desta vez". Sem sorrir, após uma breve pausa, emendou: "Coloquei uma colher de chá do cocô de Ginger nos seus *brownies*".

"O quê?!", Cade gritou, instantaneamente enojado. "Mãe, você enlouqueceu? Por que você fez uma coisa dessa?", protestou, até sem ar, ao mesmo tempo que afastava o prato.

Sua mãe foi até a geladeira e serviu ao filho o copo de leite de costume. "Não se preocupe, meu querido. Não pus muito cocô nos *brownies*. Só tem um pouco de coisa ruim aí dentro".

Cade revirou os olhos, mas ela defendera sua posição ao estilo caseiro. Enfim ele entendeu que não veria o filme.

A moral da história? Um pouco de cocô percorre um longo caminho.

Pergunte a si mesmo: Há um pouco de cocô na mídia que você costuma apreciar? Os seus amigos o levam a lugares ou situações que não prestam? E quanto aos programas de televisão a que você assiste com regularidade? Pense nos programas que você viu na última semana. Escolha um qualquer. Que tal *The Bachelor*? Além de toda a pele à mostra e dos adeptos do sexo por uma noite, que mensagens sutis (ou nem tão sutis) o programa transmite? As

respostas: 1) todo mundo é louco por sexo, 2) é mais fácil encontrar o amor se você estiver em helicópteros que sobrevoam quedas-d'água, e 3) se você não consegue decidir com quem casar, passe a noite fazendo sexo com todas as pretendentes até decidir não casar com nenhuma delas. Está bem, desculpe-me — reconheço que não sou fã do programa, embora mereça algum crédito por ter suportado um episódio inteiro.

E quanto aos romances das listas de livros mais vendidos? Qual a mensagem deles? O sujeito sem camisa, de corpo definido, limpa a piscina e de repente a toma nos braços para que vocês façam amor à beira da piscina pelo resto da vida. Você não lê romances? O que dizer então da revista masculina *Maxim*? Que mensagem ela transmite? Que você precisa ter seis gomos de músculos no abdome para que possa fazer sexo com pelo menos três garotas por semana. O que você consome pode ter só um pouco de veneno. Mas, como você sabe, um mínimo de veneno percorre um longo caminho.

Mamãe tinha razão

Temos de admitir que os nossos pais devem ter combinado as coisas em algum momento. De que outra forma todos eles aprenderiam o clássico "Se todo mundo pular de um precipício, você também pula? Só porque todo mundo está fazendo algo, não quer dizer que seja certo". Hoje tenho arrepios quando me surpreende dizendo frases idênticas para um dos nossos filhos. Reconheço: mamãe tinha razão.

Gosto do jeito como Eugene Peterson interpreta Romanos 12.2 em *A Mensagem*:

> Não se ajustem demais à sua cultura, a ponto de não poderem pensar mais. Em vez disso, concentrem a atenção em Deus. Vocês serão mudados de dentro para fora. Descubram o que ele quer de vocês e tratem de atendê-lo. Diferentemente da cultura dominante, que sempre os arrasta para baixo, ao nível da imaturidade, Deus extrai o melhor de vocês e desenvolve em vocês uma verdadeira maturidade.

É muito fácil você se transformar em um camaleão cultural e se enturmar, conformar-se e se igualar à cultura ao redor. À medida que os padrões culturais minarem o seu discernimento, as suas prioridades espirituais desaparecerão. Se você não deseja desaparecer dentro da cultura do mundo, precisa estar disposto a se destacar.

Você pode deixar a cultura o arrastar para baixo ou pedir a Deus que o puxe para cima. Não se deixe iludir pelo que é popular e considerado aceitável pela maioria. Lembre-se do que Jesus disse em Mateus 7.13,14: "[...] Pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram". A multidão segue o caminho amplo. Poucos enveredam pelo caminho certo. Qual deles você está percorrendo?

Temos de reconhecer que a maioria não está sempre certa. Só porque todas as outras pessoas fazem determinada coisa, isso não significa que seja certo imitá-las. Mesmo que todo mundo acredite que é aceitável ler tal livro, navegar em tal *site* ou ouvir tal música, você demonstrará sabedoria se parar e perguntar a Deus se esse é mesmo o melhor para a sua vida.

Como crentes em Cristo, somos chamados a levar uma vida santa. Somos orientados a ser santos porque Deus é santo.[Nota 2] A palavra grega traduzida por "santo" é *hagios*, que quer dizer "ser separado" ou "ser diferente". O termo incorpora a noção de contraste inerente e pode ser traduzido por "ser igual ao Senhor e diferente do mundo". Se não formos diferentes em nada, talvez isso se explique porque não conhecemos Cristo, ou porque não pomos em prática o compromisso assumido de conhecê-lo.

Avaliação de quem comprou

Um sábio me contou: "Só pelo fato de você *poder* fazer algo, isso não significa que *deva* fazê-lo". A verdade é que temos tremenda liberdade em Cristo. Se queremos apenas tentar "seguir as regras" para nos sentir bem imaginando-nos grandes cristãos, isso significa que não entendemos nada, sem falar que estamos

perdendo grande parte da alegria na vida. Precisamos aprender a discernir, equilibrando a liberdade que temos em Cristo com os padrões claros que Deus nos dá para sermos separados em um mundo pecaminoso.

Por exemplo, você pode infringir a lei, dirigir a 30 quilômetros por hora acima do limite de velocidade e ainda ir para o céu quando morrer? Claro que pode. Deve agir assim? Não, mas pode. Ou você pode comer toneladas de porcarias, nunca se exercitar, ser preguiçoso, obeso e fora de forma, e ainda amar Jesus? A resposta é sim, você pode. Deve? De novo, não seria sábio da sua parte. Que tal mais uma? Você pode contrair dívidas enormes comprando toneladas de coisas sem ter condições financeiras para isso, enfiar-se em águas financeiramente profundas e ainda ser um seguidor de Jesus? É evidente que pode. Mas deve? Não. Só porque você pode, isso não significa que deva.

Em outras palavras, mesmo tendo liberdade para fazer algo que não vai matar você, isso não significa que seja sábio fazê-lo. Paulo, falando de novo aos cristãos coríntios, declarou: "'Tudo me é permitido', mas nem tudo me convém. 'Tudo me é permitido', mas eu não deixarei que nada me domine".[Nota 3]

Apliquemos esse princípio à mídia que consumimos. Posso ler um artigo da revista *Cosmo* chamado "43 maneiras de enlouquecer seu homem na cama"? Sim. Devo? Seja você o juiz. E quanto a correr os olhos pelas páginas da *GQ*? Devo gastar o meu tempo obcecado com a última moda masculina, os olhos fixos nos anúncios de mulheres em sua maioria nuas? Seja sincero. É assim que Deus quer que invista a vida que ele concedeu a você? Você pode assistir a *Desperate Housewives* e se divertir com quem está dormindo com quem em Wisteria Lane esta semana? Lógico. Deve?

Há quem discorde de mim, mas me recuso a assumir uma posição legalista e a traçar um limite rígido baseado em padrões alheios. Por exemplo, em se tratando de filmes, já ouvi líderes cristãos respeitados decretando: "Ver um filme cuja classificação indicativa inclui sexo explícito e violência é *sempre* errado". E já presenciei outras pessoas afirmando que o cristão nunca deve ouvir música secular. Esse é um limite estúpido e legalista. Embora eu compreenda a intenção dessas pessoas, também acredito que um cristão adulto em fase de amadurecimento deve ter sabedoria suficiente para decidir que filme (ou

qualquer outra influência cultural) lhe pode ser útil ou prejudicial.

É crucial que compreendamos ter sido chamados ao discernimento, não à doutrinação. *A paixão de Cristo* mereceu uma classificação indicativa de violência brutal; no entanto, a maioria dos cristãos concorda que o filme tem tremendo valor espiritual. Ao mesmo tempo, no entanto, é preciso haver um limite em algum lugar. Quando você orar, creio que Deus mostrará onde está esse limite.

Então você poderia perguntar: "Como sei quais influências são boas e quais são ruins?". Fico contente que você tenha perguntado. Às vezes pode ser bastante óbvio. Se alguém o chamar para ver um filme chamado *As virgens suicidas* ou *A vingança do inferno*, o título já deveria servir como advertência. Quando um amigo de escola o convidar para tomar alguns tragos de vodca antes de ir para um *show* do Lord of Death, você talvez queira pensar duas vezes antes de aceitar. Se a sua prioridade é uma vida pura, então é melhor faltar a essa festa.

Contudo, você será confrontado com diversas situações nem de perto tão evidentes. Já ouvi muita gente dizer: "Deixe sua consciência o guiar". Se você não se sentir mal, por que não desfrutar de seja lá o que for? Parece lógico e com frequência é mesmo —, mas nem sempre. Esse é o problema. A Bíblia diz que a sua consciência pode ser cauterizada.[Nota 4] Imagine um belo bife suculento na grelha. Se assar tempo demais, ele ficará duro e seco como uma sola de sapato, por mais macio que estivesse antes. Depois de comportamentos ou influências errados em quantidade suficiente, a consciência deixa de ser um guia acurado.

Tenho ouvido a defesa de algumas pessoas quanto ao que veem, leem ou gostam, dizendo "[Preencha este espaço vazio] não me incomoda nem um pouco". Talvez a violência não as incomode. Ou a ação de praguejar não as incomode. Ou um humor malicioso não as incomode. Mas isso não significa que não deveria incomodar.

Outros têm dito: "Se algo o faz feliz, então não deve ser tão ruim". O problema? Quando a felicidade se torna o padrão de julgamento da verdade, aquilo que nos faz felizes nos dá permissão para fazer coisas que de outra forma seriam consideradas erradas. Por exemplo, quando um casal cristão se une em matrimônio, normalmente os dois fazem o voto a Deus de permanecerem

casados “na alegria e na tristeza”. No entanto, muitas vezes acontece de um dos cônjuges não estar satisfeito e abandonar o casamento para sair em busca da felicidade. Por quê? Talvez por ter visto isso em *Desperate Housewives*, ou lido a esse respeito na *Cosmopolitan*, ou por ter três outros amigos que fizeram a mesma coisa. A felicidade não torna correta essas coisas.

Se nem sempre está claro o que é bom e o que não é, como agir? Sugiro que você peque pelo excesso de zelo. Se eu oferecesse a você um pouco da água de um poço e informasse que existe 80% de probabilidade de que ela não esteja envenenada, é provável que você saísse à procura de garrafa de água mineral. Mantenha-se onde for mais seguro. É melhor assim do que se arrepender depois. (Sinto muito, acabo de falar como sua mãe outra vez.)

Existem dois versículos curtos na Bíblia que apresentam a melhor orientação. Somos aconselhados por 1Tessalonicenses: “[...] Ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom. Afastem-se de toda forma de mal”.[Nota 5] Submeta tudo à prova. Se você achar um conteúdo, um material ou uma letra de música que sejam adequados, apegue-se a eles. Se ajudarem de verdade, desfrute deles. Mas, se houver nem que seja só um pouquinho de cocô, algo tóxico e nocivo para sua alma, evite. Fuja disso. Desligue. Deixe de lado. Afaste-se. Vá embora. Mude de canal. “Corra, Forrest, corra!” Não se exponha a nada que o distraia do melhor de Deus.

Enquanto você procura discernir as coisas, veja três perguntas para fazer a si mesmo:

1. *Estou sendo entretido pelo pecado?* Esse artigo, livro, *show*, *website* ou filme é pecaminoso? Só por algo ser divertido, não significa que seja bom para você. Nada passa a ser certo por ser engraçado. Só porque ajuda você a relaxar não quer dizer que seja a maneira correta de relaxar. Imagine se eu contasse uma piada racista muito engraçada. A minha piada seria apropriada só porque você achou graça? Ser engraçado não transforma em certo o errado.
2. *Isso é agradável a Deus?* Para o caso de você se esquecer de quem é Deus, trata-se do onisciente, onipresente, todo-poderoso criador e sustentador do Universo. Santo a ponto de não poder contemplar o mal.[Nota 6] A nossa vida

deveria resultar em honra para Deus. Se algo não honrar a Deus, não o consuma.

3. *Isso me seduz para longe de Cristo?* O que eu consumo me leva para mais perto ou para mais longe de Cristo? Se a resposta for a segunda opção, então não quero ter nada que ver com o objeto do meu consumo.

Equilíbrio do branco

Se você não vê nada errado em todas as influências culturais que invadem a nossa vida todos os dias, é provável que esteja interpretando o certo e o errado através de lentes distorcidas. A nossa igreja grava vídeos toda semana para usar em diferentes áreas do ministério. Toda vez que um dos membros da equipe de vídeo me grava, seguramos um pedaço branco de papel na frente da câmara antes de começar. Essa tomada leva o nome de equilíbrio do branco.

Fazemos isso sempre porque a câmara não consegue interpretar direito as cores até "ver" o branco puro. Sem o equilíbrio do branco, uma camisa azul poderia parecer verde, ou a bandeira vermelha poderia parecer laranja. Depois que a câmara enxerga o branco puro, sabe discernir todas as outras cores. Depois que você enxerga o branco puro — ou a verdade —, consegue ver com clareza que grande parte do que absorvemos é nociva e desagradável para Deus.

Talvez este capítulo cause um duro impacto em você agora. Se você levar esta mensagem a sério, deve estar repensando alguns dos seus hábitos de consumo. Pode ser que algo mais ou menos assim passe por sua cabeça neste momento: *Ah, que ótimo! Então agora não posso assistir ao meu programa favorito. Ou ler o meu livro favorito. Ou navegar nos meus* sites *favoritos. O que farei com o meu tempo livre?* Não posso ser a sua consciência. Mas permita-me fazer algumas sugestões saudáveis sobre como passar o tempo até então dedicado a uma dieta insalubre. Que tal passar algum tempo com os seus filhos? Sirva na sua igreja. Ofereça-se como voluntário na sua comunidade. Atue como mentor de alguém. Visite um hospital ou clínica de repouso. Lidere um pequeno grupo. Abra-se para a Palavra de Deus. Substitua germes culturais repulsivos por

hábitos de doação de vida, capazes de restaurar almas.

Pense como a sua vida será diferente quando você parar de consumir coisas que contêm só um pouquinho de cocô. Em vez disso, permita que a Palavra de Deus e a orientação do Espírito Santo recomponham o seu equilíbrio de branco, reajustando o padrão de certo e errado e possibilitando que você glorifique e honre a Deus.

Nota 1 - 1Coríntios, 5.6,7. [Voltar]
Nota 2 - V. 1Pedro 1.16. [Voltar]
Nota 3 - 1Coríntios 6.12. [Voltar]
Nota 4 - V. 1Timóteo 4.2. [Voltar]
Nota 5 - Cf. 5.21,22. [Voltar]
Nota 6 - V. Habacuque 1.13. [Voltar]

Relacionamentos radioativos

Amando pessoas doentias sem adoecer

Associe-se a homens de boa qualidade se você preza a própria reputação, pois é melhor estar sozinho do que em má companhia.

— George Washington

Pense nos seus parentes por um instante. Quem é a figura difícil da família? Talvez seja a sua sogra. Ela às vezes parece normal, mas então tem umas fases malucas que fazem você querer usar uma camisa de força e ser levado para uma sala acolchoada. Talvez ela fale sem parar das coisas lindas que o seu cônjuge fazia quando criança, mesmo estando muito claro que ele odeia ser lembrado disso tudo. Ou pode ser que ela ignore a data de aniversário de um dos netos e demonstre carinho excessivo por outro. Ou use cores berrantes, masque chiclete e jogue bingo o tempo todo. Talvez roube o saleiro e o pimenteiro toda vez que vocês vão a um restaurante, ou encomende roupas combinando para todos os membros da sua família.

Ou o problema pode ser o seu primo. Você sabe, aquele que mais parece um rebento da família Monstro com a família Adams, o cruzamento dos primos Eddie e Coisa. Ele deixa as pessoas constrangidas com seu simples comparecimento, ostenta um sorriso arrepiante sem motivo algum, vive ansioso por conversar sobre seu programa favorito (em geral, alguma coisa tipo *Doctor Who* ou *Ghost Hunters*). Ou talvez seja a maluca da sua tia que mora em outro Estado, ama gatos e todo Natal dá a você (não aos seus filhos) sapatinhos de bebê de crochê feitos por ela, embora tenha fechado a fábrica há anos.

Sim, toda família tem um membro maluco e difícil de lidar que transforma a vida em um desafio para todos ao redor. Ele pode mostrar-se sempre bravo ou

tolo, viver na defensiva ou distante, ser mesquinho ou iludido, penetrante ou taciturno, rabugento ou piegas, amargo ou instável, crítico ou condescendente — ou todas as anteriores! Essa pessoa faz o comportamento passivo-agressivo parecer uma nova forma de artes marciais e poderia usar o velho anel do humor como semáforo, tal a frequência com que o faz mudar de cor.

Toda família tem pelo menos um integrante fora do comum, um desafio a ser encarado. Caso você se sinta tentado a me dizer que a sua não tem, então odeio ser eu a revelá-lo, mas talvez eu esteja falando de *você*!

Perseguição tóxica

Conquanto eu esteja exagerando um pouco, você há de admitir que as pessoas à nossa volta podem representar ou uma grande bênção ou uma dificuldade extrema. Os familiares, amigos e colegas de trabalho podem ser revigorantes, amorosos e inspiradores ou nos exaurir de tão odiosos e depressivos. Considere o círculo de pessoas da sua vida. Alguém costuma incentivar, levantar e conduzir você mais para perto de Cristo? Em caso positivo, dê graças a Deus e aproveite cada oportunidade para desfrutar da companhia dessa pessoa. Seria sábio da sua parte gastar tempo com quem o faz ser uma pessoa melhor.

Por outro lado, é possível que você passe muito tempo em contato com gente que o leva na direção oposta. Em vez de fazer você se sentir melhor, essas pessoas sempre o examinam de alto a baixo, encontrando defeito em tudo o que se relaciona a você. Em vez de o levantar, elas o puxam para baixo, certificando-se de que você se sinta mal consigo e com a vida em geral. São negativas, críticas, depreciadoras. Talvez manipulem os seus sentimentos ou tentem você com coisas que ferem a sua alma. Podem gostar de encher a sua mente de dúvidas e meias verdades sobre você mesmo, os outros e até Deus. Algumas são úteis. Outras podem ser a pior influência tóxica que você encontrará na vida.

Quem está mais próximo de você será o seu maior ativo ou a sua pior maldição espiritual. Aqueles com quem você passa a maior parte do tempo o podem impulsionar mais para perto de Deus, levando-o a servi-lo e agradá-lo em

tudo. Ou perseguidores tóxicos (soa como um tipo de biscoito de bandeirante estragado) podem corromper as suas intenções e roubar as bênçãos que Deus deseja derramar sobre a sua vida. Depois de ter nadado na presença venenosa dessa gente, eles o abandonam em um atoleiro de água de esgoto, abrigando uma alma corroída.

Sangue ruim

Talvez você acredite que não importa com quem você passa o seu tempo. O que interessa é você, certo? Os outros não fazem de você quem você é. Embora seja verdade que ninguém o pode controlar, também é verdade que os outros o podem influenciar (e o fazem). É tentador pensar que você tem a possibilidade de ajudar, ou mesmo resgatar, quem brinca na sarjeta do próprio estilo de vida tóxico. Em alguns casos, você será capaz de ajudar e incentivar esses indivíduos. Mas, se a maioria dos seus relacionamentos próximos é com pessoas que levam uma vida que desagrada a Deus, é mais provável que elas o puxem para baixo, em vez de você levá-las para cima.

A Bíblia é clara e direta: "Não se deixem enganar: 'As más companhias corrompem os bons costumes'".[Nota 1] Imagino que Paulo começou com esse "Não se deixem enganar" porque, em se tratando de andar com o tipo errado de pessoas, muitos de nós podem deixar-se enganar, depois tolerar, depois corromper-se por quem nos cerca. Parece não ser necessária grande inteligência para concluir isso — pessoas tóxicas nos fazem adoecer também —, mas, em meio aos relacionamentos da vida real, pode ser difícil enxergar isso. E, mesmo quando temos consciência de um relacionamento desajustado, pode ser difícil fazer algo a respeito.

Esta noite mesmo voltávamos da igreja para casa quando o meu filho mais novo, Stephen (a quem apelidamos carinhosa-mente de Bookie), chamou a irmãzinha de "cabeça-dura desajeitada". Quando lhe perguntei onde ele ouvira essa expressão, ele me contou que um menino em sua classe lhe ensinara esses nomes. Então Bookie me contou vários outros nomes que o menino lhe mostrara,

advertindo-o de que nunca deveria repeti-los. O meu filho livrou o menino do mau hábito de dizer nomes feios? Nem passou perto disso. No entanto, mais que depressa Bookie desceu para o nível do menino e se associou ao jogo de xingar os outros. Por quê? As más companhias corrompem o bom caráter.

No começo deste ano, passei algum tempo aconselhando um casal cuja vida tinha sido devastada por um relacionamento extraconjugal. O marido — a quem chamarei de Sean — era conhecido na comunidade como um cristão sério, mas cometera alguns erros perversos e se envolvera em um relacionamento sexual com uma mulher mais jovem do escritório. Quando lhe perguntei o que acontecera, Sean relatou uma longa história de como começara a sair com os colegas para beber depois do trabalho. No início, imaginou que poderia testemunhar para quem não conhecia Cristo. Enquanto todos bebiam cerveja e vinho, ele saboreava um copo de água gelada (com uma rodela de limão só para aumentar a emoção). É provável que os colegas caçoassem dele chamando-o de "fanático por Jesus" ou "menino do coro da igreja", criticando os conhecidos que afirmam ser cristãos.

Em pouco tempo, no entanto, Sean se viu resvalando para o mesmo comportamento dos demais, em vez de puxá-los para imitar o seu. Começou a rir das piadas impróprias deles e a gostar das insinuações sexuais que faziam. Vez ou outra, criticava uma igreja da cidade e outros cristãos. Queria pertencer ao grupo, e não ser visto como diferente ou esquisito. O que antes o incomodava passou a interessá-lo.

Depois dos convites constantes, ele acabou juntando-se aos amigos no consumo de "bebidas adultas". Em vez de água, passou a beber cerveja Corona (sempre com limão — só para aumentar a emoção). E, embora amasse a esposa, uma das mulheres mais novas do grupo adorava flertar com ele, ainda mais depois de tomarem alguns copos de cerveja. Uma coisa levou à outra, e de repente esse homem e a esposa dilacerada estavam sentados à minha frente, tentando recolher os cacos pontiagudos de um casamento estilhaçado. As más companhias corrompem.

Paulo advertiu Timóteo, seu filho espiritual na fé de, que, ao lidar com gente tóxica, evitasse "os falatórios contrários aos ensinamentos cristãos, pois eles

fazem com que as pessoas se afastem de Deus. As coisas que os falsos mestres ensinam se espalham como a gangrena [...]".[Nota 2] Não sei se você já viu gangrena, mas é uma enfermidade terrível. A agonia desse mal que vai comendo a carne aos poucos começa como uma infecção pequena, simples. Mas então o sangue para de fluir para a parte infectada e o corpo apodrece. A enfermidade vai corroendo sem dó a carne, que se estraga um pouco mais a cada dia.

Uma imagem nada bonita, mas bastante acurada do que a nossa alma sofrerá, se não formos cuidadosos acerca dos nossos relacionamentos. A Bíblia diz para nos mantermos longe das discussões impiedosas, ou também decairemos e apodreceremos moralmente, tornando-nos mais e mais ímpios. As más companhias são tóxicas para a sua alma. Os relacionamentos errados corrompem, poluem, infectam, apodrecem e destroem o bom caráter.

Trindade tóxica

Baseado nas minhas experiências e observações, vejo três tipos comuns de pessoas tóxicas. É possível encontrá-las em quase qualquer família, escritório, igreja ou bairro. O primeiro tipo é o daquelas que chamo de *críticas crônicas*. São as pessoas capazes de encontrar defeito em tudo — tudo *mesmo*. Faz calor ou frio demais, chove ou está seco demais; o fato é que o tempo está sempre ruim. O carro começou a apresentar um barulho esquisito; de qualquer forma, está velho demais, precisando de pneus e bancos novos.

Elas pegam no seu pé feito sarna, e nada do que você faz está certo. Esse corte de cabelo que você arranjou está cheio de pontas, e é provável que você tenha pagado caro por ele. O culto na igreja está muito entediante. Ou talvez esteja "divertido" em excesso, o mesmo valendo para a quantidade de *rock 'n' roll* na adoração. O prato servido nunca é o que pediram e, ainda por cima, veio frio. Seu namorado é um fracasso e nunca casará com você. O filme é chato e bobo, com maus atores e enredo previsível. E por aí vai, dia após dia, ano após ano.

A pessoa cronicamente negativa cansa, arrastando você para baixo dia após dia. A censura que emite nunca tem um lado construtivo. O espírito demasiado

crítico entope o seu coração. A fofoca contagia a opinião que você tem dos outros. Há quem tenha o dom espiritual do encorajamento; essa gente tem o dom profano da reclamação.

Depois que Deus libertou os israelitas da escravidão, eles entraram para a categoria dos cronicamente negativos. Deus realizou milagre após milagre e os abençoou além da medida, mas nada era bom o suficiente para eles. Pelo menos 14 vezes em Êxodo e Números, os israelitas se lamentam: "Queria que nunca tivéssemos deixado o Egito. Estou cheio dessa comida. Nunca chegaremos à terra prometida. Por que estamos aqui neste deserto? Isso está demorando demais. Teria sido melhor se tivéssemos morrido e pronto". Blá-blá-blá. Com o tempo, o cronicamente negativo consegue puxar para baixo até a alma mais positiva.

O segundo tipo de pessoa tóxica é a *controladora*. Os controladores são arrogantes, impondo seu jeito e suas opiniões sobre você, indiferentes à sua vontade. No início parece pouco, até insignificante — jantar no restaurante favorito deles, ou ver o filme que eles escolheram. Em pouco tempo estarão escolhendo também a sua faculdade, a sua namorada e a sua futura profissão. Se você é casado com um controlador, talvez às vezes sinta que está perdendo a sua identidade pessoal. Mal consegue tomar as mais simples decisões por si mesmo, sempre cedendo para evitar briga. O seu cônjuge sabe manipular, brandindo medo e culpa feito armas que ameaçam a sua alma.

Uma jovem me confessou que amava adorar a Deus na igreja, mas temia que o pai a descobrisse ali. Embora tivesse 32 anos, fosse casada e mãe de três filhos, seu pai, que vivia em outro Estado, a proibira de ir a qualquer igreja que não pertencesse à denominação escolhida por ele. A vida inteira o pai lutara para controlar sua vida. Os controladores podem ter boas intenções, mas seus dardos são venenosos.

Por fim, o terceiro tipo de pessoa tóxica é a *tentadora*. Esse tipo encoraja você a fazer coisas que sabe que não deveria e talvez nem queira fazer em circunstâncias normais. Poderia ser o seu namorado incitando-a a fazer coisas na cama, mesmo você tendo deixado claro que prefere aguardar até o casamento. Ou poderia ser um amigo que fuma dois maços de cigarro por dia e tenta seduzir

você a retornar ao velho estilo de vida destrutivo que com tanta luta e valentia você deixou para trás. Poderia ser a amiga rica que vive para o consumo. Embora você saiba que há mais na vida do que bens materiais, toda vez que fica perto dessa amiga você suspira pelo que ela tem. Ou talvez sejam os seus antigos colegas do colegial com quem você se reconectou pelo Facebook. Não são más pessoas, mas o convidam a se juntar a eles em festas, e você sabe aonde leva essa rua de mão única.

Um dos meus amigos mais chegados é bombeiro. Esse servo cristão ama a esposa e luta por honrá-la com sua pureza sexual de todas as maneiras. No entanto, todos os dias que vai trabalhar, vê-se rodeado de tentadores. Seus colegas de corporação não são assassinos do machado nem molestadores de crianças, mas sujeitos comuns que gostam de falar sobre o que todo sujeito comum gosta — sexo. Sem princípios cristãos para lhes diminuir o apetite sexual, esses homens se cercam de pornografia, pornografia e mais pornografia. O meu amigo passa vinte e quatro horas por plantão com tentadores tóxicos a lhe testarem o apego à verdade.

Bom cercado

Se você começou a tomar ciência de um relacionamento tóxico com potencial para envenenar a sua vida, não entre em pânico. A boa notícia é que a Palavra de Deus está cheia de exemplos revigorantes e de instruções sobre como reconduzir amigos e família à saúde por meio do amor. Primeiro, aprendemos a estabelecer limites saudáveis. Como o fazendeiro que protege sua propriedade e seus animais de criação com um cercado, também devemos implementar medidas defensivas para nos guardar das más influências. O que faz um cercado instalado da maneira correta? Mantém do lado de fora o que é mau e do lado de dentro o que é bom. As fronteiras nos ajudam a desfrutar das pessoas boas sem termos de respirar o mesmo ar dos sujeitos maus.

Se isso parece desnecessário a você, note que até Jesus estabelecia limites com regularidade. O Salvador amava igualmente a todos, mas não os tratava da

mesma forma. Há uma grande diferença aí. Por exemplo, Jesus recrutou 12 discípulos, não 1.200 nem 12 mil. Embora amasse o mundo inteiro com o mesmo amor incondicional, não selecionou todas as pessoas do mundo inteiro para fazerem parte de seu círculo íntimo.

Também podemos perceber que, quando Jesus entrava em uma aldeia, multidões se reuniam à espera de milagres. Ele com frequência curava um punhado de gente, mas nem sempre tratava as necessidades de todo mundo. Para algumas pessoas, ele explicitou com clareza quais eram as fronteiras, em especial para os fariseus. Quase toda vez que você vê os fariseus hipócritas interagindo com Jesus, o Filho de Deus assume o controle e os coloca em seu devido lugar — em algumas situações, quase com brutalidade. Quanto maior a força com que os zelotes legalistas tentavam impingir sua posição a Jesus, com mais força ele os fazia recuar, aumentando e fortalecendo os limites construídos entre eles. Jesus deixou alguns de fora do cercado, estabelecendo fronteiras por propósitos mais elevados.

Até os mais próximos de Jesus davam de cara com uma parede no meio do caminho de vez em quando. Amigo e discípulo, ao tentar convencê-lo a desistir de entregar a própria vida, Pedro viu Jesus se voltar em sua direção e esbravejar: "[...] Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens".[Nota 3] Ninguém seria capaz de demover Jesus dos planos de Deus, nem mesmo seus seguidores.

Que fique bem claro: não o aconselho a dizer à sua avó: "A senhora para mim é uma gangrena. Para trás de mim, Satanás". Mas você precisa estar disposto a estabelecer limites que permitam que seja mais forte e ministrar melhor às pessoas. Aqui vão duas coisas que você pode aprender a dizer para ajudar a estabelecer limites mais saudáveis.

Primeiro, você pode dizer às pessoas: "Não permitirei que você fale comigo ou me trate desse jeito". Não é preciso sair correndo por aí para salvar a própria pele, chamando todo mundo de louco, nem andar carregando um cartaz com os dizeres "Mantenha distância!". Em vez disso, basta conversar com as pessoas. Quando alguém quiser infectar você com fofocas destrutivas, explique apenas: "Não vou tomar parte disso". (Lembre-se: quem fofoca para você, fofocará

sobre você.) Erga um muro. Deixe clara a sua posição. Defenda o seu território.

Se todas as suas amigas só falam sobre os homens em tom depreciativo, alerte-as: “Tenho uma opinião mais elevada sobre os homens. Honrarei o meu marido. Você pode falar dessa maneira, mas não quando eu estiver por perto”. Trace uma linha divisória na areia e não permita que ninguém a cruze. Se o seu amigo vive apontando meninas sensuais para você, tentando-o convencer a se entregar à luxúria, seja objetivo: “Não gosto disso”. Não deixe que ninguém o puxe para baixo. Estabeleça padrões elevados. Exponha-os. Depois seja firme. Pode parecer difícil a princípio, mas, quanto maior a prática, mais confortável você se sentirá. Não permitirei que você fale comigo ou me trate desse jeito.

Segundo, você pode avisar as pessoas: “Não vou lá com vocês”. Se outros decidirem levar uma vida tóxica, você não é obrigado a acompanhá-los. Por exemplo, se você já teve problemas com o álcool e um amigo o convida para uma festa do chope que você sabe que será tentado a beber, recuse o convite com educação. Apenas diga não, sem se sentir pressionado a dar explicações. *Não* — essa palavra isolada é uma frase completa.

Se o rapaz com quem você está namorando a pressionar para fazer sexo, tome uma atitude e lhe diga: “Sem aliança, sem festança; tire a mão daí!”. Em seguida levante-se e comece a dançar e a cantar: “Se você quer e gosta, no meu dedo tem de colocar uma aliança!”. Sério agora, pode dispensar a cena do musical. Simples e claramente, diga ao rapaz que nada acontecerá antes do casamento. Seja gentil, mas firme. O seu corpo pertence a Deus, por quem você vive — e ponto final. Se você é casada e um amor antigo entra em contato pelo Facebook convidando-a para almoçar, erga o cercado e diga: “Não, obrigada. Não vou almoçar com você”. Não ceda. Não vale a pena.

Foi uma fronteira semelhante a essa que me levou a conhecer Amy. Depois de me tornar cristão na faculdade, parei com várias atividades pecaminosas normais pelas quais são conhecidos os rapazes normais das fraternidades universitárias. Quando uma garota não cristã fez um movimento para mim em clara tentação, precisei decidir entre render-me a atividades nada cristãs ou firmar posição e deixar o meu limite muito claro. Um pouco hesitante, expliquei para ela por que não participaria do esquema.

Ela riu e me chamou de estranho. Meses mais tarde, encontramo-nos, e ela me disse, toda entusiasmada, que eu precisava conhecer uma menina tão esquisita e fanática por Jesus quanto eu era. E foi assim que conheci Amy! Seis filhos e vinte e um anos mais tarde, ainda somos esquisitos e fanáticos por Jesus. É interessante saber que a ex-tentadora hoje é uma cristã fiel e atuante na igreja. Deus é bom. Também são bons os limites estabelecidos da maneira adequada.

O mal pela raiz

Não sou grande fã de gatos. Mas sou grande fã dos meus filhos, que amam gatos, de modo que temos duas dessas criaturas pouco úteis: Binky e Freddy. (Na verdade, gosto de gatos em segredo. Apenas não consigo comer um inteiro sozinho.) Embora os gatos não sejam os meus animais favoritos, fiquei chateado quando Binky foi atropelado por um carro. Agora só lhe restam seis vidas.

O veterinário nos disse que, dada a gravidade dos ferimentos, o nosso gato seria mais saudável se lhe amputássemos a perna. O membro sem vida, de repente cheio de infecções, na melhor das hipóteses atrapalharia a vida do felino. Na pior, faria espalhar as infecções, ameaçando as vidas restantes desse bichano da família. Agora, infelizmente, o nosso gato tem só três pernas. (Quis mudar o nome dele para Tripod, mas as crianças não deixaram.) O fato é que Binky está vivo. Você já percebeu onde estou querendo chegar com essa história: às vezes precisamos tomar medidas extremas para preservar a nossa saúde relacional.

Por mais difícil que pareça, continue acompanhando o meu raciocínio. Se você tentar estabelecer limites saudáveis para uma pessoa tóxica e ela continuar abusando, criticando, ameaçando ou prejudicando você, é hora de cortar o relacionamento infeccioso. A coisa certa a fazer é seccioná-lo para o seu próprio bem.

Para deixar claro como cristal: não estou falando em você se divorciar do seu cônjuge. Não nos divorciamos nem abandona-mos o nosso cônjuge só porque passamos por um período difícil. Se você está passando por dificuldades no casamento, não corra para o quarto aos gritos de “Você é tóxico, por isso vou te

deixar!”. Em vez disso, ligue para o seu pastor ou para um conselheiro cristão e trabalhe o seu casamento. Permita-me repetir: não me refiro ao divórcio aqui.

Tampouco estou aconselhando você a se livrar de um dos membros da sua família. Deve partir o coração de Deus a frequência com que pais ou mães renegam um filho, ou com que um irmão deixa de falar com outro. À exceção do abuso extremo, a maioria dos problemas tem solução. De vez em quando, contudo, se determinado relacionamento é tóxico a ponto de pôr em risco a saúde espiritual (ou a segurança física) do outro, é hora de amputar.

Encontramos diversos exemplos de relacionamentos rompidos na Bíblia. Quando Paulo e Barnabé tiveram um desentendimento sério, em vez de ficarem brigando pelo problema, partirem para os tribunais ou saírem fofocando pela cidade inteira, eles decidiram seguir cada qual seu caminho.[Nota 4] No Antigo Testamento, Deus recomendou ao povo que não se casasse com seguidores de falsos deuses (Deuteronômio 7), e o Novo Testamento diz aos que crêem para não se se colocarem sob o mesmo jugo nem se unirem aos descrentes.[Nota 5]

Devemos ser amigos de pessoas que não conhecem Cristo — até que elas comecem a minar a nossa fé e a nos prejudicar espiritualmente. Nesse caso, se não pudermos redefinir o relacionamento e ele se tornar cada vez mais perigoso, temos de extirpá-lo. Gênesis 39 nos mostra o grande exemplo de José, fiel e leal no serviço a seu senhor, Potifar. Ele fazia o que quer que a família precisasse, até a esposa de Potifar desrespeitar o limite e avançar para cima dele. A narrativa diz: “Ela o agarrou pelo manto e voltou a convidá-lo: ‘Vamos, deite-se comigo!’ Mas ele fugiu da casa, deixando o manto na mão dela”.[Nota 6] Esperemos que ele estivesse de ceroula naquele dia. Só um comentário.

Note que José não continuou por perto para compartilhar sua fé com a mulher sedutora. Não parou e ficou de mãos dadas com ela para orarem juntos. Em vez disso, deu no pé. Seccionou, cortou e pôs fim a todo e qualquer relacionamento que ali houvesse. Ela era gangrena, de modo que José se livrou desse relacionamento na mesma hora.

Se você é uma adolescente e alguém a está assediando sexualmente sem parar, tome uma atitude dramática. Se você já o advertiu repetidas vezes e lhe pediu para parar, mude a estratégia. Conte para um adulto. Não aceite esse tipo de

abuso desrespeitoso. Se você é sócio de alguém que insiste em fazer algo antiético, procure convencê-lo a sair do negócio. Se ele não se mexer e ameaçar causar danos à sua reputação, caia fora da sociedade. Compre a parte dele. Venda a sua parte. Termine o relacionamento.

Se você é casado e alguém no trabalho flerta com você o tempo todo, a ponto de começar a fazer você sentir tentação, não fique perto fingindo que as coisas vão melhorar. Se no fundo você sabe que está brincando com fogo, abandone o barco. Se a pessoa não parar, denuncie-a a um supervisor ou ao departamento de recursos humanos, ou peça transferência, mas não tolere isso. Corte fora o relacionamento, de modo que ninguém acabe adoecendo por isso.

Se você namora alguém inadequado e todo mundo sabe disso, rompa. Livre-se dele, ou dela. Largue-o. Devolva esse peixe ao rio. Faça-se um favor e deixe de ser acomodado. Por que insultar Deus contentando-se com alguém que não é digno de você? Depois de tentar, tentar e tentar, mas ainda assim falhar na empreitada de desintoxicar um amigo tóxico, chegou a hora de pular fora para poder ser curado.

Último recurso

Antes que você comece a expulsar as pessoas da sua vida, deixe-me reiterar um ponto importante. Cortar pessoas deveria ser uma medida rara, seu último recurso. A experiência me diz que, quanto mais jovem se é, mais comum é terminar relacionamentos. Por exemplo, adolescentes e adultos de 20 e poucos anos lutam o tempo todo para encontrar a própria identidade. Pessoas que ainda estão descobrindo quem são (ou quem não são) podem escolher relacionamentos equivocados ao longo do caminho e ter de encerrá-los.

Terminar relacionamentos também pode ser algo mais comum entre cristãos novos. Se você está abandonando um estilo de vida cheio de pecados e dando início à caminhada segundo os passos de Cristo, pode ajudar os velhos amigos em atitude de oração. Com frequência, no entanto, o seu antigo pessoal consegue fazer mal à sua nova vida mais do que você é capaz de auxiliá-los. Se for esse o

caso, talvez seja necessário redefinir alguns relacionamentos ou extirpá-los de uma vez. Na dúvida, o livro de Provérbios nos lembra de escolhermos a opção mais prudente: “O homem honesto é cauteloso em suas amizades, mas o caminho dos ímpios os leva a perder-se”.[Nota 7]

À medida que amadurecemos, seja em termos espirituais ou em idade, terminar relacionamentos deveria tornar-se cada vez mais incomum. Embora dezenas de pessoas tenham entrado e saído da nossa vida e tenhamos redefinido todos esses relacionamentos, há mais de vinte anos não precisamos cortar ninguém.

O mais importante é lembrar por quê. Jesus se apartou e manteve afastados os fariseus a fim de poder conhecer Deus e ministrar seu amor. Se você alguma vez precisar distanciar-se de alguém tóxico, a única razão será para se proteger, a fim de permanecer forte espiritualmente, conhecer Deus na intimidade e compartilhar seu amor. Você precisa ter um espírito saudável se quiser levar o amor curador de Deus a um mundo de pessoas enfermas.

Nota 1 - 1Coríntios 15.33. [Voltar]
Nota 2 - 2Timóteo 2.16,17, Nova Tradução na Linguagem de Hoje. [Voltar]
Nota 3 - Mateus 16.23. [Voltar]
Nota 4 - V. Atos 15. [Voltar]
Nota 5 - V. 2Coríntios 6.14. [Voltar]
Nota 6 - Gênesis 39.12. [Voltar]
Nota 7 - 12.26. [Voltar]

Quando a religião desanda

Jogando fora o legalismo embolorado, as igrejas mimadas e os cristãos azedos

A tendência de converter julgamentos humanos em ordens divinas torna a religião uma das forças mais perigosas do mundo.

— Georgia Harkness

Sempre que entabulo uma conversa gostosa com alguém que acabo de conhecer e esse alguém pergunta como ganho a vida, sinto-me tentado a mentir. Até hoje não fiz isso, mas sempre penso em contar que sou engenheiro aeroespacial (astronauta soa um pouco forçado) ou neurologista (especialista em cabeça parece comum), qualquer coisa, menos a verdade.

Quando revelo que sou pastor, o tom da conversa sempre muda. Se a pessoa é cristã, na mesma hora ela muda para o tom espiritualizado também-faço-parte-desse-clube: "Louvado seja o Senhor, pastor. Obrigada, Jesus!" Podemos estar falando sobre picapes, futebol americano ou gatos de três pernas, no momento em que um irmão descobre minha ocupação, no mesmo instante passa a falar em "cristianês".

No entanto, se a pessoa não é cristã, ao descobrir que sou pastor, seus escudos se armam mais rápido do que os da USS Enterprise fugindo dos *klingons*. Em um voo recente, sentei-me junto a um homem de negócios muito gentil chamado Steve. Ele não teve como fugir quando soube que sou pastor, mas era visível sua vontade de sair correndo — ainda bem que não estávamos sentados junto à saída de emergência!

"Bem, não sou religioso!", ele exclamou na defensiva. Balancei a cabeça em

sinal afirmativo e disse “Sem problema”, tentando retomar a discussão sobre os nossos aplicativos favoritos para celular. Contudo, a minha reação não deve ter sido convincente porque ele se repetiu e disparou uma advertência extra, para o caso de eu não ter compreendido a primeira: “Não sou religioso e não suporto gente religiosa”.

Com o escudo de Steve firme no lugar, solicitei com toda a educação que ele me contasse mais sobre o comércio varejista em que operava. Ignorando a minha pergunta, ele olhou fixo para mim: “Olhe, eu disse que não sou religioso e que não gosto de gente religiosa!”. Enfim concluí que ele devia carregar alguma ferida de experiências passadas com a religião e com pessoas religiosas.

“Entendo perfeitamente e respeito a sua opinião”, respondi, da maneira mais empática possível, enquanto fazia uma oração silenciosa de socorro, pedindo a sabedoria de Deus. “Fale-me mais sobre por que você entrou para o negócio em que atua hoje”, pedi, esperando neutralizar a tensão crescente.

“Já lhe disse”, ele gritou, tentando parecer que tinha tudo sob controle, mas evidentemente exasperado. “Não sou religioso e não suporto gente religiosa!”.

Olhei para ele por um instante em silêncio e então resolvi dizer a verdade a Steve: “Se é assim, temos muita coisa em comum. Porque eu não sou religioso e também não suporto gente religiosa!”.

Steve olhou fixo para mim, meio sem jeito, como a vaca que observa de longe hambúrgueres assando em uma grelha. “O que você quer dizer com isso?”, ele perguntou apressado. “Pensei que você fosse pastor!”

Da melhor maneira que pude, expliquei que Deus não enviou seu único Filho à terra para morrer em favor de uma nova religião. Declarei-me sincero ao afirmar que não gosto de pessoas envoltas em uma religião legalista, e que o próprio Jesus corrigiu esse tipo de gente muitas vezes em seu ministério terreno. Expliquei que Jesus veio para aqueles que estavam enfermos, não para quem se considerava bem e melhor que os outros.

Após uma longa conversa, Steve falou: “Gosto de você — da sua sinceridade. Você é o primeiro pastor não religioso que conheço”.

Talvez seja um dos melhores cumprimentos que já recebi.

Nojo religioso

Contrariando o que muitos acreditam, Jesus *não* veio à terra para nos converter em pessoas religiosas, mas para nos libertar. Ele disse que o nosso inimigo, o Diabo, vem para roubar e destruir, mas ele veio para trazer vida, e vida em abundância.[Nota 1] Não para os justos, mas para os pecadores.[Nota 2] No sentido mais puro, o cristianismo não pretende ser uma das maiores religiões do mundo, mas, sim, um relacionamento com o único Deus verdadeiro e vivo, mediante seu Filho, Jesus.

É triste constatar isso, mas a pureza do evangelho costuma ser maculada por gente venenosa. Quando as pessoas se recusam a viver pela fé, têm medo de confiar em Deus e no poder do seu amor, em geral recorrem a algum modelo ou fórmula. De fato, a religião se define como qualquer sistema, conjunto de regras, expectativas ou regulamentos que promete a aceitação de Deus em troca do esforço humano. Parece certo, mas não poderia ser mais errado e perigoso. Alguns estudiosos chegam a argumentar que a raiz da palavra "religião" quer dizer "retorno à escravidão". Em vez de avançar para a liberdade espiritual, as regras religiosas fabricadas pelo homem levam direto para a prisão espiritual, na qual as pessoas se submetem a uma morte solitária sem Deus.

É possível encontrar um exemplo veemente de religião tóxica no Novo Testamento. Em vários sentidos, o apóstolo Paulo foi um plantador de igrejas. Levava pessoas a Cristo em determinada região, elevava cristãos novos à condição de líderes, revestia-os de autoridade para cuidar de uma igreja e em seguida repetia o processo em outra cidade. A Galácia foi uma dessas comunidades em que Paulo ajudou a começar uma igreja. Depois que se transferiu para outra região, ficou chocado ao descobrir que um grupo chamado de judaizantes o seguira até a Galácia e começara a acrescentar regras próprias ao evangelho de Cristo. Em síntese, esses judaizantes afirmavam: "O que Paulo ensinou sobre Jesus foi um bom começo. Mas, para se acertar de verdade com Deus, você precisa de Jesus *e* da circuncisão". Em outras palavras, eles acreditavam que ainda era necessário obedecer a toda a Lei judaica.

Você bem pode imaginar a tensão que isso representou na vida de todo macho

adulto incircunciso. No meu papel como pastor, já é difícil convencer a maioria dos homens a se batizar, que dirá circuncidar-se. (Imagine a cena: ao término do culto, dirijo a palavra aos homens da igreja. “Se você gostaria de se acertar com Deus”, eu começaria e ergueria um bisturi afiado como uma navalha... Está bem, não preciso dizer mais nada.)

Lutando contra o falso ensino dos judaizantes, Paulo escreveu uma carta mordaz à igreja que amava: “Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão rapidamente aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem outro evangelho que, na realidade, não é o evangelho. O que ocorre é que algumas pessoas os estão perturbando, querendo *perverter o evangelho de Cristo*”.[Nota 3] A palavra grega traduzida por “perverter” é *metastrepho*. Significa “manchar, corromper, distorcer ou envenenar”. As regras adicionais dos judaizantes poluíam a pureza do evangelho com religião.

O que não usar

Sempre que topar com a religião tóxica, é provável que você logo identifique dois problemas venenosos. O primeiro é que a religião leva você a se concentrar no exterior, em vez de no interior. Com o intuito de agradar a Deus, exige um caminho orientado para o comportamento. Pessoas que a defendem, com frequência bem-intencionadas, concentram-se na expressão externa, em vez de se voltarem para a transformação interna. Religião é o esforço de tapar a lacuna entre humanos pecaminosos e um Deus santo. Infelizmente, ela reduz a beleza do evangelho a uma lista do que fazer e do que não fazer. As regras controlam a religião.

Poucos grupos praticaram a religião com o esmero dos fariseus da época de Jesus. Pare e pense no contraste: como cristãos, investidos de poder pelo Espírito de Deus, seguimos seus Dez Mandamentos. Na verdade, Jesus reduziu esses dez aos dois mais importantes: amar a Deus e amar ao próximo. Os fariseus, por outro lado, memorizavam e eram fiéis na execução de 613 mandamentos! É como memorizar as instruções de instalação e operação da sua nova TV 3D HD.

Por incrível que pareça, amantes de regras, os fariseus viviam quase em função exclusiva desses 613 mandamentos. Por fora, pareciam pessoas excelentes e muito dedicadas à Lei. Mas, por dentro, o coração deles estava cheio de orgulho, concentrado na própria superioridade e justiça, não em Deus, tampouco em demonstrar amor para com os outros.

Quando oravam, os fariseus queriam ser vistos e ouvidos pelas pessoas, enquanto proferiam longas e pomposas orações com o intuito de impressionar os espectadores. Quando davam dinheiro no templo, erguiam no ar a oferta para todo mundo ver, transformando sua generosidade em espetáculo e provando mais uma vez como eram virtuosos. Jesus os advertiu várias vezes com palavras chocantes de tão severas. Em Mateus 23.25, ele disse: "Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro eles estão cheios de ganância e cobiça".

Em outras palavras, vocês poliram o exterior da vasilha, mas por dentro pululam todo tipo de germe e vírus. Parecem bons por fora, mas por dentro — onde conta — têm a alma imunda.

Deus odeia o espetáculo exterior. Na verdade, em vários sentidos, a Life Church é o resultado das minhas frustrações com a religião. Anos atrás, com os meus 20 e poucos anos, passei por uma experiência que confirmou o meu desejo de viver a igreja de maneira diferente. Certa manhã de domingo, pregando como convidado em uma igreja irmã, postei-me junto à entrada e cumprimentei as pessoas à medida que elas chegavam ao santuário. Uma mulher, evidentemente visitando a igreja pela primeira vez, aproximou-se apreensiva. Enquanto todo mundo envergava o seu melhor terno e vestido e empunhava uma Bíblia pesada, o traje desalinhado daquela mulher parecia já ter passado da hora de lavar. Ela usava o cabelo puxado para trás e solto; alguns fios escondiam seus olhos enquanto ela observava nervosa os frequentadores regulares da igreja ao redor.

À medida que ela se aproximava, pensei: *Deus, o Senhor vai fazer alguma coisa especial na vida dela hoje*. Nesse momento, um homem de mais idade que estava ao meu lado deu um passo à frente e disse: "Senhora, colocamos a nossa melhor roupa para vir à igreja. Esse é o melhor traje que a senhora tem em casa?".

Ela estacou, aturdida. Então deu meia-volta, entrou no carro e foi embora. Ainda oro por ela até hoje. Deus não olha para o exterior.[Nota 4] Por que as pessoas religiosas se concentram no que os outros vestem e deixam de dar atenção ao fato de que eles também estão buscando Deus no coração?

Com essa experiência em mente, digo a todos na nossa igreja que não me interessa que tipo de roupa eles usam. Se você estiver vestindo as melhores ou as piores etiquetas, ou mesmo uma etiqueta torta (lembra-se do fiasco da minha Izod?), entre e adore. A nossa regra de conduta em relação às roupas é: vista-se. Cubra o essencial e venha para Cristo. Se você é rico, pobre, negro, branco, amarelo ou laranja, venha conhecer a verdade de Cristo. Se passou a vida inteira tentando ser bom ou se tem sido o pior ser humano que você conhece, venha para Cristo. Deus não olha para o exterior. Ele julga o coração. Venha para aquele que o ama do jeito que você é e está.

Eu já disse que não suporto gente religiosa?

Gás insalubre

Além de a religião concentrar o foco no exterior em vez de no interior, essa ênfase na aparência produz orgulho por dentro. Gente religiosa, que segue regras, geralmente acredita que seu comportamento e suas crenças estão certos, enquanto os de todas as outras pessoas estão errados. É como um pedaço de comida que estraga — além de nojento e de não prestar para mais nada, emite um cheiro insalubre também.

Jesus contou a seguinte história a um grupo religioso que se orgulhava do próprio comportamento virtuoso: “Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho’”.[Nota 5]

É interessante que Jesus tenha contrastado um fariseu e um publicano. Enquanto os fariseus eram religiosos por fora, os publicanos, ou cobradores de

impostos, eram o oposto. Na época em que Jesus andou pela terra, os publicanos eram mais desprezados que qualquer outra classe. Considerados pela sociedade equivalentes aos assassinos, roubavam com regularidade da gente comum. Em uma época sem *e-mail*, cartas ou computadores, as pessoas só sabiam quanto dinheiro deviam pelo publicano. Uma vez que não havia como comprovar se ele estava ou não mentindo, o publicano costumava acrescentar um extra à conta, que retinha para si. É fácil imaginar por que as pessoas os odiavam tanto. O fariseu não permitiria nem que a orla de sua veste tocas-se um publicano. E aquele no templo, citado por Jesus, bradava para o mundo ouvir: "Sou reto e grato por não parecer com o sujeito dos impostos aqui ao lado, um ser desprezível, que não serve para nada".

Todavia, enquanto o fariseu proclamava "Obrigado, Deus, porque não sou como este publicano desclassificado e imoral!", não conseguia enxergar o próprio orgulho venenoso. É quase impossível detectar no espelho o orgulho espiritual. Quando alguém está convicto de seguir a religião certa, qualquer um que tente corrigi-lo estará obviamente errado. A religião tóxica infla seu hospedeiro. Polui e contagia a quem toca.

Certa vez um sujeito bateu à minha porta querendo compartilhar sua fé em Cristo. Entusiasmado por ver um cristão na rua compartilhando a fé, resolvi deixá-lo exercitar-se um pouco. Minutos depois de iniciada a apresentação, constatei que precisava jogar limpo com ele. "Na verdade, sou um cristão comprometido", disse, explicando como ficara impressionado com seu testemunho.

"Que igreja o senhor frequenta?", ele quis saber, todo animado. Sem revelar a minha função pastoral, respondi que fazia parte da Life Church.

Ao ouvir esse nome, o semblante dele desabou. Olhou em volta nervoso, inclinou-se para a frente e cochichou: "O meu pastor diz que o pastor da Life Church não prega a verdade".

Inclinei-me também para a frente e cochichei em resposta: "O seu pastor precisa ser circuncidado, e eu me ofereço para fazer isso".

Está bem, é claro que eu não disse nada disso. Ah, mas como queria ter dito! Por que você acha que tantos não cristãos não suportam os cristãos? Para início

de conversa, o nosso orgulho espiritual muitas vezes impossibilita que nos relacionemos em termos harmoniosos uns com os outros. Por que haveríamos de ser melhores com quem quer que seja? Alguns cristãos religiosos são tão convencidos de que seu jeito de viver a igreja é o único possível que menosprezam e condenam todos os outros estilos ou filosofias. Agindo assim, sem saber se tornam introspectivos e azedos. Por que diabos alguém sem Cristo haveria de querer se juntar a um grupo de pessoas religiosas desagradáveis, cínicas e hipercríticas? Graças a Deus, Jesus não veio para nos tornar religiosos. Ele nos trouxe as boas-novas da vida eterna.

Boas-novas, más novas

Você pode viver na igreja, como eu fazia quando criança, e não compreender o evangelho. Algumas pessoas têm um "conhecimento cerebral" de Jesus, mas não um "entendimento de coração" do evangelho. Em vez de saber sobre Jesus, precisamos conhecê-lo pessoalmente por meio do evangelho.

O evangelho oferece o poder de dar e transformar vidas por meio do dom gratuito da salvação concedido por Deus. Em três versículos, eis as boas-novas do evangelho resumidas com clareza:

> Portanto, ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei, pois é mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado.
>
> Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei [...], justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem [...].[Nota 6]

Isso é o oposto da religião, que é a má notícia das regras, dos fardos e da escravidão. O evangelho são as boas-novas da graça, da liberdade e da vida.

Paulo explica os três elementos fundamentais da mensagem do evangelho. Examinemos rapidamente cada um deles, de modo que o contraste entre evangelho e religião fique claro como cristal.

1. *Não se pode fazer por merecer a aceitação de Deus por meio da obediência à Lei.* A religião diz que você pode agradar a Deus por seus esforços ou por suas obras religiosos. Caso se esforce muito e faça mais coisas boas que ruins, você se qualifica para a aceitação de Deus. Mas Paulo demonstra que essa idéia não chega nem perto da verdade. Em vez disso, ensina: "Ninguém será declarado justo diante dele baseando-se na obediência à Lei". *Ninguém* inclui você e eu. Em outras palavras, até a pessoa mais religiosa, mais dedicada ao trabalho e mais fiel sobre a face da terra não será boa o suficiente a ponto de se qualificar para o céu. A justificação pelo esforço humano é impossível.

Qualquer coisa que afirme algo diferente disso é religião tóxica. No entanto pessoas, igrejas e denominações ainda impõem suas regras favoritas sobre os outros, levando-as a um falso senso de conforto espiritual. Um religioso pode afirmar todo orgulhoso "Não bebo, não fumo, não uso drogas ilícitas e não saio com garotas que fazem essas coisas", presumindo que seu comportamento o torna justo. O seu comportamento nunca fará de você um justo.

Essas boas-novas libertam você de tentar conquistar o favor de Deus por meio de muito esforço. Você pode tentar ser uma boa pessoa, ir à igreja, criar os filhos direito, doar algum dinheiro, evitar filmes ruins, procurar não praguejar e ainda assim não ser justo. Ninguém — incluindo você e eu — consegue ser bom o suficiente para Deus por méritos próprios.

2. *O propósito da Lei é mostrar que você necessita de um Salvador.* Paulo explicou que a Lei o conscientiza da sua condição de pecador. Que por intermédio dela você se torna ciente do pecado. Sejamos sinceros, a partir do momento em que você conhece os Dez Mandamentos, fica claro que já infringiu vários, se não todos. Sei que eu infringi. A Lei mostra que você não é bom o suficiente e que precisa de ajuda.

O evangelista e escritor Ray Comfort propõe uma série de perguntas para ajudar as pessoas a enxergarem a própria necessidade de Cristo. Eis a minha versão das questões dele: Você já contou alguma mentira? Se disser não, acaba

de mentir. É claro que já mentiu. E, como mentiu, o que isso faz de você? Resposta: um mentiroso. Pronto para mais uma pergunta? Você já deu mais importância a alguma coisa que a Deus? De novo, tenho certeza de que deu. O que isso faz de você? Resposta: um idólatra. Você já começou a se sentir mal acerca de si mesmo? Sigamos em frente. Você já roubou alguma coisa? Eu já. Se tomou para si algo que não pertencia a você, o que você é? Resposta: ladrão. Resumindo, somos pecadores mentirosos, idólatras, ladrões. E a lista poderia continuar. A lei nos mostra que não somos bons o bastante. Somos pecadores necessitados de um Salvador. Não precisamos de religião. Precisamos de Cristo.

3. *A justiça de Deus vem pela fé em Cristo exclusivamente.* Paulo não poderia ter sido mais direto: "Justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem [...]".[Nota 7] Uau! É a melhor notícia que você ouvirá na sua vida. Desfrute dessas palavras vivificantes bem devagar: "Justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que creem." Adoro a palavra "todos".

Que tal mais algumas perguntas? Esse "todos" inclui os céticos, os adúlteros ou quem luta contra a luxúria? "Todos" abrange quem pragueja, trapaceia e perde a cabeça cada vez que joga golfe? Pode apostar que sim. E quanto às pessoas que têm sido feridas pela religião, prejudicadas pelas regras e envenenadas por igrejas tóxicas? Evidente que sim! Qualquer um e todo aquele que deposita fé em Cristo serão feitos justos por Cristo. Inimaginável melhor notícia!

Vestido de glória

Com 20 e poucos anos e pastor associado em uma igreja metodista unida, eu era obrigado a me sentar na frente da congregação, em um dos quatro tronos existentes ali. Sim, isso mesmo, eu disse tronos. A rigor, imagino que fossem apenas cadeiras extravagantes de madeira, com grandes almofadas acolchoadas, mas, para mim, pareciam tronos. Até hoje não sei bem por que, mas esses tronos

não tinham todos o mesmo tamanho. Dois deles eram *king size* e reservados para o pastor sênior e seu braço direito, e dois eram menores, de aparência menos imponente, tamanho *júnior*. Estando eu na condição de pastor mais jovem e principiante, você pode imaginar qual deles eu ocupava.

Não só o pastor sênior e dois outros ministros se sentavam diante da igreja inteira em cadeiras iguais a tronos, com todo mundo olhando em nossa direção, como também usávamos túnicas aos domingos. Como se o meu trono menor não bastasse para me manter humilde, as túnicas também revelavam uma graduação. Os pastores ordenados que se sentavam nos tronos maiores vestiam uma túnicas majestosa, completa, com duas listas na vertical bem à vista de todos. A minha, por outro lado, parecia ter sido usada durante quarenta anos em um coral e depois emprestada a alguém para jogar futebol americano na lama. Era toda manchada e sem listas, proclamando ao mundo que eu não era um pastor maduro, só um *trainee* cheio de esperança.

Certo domingo, Nick Harris, meu pastor, pregou um sermão poderoso sobre a justificação pela fé. Expôs com paixão como os cristãos são justificados perante Deus só pela fé em Cristo. Acomodado fielmente no meu trono júnior, eu tomava notas e dizia "amém" nos momentos apropriados, ajudando o meu mentor e pastor. No meio da mensagem, como eu mantivesse as pernas cruzadas sob a túnica, uma delas começou a adormecer. Em vez de desdobrá-la para permitir o sangue fluir outra vez, resolvi ficar como estava. *Por que não deixá-la dormir?* , pensei, e isso meio que me divertiu. (Eu sei, talvez isso seja evidência do motivo pelo qual eu me sentava no trono menor e não usava listas na túnica.) Vários minutos depois, a minha perna formigava inteira até a região dos glúteos. Sorrindo por dentro e achando graça na possibilidade de quase ter matado uma das minhas pernas, proclamei bem alto "Amém!" na primeira oportunidade.

Foi quando, do nada, o pastor Nick fez algo que nunca fizera, nem voltaria a fazer. No meio do sermão, ele olhou para mim e disse: "Craig, por favor, fique em pé por um instante".

O quê? Ah, não! Eu não posso levantar. Metade do meu corpo está em coma. O que farei?

Em pânico, congelei como se brincasse de estátua.

“Craig”, Nick me exortou gentilmente, porém um pouco mais enérgico. “Levante-se, por favor”.

Tentei obedecer afinal. No momento em que pus o peso sobre a perna morta, comecei a tombar na direção do genuflexório que havia junto ao altar. Nick me segurou sugerindo com o olhar que eu devia ter bebido todo o vinho da ceia do Senhor entre um culto e outro. Endireitou-me enquanto eu passava todo o peso do corpo para a perna boa, estando ambas escondidas sob a túnica encardida. Graças a Deus pelas túnicas metodistas!

Diante da igreja lotada, Nick me perguntou: “Sua túnica é uma túnica *boa*?”.

Fiquei sem saber ao certo o que responder, mas ele me orientou com os olhos, indicando que estava em busca da verdade.

“Hum, na verdade, não”, respondi, no escuro quanto ao meu desempenho.

“Não?”, Nick esbravejou. “A sua túnica está horrorosa! Velha, mofada, patética mesmo.

(Então eu não era o único que tinha notado.)

“O que você acha da minha túnica? É bonita?”, ele perguntou então, requisitando uma resposta positiva. Como apoio ao meu “sim”, ele continuou: “De fato, é. A minha túnica está limpa, bonita, perfeita em todos os sentidos”. Foi quando sua ilustração espontânea começou a ganhar vida própria.

O pastor pediu para eu tirar a minha túnica e trocá-la com a dele. Com grande afeição, Nick colocou sua túnica imaculada e superior em mim enquanto a minha, velha e rota, caía ao chão. De repente, sentime tremendamente humilde sabendo que vestia agora uma túnica que não fizera nada para conquistar e com certeza não merecia.

Nick explicou com grande emoção que, sozinhos, estamos todos imundos, mortos no pecado. Mas, quando Cristo veio, colocou seu manto de justiça sobre o nosso pecado. Agora, em razão da nossa fé em Cristo, quando Deus olha para nós, não enxerga o nosso pecado. O nosso Pai do céu vê apenas a justiça de Cristo. Os nossos pecados estão cobertos. Aos olhos de Deus, somos puros.

O relacionamento engole a religião

Lembra-se da história que Jesus contou sobre o fariseu e o publicano? O fariseu religioso e dono da verdade levantou-se com ousadia na sinagoga e proclamou: “Vejam como sou justo! Faço todas essas coisas boas. Graças a Deus não sou como aquele publicano imprestável”. Jesus nunca defendeu esse tipo de orgulho religioso. Para deixar clara sua posição, ele continuou a história: “Mas o publicano ficou a distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas, batendo no peito, dizia: ‘Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador’ ”.[Nota 8] Em vez de sentir orgulho em si próprio, o publicano arrependido clamava a Deus por misericórdia.

Com certeza Jesus deixou atônitos os ouvintes com uma reviravolta inesperada dessas: “Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.[Nota 9] Em essência, Cristo pegou seu manto de justiça e cobriu os pecados do publicano, como faz hoje com os seus e os meus pecados.

A religião tóxica tenta acrescentar distintivos, insígnias e condecorações à veste perfeita e completa da justiça de Cristo. Religião é Cristo mais alguma coisa. Em Gálatas, alguns acharam que fosse Cristo mais circuncisão. No mundo atual, poderia ser Cristo mais afiliação a alguma igreja. Ou Cristo mais dízimo. Ou Cristo mais a doutrina ou a teologia “certa”. Só que o evangelho é Cristo mais *nada*. A obra final de Cristo sobre a cruz é tudo aquilo de que necessitamos. Para nos acertarmos com Deus, basta crer em seu Filho. Pela fé estabelecemos um relacionamento com Deus por intermédio de seu Filho ressurreto, Jesus.

Compare a religião tóxica com o evangelho puro. A religião tem tudo que ver com o que eu faço. O evangelho tem tudo que ver com o que Jesus fez. A religião tem que ver comigo. O evangelho tem que ver com Jesus. A religião destaca os meus esforços para agir certo. O evangelho destaca o que Cristo já fez. A religião me seduz para crer que, se eu obedecer a Deus, ele me amará. Mas o evangelho me mostra que, porque Deus me ama, devo obedecer-lhe. A religião coloca o fardo sobre nós. Precisamos agir corretamente. Um relacionamento com Cristo coloca o fardo sobre ele. E, em virtude do que ele fez por nós, devemos agir corretamente. Em vez de obrigação, o fato de vivermos

corretamente é uma reação ao seu dom.

Entregar nossa vida inteira a Cristo é a única resposta razoável para tamanho amor. Não há mais nada que necessitemos fazer. *Nada.*

Nota 1 - V. João 10.10, Almeida Revista e Atualizada. [Voltar]
Nota 2 - V. Lucas 5.32. [Voltar]
Nota 3 - Gálatas 1.6,7, grifo nosso. [Voltar]
Nota 4 - V. 1Samuel 16.7. [Voltar]
Nota 5 - Lucas 18.10-12. [Voltar]
Nota 6 - Romanos 3.20-22. [Voltar]
Nota 7 - Romanos 3.22. [Voltar]
Nota 8 - Lucas 18.13. [Voltar]
Nota 9 - V. 14. [Voltar]

Conclusão

Limpo e sóbrio

A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo.

— Tiago 1.27

Parabéns por chegar ao fim deste livro. Se você o tiver lido de capa a capa, terá se saído melhor do que costuma acontecer comigo. Sou incapaz de contar o número de livros que comecei, salientando e sublinhando as partes prediletas, só para atolar três capítulos depois e deixá-lo, lido pela metade ou nem isso, enterrado em alguma gaveta, ao lado de outra pilha de boas intenções. (Se você pulou direto para a conclusão, como a minha esposa costuma fazer, não me estou dirigindo a você. Subtraia dez pontos do seu placar. Quem você pensa que está enganando?) Por outro lado, se você leu tudo em atitude de oração, de coração aberto e na presença do Senhor, acredito sinceramente que o nosso Pai celestial deseja fazer algo especial na sua vida.

Chegou, porém, a hora de encarar a realidade. Este pode ser mais um livro que você lê sobre como fortalecer a fé e caminhar mais perto do Senhor, e blá-blá-blá. Na verdade, talvez você já tenha inventado todos os tipos de desculpas para explicar por que o ensinamento da Palavra de Deus contido entre estas páginas não se aplica à sua vida. Como a oração pública do fariseu agradecendo por não ser como o publicano e outros tão desprezíveis quanto ele, você pode estar orgulhoso de já saber tudo o que leu aqui. Talvez sinta até a presunção de quem acredita já ter dominado por completo essa coisa de Deus. Tem certeza de que o livro ajudará outras pessoas e se sente grato por não precisar fazer nenhuma mudança na sua vida.

Ou talvez você seja do tipo que frequenta uma igreja e acredita em Deus. Ler um livro cristão inteiro pode ter sido um pouco demais. Nesse caso, você poderia

sentir-se tentado a menosprezar toda essa história de Bíblia como uma autoajuda barata, na melhor das hipóteses, e uma muleta para quem falta força de vontade.

Outra hipótese: quer você seja um cristão comprometido ou nominal apenas alguém em busca da verdade, talvez este livro seja o catalisador que o incendiará para provocar a mudança necessária, levando-o enfim a se purificar e admitir que desta vez você quer que seja diferente. Tudo o que você deseja feito um desesperado é uma vida mais pura e santa, uma vida de busca desse Pai celestial que derrama amor em profusão sobre a sua vida, uma vida seguindo os passos de Cristo, entregue em favor de outros, com um alegre propósito mais realizador que qualquer coisa que o mundo tenha a oferecer.

Vamos então ao que interessa. É hora de decisão. O que você quer fazer? Terminar as poucas páginas que faltam, ticar este livro na sua lista e voltar para a vida como ela era? Ou você anseia por algo mais, diferente, melhor? Você deseja mesmo que Deus revele os poluentes, as toxinas e os venenos que o atingem de todas as direções? Quer que ele o purifique e substitua o veneno por paz, compaixão e alegria sobrenaturais?

A escolha é sua. Você pode encobrir o lixo espiritual que está acumulado na sua vida ou fazer algo corajoso: limpar-se dos erros passados e olhar para a frente, em direção a algo melhor. Se a opção for por algo diferente, permita-me que eu o advirta. Há um inimigo pronto para o imobilizar aí mesmo onde você está. Quem avisa amigo é: agora pode ser mais difícil mudar velhos hábitos que nunca. Viver limpo é uma soberba possibilidade.

Desculpas, desculpas

O problema é que, assim que você resolve ser diferente, os seus inimigos apresentam a você desculpas para continuar igual. No momento em que você toma uma decisão, já antevê o resultado porque, quanto mais pensa no assunto, mais o seu objetivo parece não valer o esforço. Envenenados pela complacência e viciados em mediocridade, começamos imediatamente a nos convencer de desistir de buscar o que mais desejamos. Antes que percebamos o que aconteceu,

as nossas boas intenções são descartadas como resoluções de ano-novo que evaporam em fevereiro.

Por que é tão difícil manter os nossos objetivos bem-intencionados? Creio que seja porque a maioria de nós tem intenções boas em vez de divinas, e a diferença é tremenda. As intenções boas giram ao nosso redor. Dizemos: “Eu gostaria que isso e aquilo fossem diferentes na minha vida”. Elas são centradas no eu. As intenções divinas, por sua vez, são centradas no que o nosso Pai deseja para nós. As nossas intenções tendem a focar o que pensamos querer, mas as intenções de Deus se concentram no que ele sabe serem nossas necessidades. Em vez de confiar nas nossas habilidades, na nossa força e na nossa determinação, se contamos com as intenções divinas, temos plena confiança no poder de Deus para fazer o que ele quer que façamos. E o poder de Deus é infinitamente superior à desculpa mais convincente.

O poder do questionamento, não da força de vontade

Portanto, se queremos que Deus complete o que começou em nós, como paramos de arranjar desculpas? Como abrimos mão das nossas boas intenções para mudar e, em vez disso, adotamos as intenções de Deus? Creio que a resposta está em como respondemos a duas questões. Primeira: Depois que você terminar de ler este livro, o que Deus quer que seja diferente na sua vida? Isso mesmo, você ouviu bem. O que Deus, o Criador do Universo, aquele que o ama e tem grandes planos para a sua vida, quer mudar no seu modo de viver? Eu o desafio a meditar nessa pergunta em atitude de oração e a pedir a resposta para Deus com honestidade e sinceridade. Talvez Deus queira o mesmo que você, mas, atribuindo a ele a idéia, a sua abordagem da mudança passará por grande transformação.

Talvez Deus queira tornar você mais autoconsciente. À medida que você descobrir as suas forças e fraquezas, ele o poderá inspirar a iniciar um ministério, abrir um negócio ou escrever um livro. Ou pode ser que Deus deseje

renovar a sua mente, substituindo as mentiras tóxicas por verdades eternas. Você tem estado preso às garras do medo, cujo veneno o tem impedido de obedecer ao que Deus põe no seu coração. Talvez você mantenha relacionamentos que se enquadrem na categoria de "más companhias". Deus mostrou com muita clareza que é preciso realizar algumas mudanças, mas você reluta, sem disposição para ferir sentimentos ou causar controvérsias. Seja honesto. O que Deus está mostrando a você que deveria ser diferente na sua vida?

A partir do momento que você tiver uma idéia do que Deus o está chamando para fazer diferente, pense na outra questão importante que precisa ser respondida: *por que* Deus quer que isso seja diferente na sua vida? Por que ele haveria de querer que você realize certas mudanças neste momento? Ligar os pontos entre "o que" e "por que" ele está pedindo isso é crucial se você quiser experimentar uma transformação duradoura e vivificante. Ao conectar esses dois pontos espirituais, você encontrará poder e motivação divina para executar a mudança.

Consideremos alguns exemplos. Talvez, ao meditar em atitude de oração no que Deus deseja que mude na sua vida, você acredite que ele o queira ver deixar de assistir a determinados programas (ou ler determinados livros, ou navegar em determinados *sites*, ou ouvir determinadas músicas). Por que Deus quer isso de você? Bem, porque essas coisas são ruins, certo?

Não, essa resposta foi dada por você, não por Deus! A resposta dele está fundamentada no fato de que o seu corpo é o templo do Espírito Santo. Ele quer que você tenha a mente de Cristo. Que você viva como Cristo viveu, ame como Cristo amou e faça o que Cristo fez. Ao envenenar a sua mente, você limita a sua vida. Deus quer algo melhor para ela.

Ou, então, depois de perguntar a Deus o que ele quer mudar na sua vida, talvez você descubra que ele deseja muito que você deixe de acreditar na mentira de que mais bens materiais é igual a uma vida melhor. Deus o vem incomodando para simplificar a sua vida, para fugir das dívidas. Por que ele quer isso para você? Porque o materialismo é ruim e as dívidas, piores ainda? Não, esse conceito é seu.

Deus o quer libertar do serviço às coisas menores deste mundo. Ele deseja que

você conheça a verdadeira alegria de servir só a ele, não às coisas criadas. Deus quer você livre do desejo ardente deste mundo, do anseio por coisas que não durarão, da escravidão da dívida. Deus quer dar a você algo melhor do que o mundo tem para oferecer.

Quando você conecta o "porquê" espiritual com o "o quê" espiritual, de repente todas as desculpas que costumavam manter você afastado começam a desaparecer. Você se descobre motivado por aquele que pediu a você para agir, e age para a glória dele. Ao conhecer o que Deus quer de você, ao concordar com o que ele o está chamando a buscar, não há desculpa na terra capaz de impedir que isso aconteça.

É comigo?

Pare e pense um pouco em uma história do Antigo Testamento, grande exemplo das nossas desculpas humanas e da resposta de Deus a elas. Deus chamou Moisés para ajudar a libertar os israelitas da escravidão dos egípcios. O povo clamara por libertação, de modo que Deus escolheu um homem para conduzir a mudança. Na mesma hora, Moisés se viu fora de sua zona de conforto. A minha experiência confirma o que vemos aqui: quando Deus nos pede para fazer algo, não é sempre algo que conseguimos realizar com facilidade — na verdade, pode parecer-nos impossível. Afinal, se pudéssemos realizá-lo com facilidade, não precisaríamos de Deus.

Então, em rápidas palavras, Deus disse: "Moisés, você é o cara para mim".

Moisés respondeu: "Er, sinto muito, Deus. Não sou esse cara, não". E, antes que você conseguisse terminar de assar um *marshmallow* em uma sarça ardente, ele começou a dar desculpas. "Disse, porém, Moisés ao SENHOR: 'Ó Senhor! Nunca tive facilidade para falar, nem no passado nem agora que falaste ao teu servo. Não consigo falar bem!' ".[Nota 1] Em resumo, Moisés estava dizendo: "Obrigado, mas não obrigado, Deus. Muito legal da sua parte me convidar, mas tenho essa dificuldade de falar em público. Não sou bom o suficiente para falar sobre pastoreio de ovelhas em feira agropecuária, o que dirá para fazer um

discurso importante desse na frente do faraó".

Moisés voltou o foco para suas incapacidades, em vez de se concentrar nas habilidades ilimitadas de Deus. Olhou para seu poder limitado em vez de para o poder ilimitado de Deus. Talvez você se sinta tentado a fazer o mesmo. Quando Deus mostra algo que ele quer que você mude na sua vida, você talvez hesite e pense: *Não posso fazer uma coisa dessa*. Mas Deus tomará em relação a você a mesma atitude que tomou com Moisés — irá direto ao ponto: "Disse-lhe o SENHOR: 'Quem deu boca ao homem? Quem o fez surdo ou mudo? Quem lhe concede vista ou o torna cego? Não sou eu, o SENHOR?'".[Nota 2] Em outras palavras: "Não fui eu que criei você, Moisés? Será que o conheço melhor do que você mesmo? Se eu pedir para você fazer algo, não acha que, como estou do seu lado, o ajudarei a realizá-lo?".

Quando Deus mostra o que ele quer que você mude, você não acha que ele também o ajudará a levar a tarefa a cabo? Não acha que ele colocou este livro nas suas mãos neste momento particular da vida por uma razão?

Voltando ao nosso amigo Moisés, descobrimos que Deus agiu como um pai severo quando disciplina. Basicamente, ele mandou Moisés parar de choramingar e começar a crer: "Agora, pois, vá; eu estarei com você, ensinando-lhe o que dizer".[Nota 3] Deus o estava incentivando: "Vá em frente, faça o que pode, dê o próximo passo. Eu dei a você uma tarefa para executar. Então pare de pensar no assunto e deixe de arranjar desculpas; vá e faça, só isso!".

A hora certa

Se você está lendo isto e sabe o que Deus quer que você faça, então vá e faça! É sério. Alguém disse: "Obediência protelada é desobediência". Não ouse protelar! Se Deus mostrou no que ele deseja que você viva diferente, se revelou do que você precisa abrir mão e o que deve abraçar, não desobedeça procrastinando e esperando chegar "a hora certa". A hora é esta. A hora é agora!

A menos que Deus tenha fornecido uma data, ele está falando *deste exato momento*. Como quando Amy ou eu pedimos a um dos nossos filhos para buscar

alguma coisa em outro cômodo da casa. “Daqui a pouco, pai”, eles respondem. “Espere eu concluir este nível do Angry Birds que vou lá buscar.” E eu pensando: *Que tal brincarmos um pouco de Angry Parents?* [Nota 4] *Estou pedindo para ir agora, não dentro de um ou dois minutos, quando você não tiver nada melhor para fazer!*

Se Deus quer que você pare de fumar e você espera nele que o desejo vá embora, mas continua acendendo um cigarro atrás do outro, só tenho uma coisa a dizer: você é maluco! Não por fumar — todos temos os nossos vícios —, mas por não fazer a sua parte. Jogue os cigarros fora. Converse com o seu médico, peça ajuda, junte-se a um grupo, livre-se da fumaça. Agora! Se você sabe que precisa livrar-se de um relacionamento tóxico no trabalho, mas espera que Deus remova a pessoa para outro departamento, de modo que você não precisará ferir-lhe os sentimentos, você também é maluco. Faça o que estiver ao seu alcance, seja ter uma conversa difícil confrontando a pessoa, seja resolvendo de vez o problema e pedindo para ser transferido.

Se acredita que Deus quer dar a você relacionamentos sadios para substituir os tóxicos, aja de acordo com o que ele mostrar. Se sente que ele deseja que você faça amizade com uma pessoa do seu grupo de leitura, pegue o telefone e ligue para ela. Não espere ficarem presos no elevador; tome a iniciativa e dê o próximo passo. Se Deus quer que algo seja diferente na sua vida, você deve fazer o que sabe, e agora!

Deus concluiu a mensagem para Moisés dizendo: “Vá, e quando você for, eu o ajudarei e o ensinarei”. Ele deixou implícito que Moisés tinha de fazer sua parte e confiar que ele faria o resto. Deus dá o pontapé inicial, e nós reagimos de acordo.

Pense no que poderá ser diferente na sua vida e na de quem está ao seu redor se você parar de dar desculpas e passar a viver segundo os propósitos de Deus, abrindo mão dos próprios planos. Se de fato você tem vontade de levar uma vida mais limpa, mais pura, mais centrada em Cristo, mais cheia do Espírito, é hora de pôr em prática os próximos passos que você já sabe dar. Faça o que estiver ao seu alcance e confie em que Deus fará o que você não pode.

A minha oração é que, neste exato momento, Deus esteja falando ao seu

coração e que a mensagem dele soe em alto e bom som para você.

Você consegue ouvi-lo?

Agora vá — na força e pelo poder dele — e aja!

Sucesso!

Nota 1 - Êxodo 4.10. [Voltar]
Nota 2 - êxodo 4.11. [Voltar]
Nota 3 - V. 12. [Voltar]
Nota 4 - Trocadilho com o nome do jogo Angry Birds, “pássaros zangados”. Quer dizer “pais zangados”. [N. do T.] [Voltar]